

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
E SAÚDE PÚBLICA

Revista do Ensino

Sumário

COLABORAÇÃO

- DR. J. CASTILHO — *Princípios fundamentais da alimentação.*
ABEL FAGUNDES — *Cinco sinais de educação.*
EDITE NEVES — *Ensino Pre-primário.*
J. AMÉRICO DA COSTA — *A Escola e a Educação Física.*
CLIDÉIA TAVARES — *Os Trabalhos Manuais.*
IRENE LUSTOSA — *A criança aos 7 anos*

TRANSCRIÇÕES

- LEITURAS PARA EDUCADORES
I — *Educadores da América:— Vicente Donoso Tórres*
II — *A escola ativa na Argentina*
III — *Assim são os projetos...*
IV — *O ensino secundário no Uruguai*
V — *A Educação Física no México*
VI — *Um coeficiente volúvel.*
EMÍLIO MIRA LOPEZ — *Psicopedagogia da Sociabilidade.*
CÉLICA PONTES — *Educação da Criança*
— *Em nossas Escolas*

REVISTA DO ENSINO

(2.º SEMESTRE—1939)

Princípios fundamentais da alimentação



A "Associação das Cantinas Escolares", com sede nesta Capital à rua Rio de Janeiro 616, tendo por fim incentivar a criação de cantinas ou cozinhas nas escolas primárias e, ainda, o estudo das questões afinentes à higiene alimentar das crianças, incumbiu ao seu Conselho Técnico, a que pertence o autor deste trabalho, ventilar temas de aplicação prática e referentes aos seus objetivos.

As linhas que seguem visam habilitar qualquer pessoa interessada — principalmente as diretoras e professoras de estabelecimento de ensino primário — a organizar tipos convenientes de dietas, baseando-se em dados de aquisição relativamente recente.

Representam pois, tão somente, uma tentativa de vulgarização de conhecimentos de alcance prático e de objetivo imediato. Aqui são apenas considerados os alimentos orgânicos, não se fazendo referência aos sais minerais e às vitaminas, uns e outros aliás encontrados em muitas das substâncias alimentares citadas.

O meio mais prático e seguro para se organizar um regime conveniente basea-se no conhecimento das necessidades alimentares de determinado indivíduo e no do valor calorífico dos diferentes elementos constitutivos dos alimentos: hidratos de carbono, gorduras e proteínas. Como se sabe chama-se *caloria* a quantidade de calor necessária a elevar de 1.º centígrado uma grama de água. Esta quantidade re-

presenta a *pequena caloria*. A *grande caloria*, mil vezes maior, representa a quantidade de calor capaz de elevar de 1.º centígrado 1 quilograma de água. É esta a empregada nos estudos sobre a nutrição e a que nos referimos nas considerações seguintes. De modo que, sempre que falamos em calorias nos reportamos à grande caloria.

O valor calorífico daqueles elementos fundamentais é o seguinte: — Hidratos de carbono — 4,1 cal. por grama; gorduras — 9,45 e proteínas — 5,65. Estes números representam, estreitamente, o valor calorífico total, parte do qual se perde durante os processos digestivos:

Hidratos de carbono — perda	2%	Absorção	98%
Gorduras — — — — —	5%	“	95%
Proteínas — — — — —	8%	“	92%

Deduzidas estas perdas, o valor calorífico real ou *fisiológico* reduz-se pois, ao seguinte:

Hidratos de carbono —	4,1 X 98% = 4 cal.
Gorduras — — — — —	9,45 X 95% = 9 cal.
Proteínas — — — — —	4,65 X 92% = 4 cal.

Estes últimos algarismos representam assim os valores aproveitáveis ou o valor energético prático.

Valor calorífico dos alimentos na nutrição. Conhecida a composição de um alimento, torna-se fácil computar o seu valor calorífico aproximativo, tendo-se em vista o acima estabelecido.

Assim, o leite comum contém: — 5% de hidratos de carbono, 4% de gorduras e 3,3% de proteínas, de modo que 100 gramas de leite fornecerão, sob a forma de hidratos de carbono (5,0X4)=20 cal.; de gorduras (4,0X9)=36 cal. e, de proteínas, (3,3X4)=13,2 cal. ou, no total, 69,2 cal. Quer isto dizer que um litro de leite fornecerá, em média, 692 cal.

Os ovos contêm, na porção comestível, 10,5% de gorduras, 13,4% de proteínas e qualidades inapreciável de hidratos de carbono. Fornecem, pois, por 100 gramas: — (10,5X9) — (13,4X4)=148,1 cal.

Como fontes de energia, em peso, as gorduras são as mais ricas, vindo em segundo lugar as proteínas e, finalmente, os hidratos de carbono. Sob este aspecto, as quantidades de alimento consideradas com equivalentes ou mutuamente substituíveis são as que fornecem igual valor calorífico, isto é, porções de 100 calorias, cujos pesos podem ser calculados diretamente do valor calorífico de 100 grams.

Assim, para o leite, 100 grams. fornecem 69,2 cal.; então, si X for o número de grams. que fornecerão 100 cal.; teremos:

100: 69,2:: X : 100 = 145 — Isto é, são precisas 145 grams. de leite para fornecerem 100 cal.

Para os ovos:

100: 148 :: X : 100 = 68 grams. para 100 cal.

Nota-se que os extremos são sempre os mesmos, de modo que, o peso em grammas para fornecer 100 cal. pôde ser encontrado dividindo-se 10.000 (produto dos extremos), pelo número que representa as calorias por 100 grams.

Necessidade alimentar calculada em calorias. Desde o 1.º ano de idade até que se complete o desenvolvimento a necessidade de alimentação aumenta, porém não tão rapidamente quanto o aumento de peso, de modo que, si a provisão de alimentos se torna maior *por dia*, torna-se menor *por quilograma* de peso do individuo.

Tão aproximadamente quanto possível, a necessidade alimentar pode ser calculada dentro dos seguintes limites:

De 6 a 9 anos — de 70 a 80 cal. por quilogr. de peso.

De 10 a 13 anos — de 65 a 75 cal. por quilogr. de peso.

De 14 a 17 anos — de 50 a 65 cal. por quilogr. de peso.

De 18 a 25 anos — de 40 a 55 cal. por quilogr. de peso.

Estas variações se referem principalmente ao crescimento mais rápido ou a trabalho muscular ou a actividade física mais intensos. Naturalmente um maior número de calorias é necessário aos indivíduos de crescimento mais rápido

ou que são obrigados a maior gasto de energia, em actividade física mais intensa.

Considerados os dados acima e o peso encontrado para as crianças de nossas escolas as suas necessidades caloricas podem ser fixadas nos seguintes termos:

Pêso Calorias por dia

IDADE	M		F	
	M	F	M	F
7.....	19,50	13,70	1800-1900	1800-1900
8.....	21,70	21,50	1560-1700	1560-1700
9.....	24,30	23,00	1700-1900	1700-1900
10.....	25,50	26,40	1700-1900	1700-2000
11.....	26,50	26,50	1700-2000	1700-2000
12.....	29,50	32,70	1900-2200	2100-2400
13.....	30,40	33,20	2000-2300	2200-2500
14.....	34,00	37,50	2000-2300	2200-2500

O cálculo aí é feito para grupos de pessoas distribuídas segundo a idade. Querendo-se individualizar, nada mais se terá a fazer senão multiplicar o número de calorias correspondentes à idade, pelo peso actual do indivíduo em apêço.

Distribuição dos elementos constitutivos da dieta. Não é bastante saber-se que a criança precisa de tantas calorias e fornecê-las de qualquer modo, lançando-se mão de um dos grupos de alimentos já considerados. A dieta deverá ser variada e constituída pelos diferentes grupos de alimentos fundamentais, e, além disto, em proporções convenientes.

Para nos orientar quanto à distribuição que numa dieta racional deva ser dada a cada um dos três grupos elementares de alimentos podemos tomar por base ou padrão a dieta-módulo de Voit.

Para um homem de trabalho muscular moderado Voit atribue 2.976 (ou em números redondos, 3.000) calorias, distribuídas da seguinte maneira:

	PÊSO	Calorias	% em peso	% em calorias
Proteínas	118 grams.	472	17 %	16 %
Gorduras	56 grams.	504	9 %	17 %
Hidratos de Carbono.....	500 grams.	2.000	74 %	67 %
Total.....	674 grams.	2.976		

Como se vê, tanto em peso quanto em calorias cabe o primeiro lugar na alimentação aos hidratos de carbono que concorrem com 74% do peso total da dieta e com 67% das calorias totais. Este facto é de grande importância económica, pois são os hidratos de carbono os alimentos mais comuns e, em consequência, os mais baratos.

Orçamento — Poderá parecer interessante considerar-se como se deve organizar um orçamento de uma boa alimentação, com o valor relativo atribuível aos diferentes alimentos. Está visto que haverá variações mais ou menos consideráveis de lugar para lugar, tendo-se em vista as diferenças de preços. Não será difícil, entretanto às donas de casa ou directoras de estabelecimentos onde se forneçam refeições organizar os seus orçamentos, tomando por modelo o de miss Gillett que abaixo transcreveremos. Segundo esta autora, a importância total destinada aos alimentos será dividida em quintos:

1½ mais ou menos, para vegetais e frutas;

1½ ou mais, para leite e queijo;

1½ ou menos, para carnes, peixes, ovos;

1½ ou mais, para pão e cereais;

1½ ou menos, para gorduras, açúcar e outros deces e auxiliares da alimentação.

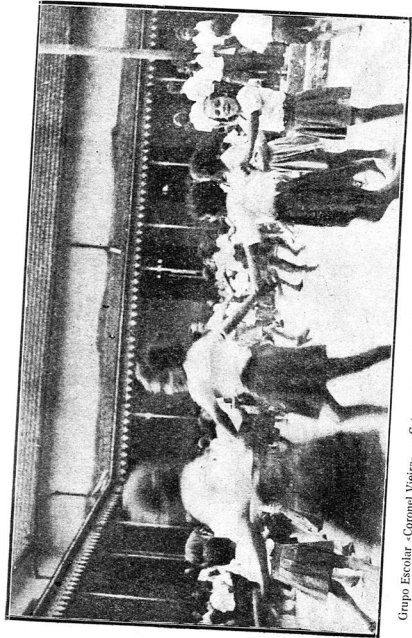
Oferecemos em seguida uma lista de diversos alimentos, com a porcentagem de proteínas, gorduras e hidratos de carbono de sua composição, bem como da quantidade de cada um capaz de fornecer 100 calorias. Será assim relativamente fácil a organização de vários tipos de refeições, de acordo com os princípios precedentes.

Comestíveis orgânicos e valor calórico de alimentos

	Proteínas %	Gorduras %	H. C. %	Grams. para 100 cals.
Amêndoas.....	21,0	54,9	17,3	15,0
Toucinho defumado.....	19,5	64,8	—	16,0
Maçãs.....	0,4	0,5	14,2	159,0
Bananas.....	1,3	0,6	22,0	101,0
Feijão seco.....	22,5	1,8	59,6	29,0
Ervilhas secas.....	2,3	0,3	7,0	241,0
Carne (média).....	15,8	28,5	—	31,0
Figado.....	20,4	4,5	1,7	78,0
Lingua.....	18,9	9,2	—	63,0
Castanhas do Pará.....	17,0	66,8	7,0	14,0
Pão total.....	8,9	1,8	52,1	38,0
Torradas.....	11,5	1,6	61,2	35,0
Pão branco.....	9,1	1,6	53,3	38,0
Manteiga.....	1,0	85,0	—	13,0
Coalhada.....	3,0	0,5	4,8	280,0
Couve.....	1,6	0,3	5,6	317,0
Cenoura.....	1,1	0,4	9,3	221,0
Couve-flor.....	1,8	0,5	4,7	328,0
Queijo (média).....	28,8	35,9	0,3	23,0
Chocolate.....	12,9	48,7	30,3	16,0
Milho verde.....	3,1	1,1	19,7	99,0
Peprinos.....	0,8	0,2	3,1	575,0
Passas.....	2,4	1,7	74,2	31,0
Ovos (crus).....	13,4	10,5	—	68,0
Figos secos.....	4,3	0,3	74,2	32,0
Farinha de trigo (média).....	14,0	1,9	71,2	28,0
Uvas.....	1,3	1,6	19,2	104,0
Grape-fruit.....	0,6	0,1	12,2	193,0
Pernil fresco, magro.....	25,0	14,4	—	41,0
Angú.....	8,3	0,6	79,0	28,0

	Proteínas %	Gorduras %	H. C. %	Grams. para 100 cals.
Mel.....	0,4	—	81,2	31,0
Alface.....	1,2	0,3	2,9	525,0
Macarrão.....	13,4	0,9	74,1	28,0
Leite condensado.....	8,8	8,3	54,1	31,0
Leite desnatado.....	3,4	0,3	5,1	273,0
Leite.....	3,3	4,0	5,0	145,0
Melado.....	2,4	—	69,3	35,0
Aveia.....	16,1	7,2	67,5	25,0
Azeitonas.....	1,7	25,0	4,3	40,0
Cebolas frescas.....	1,6	0,3	9,9	206,0
Laranjas.....	0,8	0,2	11,6	195,0
Pêssegos frescos.....	0,7	0,7	9,4	242,0
Pêssegos em lata.....	0,7	0,1	10,8	213,0
Amêndolm.....	25,8	38,6	24,4	18,0
Peras frescas.....	0,6	0,3	14,1	158,0
Ervilhas secas.....	24,6	1,0	62,0	28,0
Ervilhas verdes.....	7,0	0,5	16,9	100,0
Abacaxis frescos.....	0,4	0,3	9,7	232,0
Pinhas.....	3,39	49,4	6,9	16,0
Costeleta de porco (média).....	16,6	33,1	—	20,0
Linguiça.....	13,0	44,2	1,1	22,0
Batatas (cruas).....	2,2	0,1	18,4	120,0
Batatas doce (cruas).....	1,8	0,7	27,4	81,0
Amêixas (secas).....	2,1	—	73,3	33,0
Peplnos.....	1,0	0,1	3,2	389,0
Passas.....	2,6	3,3	76,1	29,0
Arroz.....	8,0	0,3	79,0	29,0
Espinafre (fres.o).....	2,1	0,3	3,2	417,0

	Proteínas %	Gorduras %	H. C. %	Grams. para 100 cals.
Abobora.....	1,4	0,5	9,0	217,0
Assucar.....	—	—	100,0	25,0
Tomates frescos.....	0,9	0,4	3,9	438,0
Tomates (massa).....	1,2	0,2	4,0	442,0
Peru.....	21,1	22,9	—	34,0
Metancia.....	0,4	0,2	6,7	332,0
Peixe Branco.....	22,9	6,5	—	67,0



Grupo Escolar «Coronel Vieira» — Cataguazes. — Instantâneo tirado durante o recreio. — (Classe de 1.º ano).

Cinco sinais de educação

Abel FAGUNDES
 Inspetor técnico do ensino

O tema não é nosso. Tomamo-lo de empréstimo a Micholas Murray Butler, presidente da Universidade de Colômbia, E. U., que em discurso o observou há 37 anos. São os seguintes os cinco sinais de educação:

1.º) correção e precisão no uso da língua nativa; 2.º) modos distintos e corteses, que expressam hábitos fixos de pensamento e ação; 3.º) poder e hábito de reflexões; 4.º) capacidade de desenvolvimento; 5.º) eficiência, isto é, capacidade para a ação.

Comentemos ligeiramente cada um destes tópicos

Correção e precisão no uso da língua nativa

A linguagem é sempre a matéria predominante nos programas de ensino, excluídos os dos cursos de especialização. Desde todos os tempos notamos que a escola faz dessa disciplina o seu centro e o seu "pívol". A razão é que a linguagem é o fenômeno social mais importante da história. Nasceu de uma necessidade tão forte do ponto-de-vista social quanto a da alimentação do ponto-de-vista individual. Seu valor instrumental é incomparável. Sem ela a história humana seria um perpétuo recomeçar; a experiência seria privativa do experimentador e de suas testemunhas, e no rápido evoluer de uma vida o ser humano não teria tempo sinão para as aquisições rudimentares ligadas às necessidades imediatas da vida vegetativa.

A linguagem uniu a família, criou ou solidificou o clan, a horda, a tribo, a cidade, a nação. Indispensável sempre, imprescindível hoje.

É mister distinguir: — há uma linguagem culta e uma linguagem popular. Aquela é a fala geral; viveiro, destinada a atravessar os tempos; esta, a fala descosida, incerta, instável, do povo, mutável de geração para geração e de grupo para grupo. Atente-se, por ex.: na gíria: dentro do mesmo Estado, na mesma região, às vezes, não entende a gente várias expressões rasteiras, e, entretanto, compreende perfeitamente o dizer das pessoas cultas. A gíria muda e passa: a verdadeira substância da língua vive e navega segura através dos tempos. A vitalidade estupenda das línguas clássicas, com os seus Hesíodos, Homeros, Sócrates, Platões, Lucrécios, Cíceros, Demóstenes, deriva justamente do seu primor estrutural e significativo, permitindo a expressão exata do pensamento e sua consequente compreensão e difusão. Na massa ductil e afeiçoável da linguagem culta é possível aos artistas vasarem as concepções elevadas e as emoções da beleza. Na algaravia dos "patois", na fala desleixada e sórdida dos páteos dos milagres e das favelas, somente é possível vasarem-se os dengues dos sambas...

Ora, a escola precisa preparar a criança para a vida plena e bela, ou para tal encaminhá-la. Há-de, pois, tratar com carinho particularíssimo a língua materna, laço efficientíssimo de solidariedade nacional, e instrumento pessoal de uso obrigatório e constante. Não é só para as suas relações normais, domésticas, comerciais, funcionais, que o indivíduo a necessita. Dela precisa para divertir-se. Pobre de vocabulário, não poderá entreter-se com uma pessoa culta; deletreará dificilmente os dísticos dos "filmes" cinematográficos; lerá pela metade as revistas e jornais; os prazeres de teatro radiofônico só em parte lhe serão propinados; dirá e escreverá dificilmente o que pensa e deseja, e por isso obterá sempre pouco ou nada; arrisca-se a ser ludibriado, a assinar contratos ruinosos; e estará impedido de entrar nos santuários onde os mestres do pensamento — filósofos, cientistas, literatos — ministram os ensinamentos da sabedoria ou da beleza.

Sob triplice aspecto deve ser encarada e ensinada a linguagem: a) o gráfico; b) o significativo; c) o sintático. Queremos dizer que as palavras precisam de ser corretamente grafadas. As disgrafias dificultam a leitura, e às vezes truncam e mudam o sentido. O exato conhecimento da significado dos termos é indispensável. Sócrates não conversava antes que o interlocutor lhe expusesse o sentido preciso que emprestava às palavras. E foi por tê-las criado com verdadeira arte filológica que Aristóteles se vinculou a toda a filosofia posterior à sua, porque não se filosofa sem o emprego dos termos técnicos que urdiu. A palavra própria, convenientemente situada no discurso, flexionada com acerto, eis o que constitui a precisão e a correção. Por muito árdua que seja a tarefa, ou por isto mesmo, é que a escola tem o impostergável dever de não descurar um só instante o problema da linguagem. E se ela não pôde fazer milagres, realizando em quatro anos o que em regra só obtém cada qual ao cabo de lentos anos de porfiado estudo, cumpre-lhe, quando menos, dar à criança um interesse real pela língua, que ela deverá estudar de continuo, menos atendo-se a regras cristalizadas de gramática do que frequentando os mestres do bem dizer e escrever, e a êles se compondo.

MANEIRAS DISTINTAS E CORTEZES

Eis aí, vimos, o que o eminente educacionista americano considera o segundo sinal de educação. Será necessário encarecer a valia dos hábitos de urbanidade? Será mister lembrar que só êles possibilitam a sociabilidade, que é a suprema conquista humana? Far-se-á preciso salientar o valimento da polidez em todas as profissões, desde que ninguém se pode manter fóra do contacto com os homens?

É evidente, porém, que não se trata de fazer os educandos decorar manuais de civilidade, recheados dessas niquices, zumbaias e formalidades tão do paladar dos ociosos e pedantes.

E é por isso que Butler fala de "maneiras distintas e corteses, que exprimem hábitos fixos de pensamento e ação".

De que serve essa polidez epidérmica correntia nos salões, se o cavalheiro só a emprega para com aqueles de quem depende, pronto sempre a descompor, injuriar e menosprezar os que lhe ficam abaixo na classificação social? Não se trata de criar personalidades postiças, duplices, reverentes para com os grandes e opressoras dos pequenos. O que se objetiva é a formação de caracteres dignos, de homens que sejam os mesmos para com todos, tão apumados dentro de um salão de festas ou em derredor de uma mesa de banquete, como no recesso do seu lar ou numa rua deserta.

Poder e hábito de reflexão

Temos aí o terceiro sinal de educação. Devemos confessar que esse importante objetivo de educação não tem merecido entre nós maior atenção. Se a vida é para todos nada mais nada menos que uma série de problemas, e problemas não se resolvem sem a análise minudente dos dados em cotêjo com a incógnita do problema, segue-se que a função primordial da educação é desenvolver o poder de reflexão, criando o hábito de refletir. Temos delegado essa função aos nossos problemas de aritmética, como se só houvesse na vida prática problemas de número, como se no comércio social tudo fôsse comprar e vender, combinar números e obter repostas numéricas. Ainda não perdemos a fé no hoje tão desmoralizado poder educativo das matemáticas. Esquecemos que há problemas domésticos, problemas sociais, problemas profissionais, problemas higiênicos, problemas de conduta, que são, estes sim, os mais importantes.

E' certo que todo o sistema de ensino e educação deve estar organizado com vista a este objetivo, e as modernas técnicas didáticas (método-projeto, método-problema) são processos claramente adequados à fortificação do poder de refletir e à implantação do hábito de pensar.

Sabemos que na criança pensamento e ação caminham juntos, e não raro esta precede aquela. E como a escola se não tem lembrado de que deve levar o educando a subordinar a ação ao pensamento, tem ela fomentado a impulsividade, a precipitação, fonte inesgotável de arrependimentos, muito úteis talvez do ponto-de-vista da moral religiosa mas infelizmente inúteis na vida prática, porque a reparação ou a destruição de um erro póde sanar o erro em si, mas nunca extirpará os efeitos por êle causados enquanto vigente.

Ninguém pensa por querer. O pensamento não se exercita sem motivo, é uma atividade utilitária por excelência.

Precisa de *motivos*. O trabalho escolar deve fornecer êsses motivos, ou interesses, ou pelo menos atender a êles.

E só através de programas recheiados de questões palpitantes e atuais, tratadas não como matéria a ser ensinada, mas como lances vitais que requerem solução, será possível concentrar, focar a atenção da criança e robustecer-lhe e fixar-lhe o hábito de repetir.

Capacidade de desenvolvimento

A educação tem sido ultimamente considerada sinônima de desenvolvimento, de crescimento. Quando se diz, pois, que uma pessoa é educada, devia-se forçosamente entender que é uma pessoa capaz de desenvolvimento. Se consideramos que a obra de educação sistemática se interrompe muito cedo para a maioria dos indivíduos, compreenderemos então a importância singular da capacidade de desenvolvimento, que é, por outras palavras, o poder de o próprio indivíduo prosseguir na sua educação, sendo dela, ao mesmo tempo, agente e paciente.

Talvez nenhuma outra tarefa seja tão difícil como esta para o educador. Sua realização implica um ajustamento total da obra educativa ao objetivo em foco.

Um sistema disciplinar por demais rígido e formal não se compatibiliza com o crescimento da personalidade, que tem de confranger-se, mutilar-se, acomodar-se dentro da vida formal que uma tal situação exige. Só quando a escola se adequa às peculiaridades da criança, como criança e como indivíduo; só quando ela admite, reconhece e estimula o edu-

cando para realizar-se e formar-se com as suas características próprias, é que ela pôde dotá-lo de capacidade de desenvolvimento.

Horários, problemas, métodos de trabalho, tudo isto contribue para criar ou extinguir essa capacidade. Se esses elementos da vida escolar constrem a criança, inoculando-lhe e incrementando-lhe o desagrado pelo trabalho, mantendo-lhe o interesse, sepultando-lhe a curiosidade, não é lícito esperar que as vítimas de tais cadeias levem da escola aquele insaciável desejo de conhecer e de produzir, desejo que é o fundamento psíquico, o fator primacial do desenvolvimento.

Eficiência ou capacidade para a ação

O poder de ação será deveras um característico da educação, ou será também um "goal" em matéria de educação?

Por outras palavras: devemos considerar não-educado o homem que não possui aptidão para agir?

Parece que sim. Afinal de contas, a ação é a tradução vívida, é a objetivação externa da personalidade. Assim como não são os belos pensamentos, as imagens felizes, o que faz os grandes poetas, e sim os versos em que aqueles e estas se enquadram, da mesma sorte só os atos humanos dão a medida do homem.

A educação é de natureza utilitarista. Numa frase ela se define quanto ao seu meio e ao seu fim: "saber melhor para melhor agir". Na sociedade atual não há lugar para os improdutivos, para os estéréis. Todos devem criar. Não se trata, é certo, de produção de coisas concretas, susceptíveis de peso e medida, mas de realizações em qualquer domínio, mesmo que seja no do pensamento puro.

Precisa, pois, a escola, de possibilitar à criança uma vida dinâmica e criadora, pela qual ela verifique a extensão de seus poderes e se habitue a agir. Se isto era impossível na velha escola livresca que parecia destinada a transformar meninos em papagaios ou em bonecos palradores por artes

de ventriloquia, é possível hoje com a adoção de sistemas educativos mais racionais. Cultivando a espontaneidade infantil, fazendo da escola uma oficina de trabalho, permitindo que as crianças pensem para fazer, a escola nova bem orientada as conduza à ação e à eficiência.

Eis aí um largo e quase integral programa traçado em cinco itens pelo eminente educacionista. Acrescentemos a formação ética, a sensibilização da consciência, a estabilização da conduta moral em face dos homens, e tê-los-emos completado.

Realizaremos um dia essa ingente tarefa? Talvez nunca. Nosso dever, porém, é, caminhar em rumo do ideal, ainda que o saibamos situado na linha inatingível do horizonte fugitivo...

ABEL FAGUNDES

Vida escolar em Minas Gerais

Pedimos aos srs. diretores de estabelecimentos de ensino público e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normais e ginásios) que nos forneçam, para serem publicadas, fotografias (instantâneos, de preferência) documentárias da vida escolar em nosso Estado.

Ensino pré-primário

(Trechos de relatório)

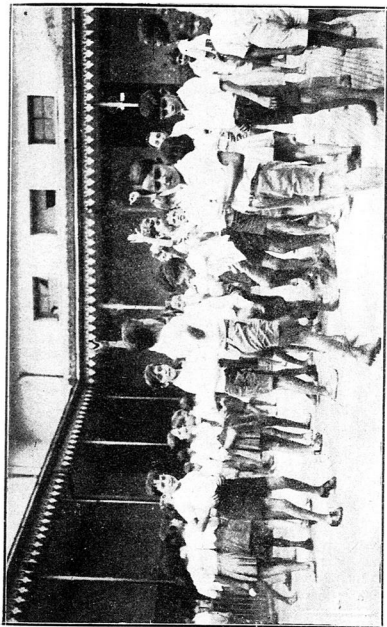
Edite NEVES

Os trabalhos realizados durante o 2º semestre de 1938, na ESCOLA INFANTIL "DELFIN MOREIRA", obedeceram à seguinte organização:

Foi especialmente visado o desenvolvimento sensorial dos alunos, base do ensino pre-escolar, utilizando-se para isto jogos, excursões, desenhos, trabalhos manuais (cartonagem, contorno e recorte em papel, cartolina e feltro), pintura a aquarela, esmalte e lapis de cores e modelagem (cópia do material), trabalho estes decorados pelas crianças, de acordo com seu gosto e capacidade. Tudo isto ficou convenientemente documentado em nossa exposição, inaugurada no dia 23 de outubro próximo passado, e em albuns existentes em cada classe.

Quanto à escolaridade sendo a idade de 3 a 6 anos um período não propriamente de aquisição de conhecimentos, mas de desenvolvimento físico e sensorial, procuramos ter como objetivo principal a Linguagem e o Raciocínio infantil.

Sendo a Linguagem uma organização de frases que requer um esforço continuado e conciente por parte dos alunos, aproveitamos todas as oportunidades surgidas para incentivar a conversação entre eles, além de proporcionar-lhes ambiente para um harmonioso desenvolvimento glósico, colocando-os em situações onde tivessem de deixar a linguagem mímica para utilizar-se da oral. Para isto foram organizadas excursões, comemorações de aniversários, dramatização, recados, avisos, etc.



Grupo Escolar "Coronel Vieira" — Cataguazes. — Instantâneo tirado durante o recreio. — (Classe de 2º ano).

O Raciocínio foi vantajosamente desenvolvido porque tivemos sempre em vista o princípio básico de todo o ensino da Aritmética e da Geometria: "Partir do problema para levar o aluno a resolução de problemas". Assim, demos noção de quantidade (mais, menos, muito, pouco), e procuramos fazer as crianças compreenderem que o todo é igual as partes adicionadas, dando-lhes perfeita noção de número, tendo o cuidado de fazer o trabalho variado, concretizado e sempre preso a objetos reais e atividades pessoais do aluno porque este ainda se encontra na sua fase egocêntrica.

O resultado de todo nosso trabalho foi mais ou menos satisfatório, levando-se, entretanto, em conta as diferenças individuais, porque foi sempre baseado em experiências já adquiridas pelas crianças. Integravam-se perfeitamente no assunto tratado o que ficou comprovado pelo interesse observado durante todo o estudo e pela grande quantidade de material ilustrativo e relativo aos planos trazidos de casa por quase todos os alunos. Além disto a motivação espontânea e bem dirigida muito contribuiu para o sucesso dos planos tratados por todas as classes. Alguns estudos foram resultados de excursões, outros de histórias contadas em classe, outros de auditórios por ocasião de aniversários de crianças, datas históricas e assuntos religiosos.

A parte social não foi esquecida no nosso estudo tendo sido aproveitadas todas as oportunidades para incutirmos nas crianças, hábitos, atitudes e habilidades. Assim a educação estando presa à formação de bons hábitos eles formaram um lugar proeminente em nosso trabalho. Procuramos iniciar os de higiene, de boa conduta, de pontualidade, cooperação, responsabilidade, etc., assim como atitudes corretas e delicadas.

A moral foi cuidadosamente tratada havendo aulas diárias de religião, procurando também as professoras elevar o mais possível o nível moral dos alunos por meio de exemplos, em histórias reais de crianças que se distinguiram pela sua boa formação.

Os planos tratados durante este semestre foram divididos por turnos e por períodos:

1os. PERÍODOS DO 1.º TURNO: — "*Loja de Brinquedos*".

RESULTADOS:

LINGUAGEM: — Enriquecimento do vocabulário com a aquisição de palavras novas tais como: vaqueta, piorna, latão, esmalte, etc. etc.. Aprendizagem de historietas e recitativos relativos ao assunto.

NUMERAÇÃO: — Comparando os diversos brinquedos as crianças fixaram a noção de grandeza: mais, menos, maior, menor, muito, pouco, etc. Foi dada também a noção de dezena e o reconhecimento dos números de 1 (um) a 5 (cinco).

HÁBITOS: — Iniciou-se a formação de hábitos de higiene e civilidade: lavar as mãos antes e depois da merenda, não tomar água quando suados, cuidado com os brinquedos, como receber uma pessoa em classe, etc., etc.

2os. PERÍODOS DO 1.º TURNO: — "*O Mercado*".

Cada professora limitou-se mais a um assunto: — Flora e verduras, animais e frutas.

Os resultados foram satisfatórios tendo a professora encarregado do estudo da flora feito com as crianças uma grande plantação em vazinhos que foram cultivados durante todo o período de estudo.

Este estudo deu margem, a várias excursões ao Mercado Municipal e à Companhia "Nestlé", onde os alunos foram estudar os produtos do leite.

3os. PERÍODOS: — "*Os Índios*".

Dentre todos os planos estudados, foi este o que despertou maior interesse em nossas classes, talvez devido ao pitoresco do modo de vida dos indígenas completamente oposto ao dos pequenos. Estes continuam trazendo para a classe gravuras e objetos relacionados com o plano, e aproveitamos, assim: as oportunidades para satisfazermos a curiosidade

natural das crianças, dando-lhes novos conhecimentos e fixando noções já estudadas.

Os resultados foram:

LINGUAGEM: — Conhecimento geral sobre os índios e sua vida comparativamente com o homem atual. Fixação de alguns vocábulos indígenas, desenvolvimento e correção do vocabulário usual da criança.

NUMERAÇÃO: — Conseguimos conhecimentos sobre o valor dos selos e de nossas moedas com exercícios de trôco até 1\$000.

HÁBITOS: — Aproveitamos as oportunidades para desenvolvimento de bons hábitos higiênicos, cooperação no trabalho, aproveitamento e conservação do material usado, caridade, respeito e obediência.

No 2.º turno os trabalhos foram os seguintes:

1os. PERÍODOS: — "*O Galinheiro*".

Os resultados foram satisfatórios, devendo, entretanto, ser levado em conta a divergência existente sempre entre os alunos de uma mesma classe.

LINGUAGEM: — Aumento do vocabulário com aquisição de palavras novas. Correção e aumento do vocabulário da criança, etc., etc..

NUMERAÇÃO: — Comparando os animais confeccionados para o galinheiro as crianças tiveram a perfeita noção de grandeza: maior, menor e médio, mais, menos, muito pouco, etc. Foi dada a noção de número até 5, etc.

HÁBITOS: — Não foram também descuidados os hábitos básicos de higiene: lavar as mãos antes e depois da merenda, higiene dos galinheiros, etc. etc.

2.º PERÍODO: — "*A Fazenda*" (Trabalho de todo o ano letivo).

Classe das Professoras Rita Duarte e Mariana R. Pena.

REALIZAÇÃO: — Confeção de uma fazenda em cartolina: — burros, cavalos, porcos, casas, carroças, carros de boi, etc. etc..

RESULTADOS: — Nem todos os resultados previstos foram alcançados, dada a divergência do desenvolvimento

da classe em escolaridade, meio social e nível intelectual, contudo a maioria dos alunos apresentou resultados satisfatórios.

LINGUAGEM: — Foi uma disciplina bem visada no decorrer de todo o nosso plano. Todas as oportunidades surgidas serviram de motivo para invenção de cartinhas, histórias, etc., tudo oralmente. Foram satisfeitos os seguintes objetivos: enriquecimento do vocabulário e da lógica, hábitos de falar bem e com boa dicção, supressão dos termos de giria, etc..

NUMERAÇÃO: — Os objetivos alcançados no decorrer de todo o trabalho foram os seguintes: Desenvolvimento do raciocínio, precisão e rapidez nos cálculos mentais e alguns objetivos de escolaridade tais como: contagem de 1 a 20, aprendizagem de algumas continuações dentro da 1.ª dezena.

2.º PERÍODO: — “*O Almoço*”.

Classes das Professoras Maria de Lourdes Andrade Souza e Hilda Almeida.

Assunto motivado pelo emprêgo do Jôgo Decroli: — “A mesa mal posta”.

Esse projeto deu ensêjo a várias excursões, destacando-se a do Mercado, onde os alunos efetuaram suas compras para o almoço projetado e adquiriram grande quantidade de material para estudo.

Os melhores desenhos e observação, feitos após às excursões, foram colecionados em álbum.

Leila Dantés, num ótimo desenho de observação, representou a fachada principal do Mercado, tendo à sua frente as crianças de regresso à Escola.

Fernando Rodrigues desenhou verduras e frutas.

Como se vê, essas excursões despertaram grande interesse e muito contribuíram para o desenvolvimento do espírito de observação.

REALIZAÇÃO: — O almoço projetado e realizado na Escola, pelos alunos, despertou o interesse na organização dos seguintes trabalhos: — uma mesa de almoço compreendendo: toalha e guardanapos (em papel fantasia), copos e

talheres (em cartolina), aparêlho (em modelagem). Foram confeccionados quadrinhos, flores e congoleum para ornamentação da sala de almoço.

Esse estudo deu ensêjo a vários conhecimentos, quer em se tratando da parte de linguagem, quer da de numeração, geometria, etc. como documento os três álbuns organizados em classe.

Os resultados obtidos foram:

LINGUAGEM: — Em todo o decorrer do assunto, procurou-se que a criança se expressasse empregando vocabulário adequado. Aprenderam os nomes de todos os objetos que estão à mesa. Adquiriram, na Casa “Machado Coelho”, um aparêlho para aprendizagem das peças que o compõem. As excursões muito contribuíram para o desenvolvimento da linguagem e enriquecimento do material de estudo. Ao regressar à Escola, a criança descrevia espontaneamente o que mais lhe havia impressionado. Aproveitava-se, então, a oportunidade para lhe corrigir os vícios de pronúncia, afim de adquirir o hábito da boa dicção.

Todo o material relativo ao assunto foi classificado segundo os três reinos da natureza.

NUMERAÇÃO: — Adquiriram noção de grandeza recortando e dispondo copos de diferentes tamanhos, na ordem crescente e decrescente.

Vários exercícios de ortopédia mental foram dados para discriminação de grandeza e colecionados em álbuns.

Noção de quantidade e conhecimento da primeira dezena, empregando material relativo ao assunto.

Pequenos problemas para o desenvolvimento do raciocínio.

GEOMETRIA: — Dispondo os talheres aprenderam as seguintes linhas: vertical, horizontal, inclinada e paralela.

Observando a mesa, a toalha, guardanapos, pratos e travessas aprenderam as seguintes formas: — Retângulo (da mesa, quadrado (do guardanapo), círculo (do prato), oval (das travessas).

Foram dados exercícios de atenção e rapidez, aplicando-as linhas e fomas estudadas.

HABITOS: — Procurou-se incutir na criança o hábito de rezar antes e depois das refeições, de manter-se à mesa com atitudes corretas e maneiras delicadas para com os colegas, e utilizar-se convenientemente dos objetos que lhe cercam. Os hábitos de higiene também não foram descuidados: — lavar as mãos antes e depois das refeições e escovar os dentes ao sair da mesa.

Em resumo o resultado referente às noções ministradas, no decorrer do estudo, foi satisfatório, correspondendo à nossa expectativa. Excetuando-se apenas algumas crianças que não acompanham o desenvolvimento da classe, os alunos assimilaram bem todas as noções recebidas e relativas ao assunto — “O almôço”.

3os. PERÍODOS: — “As Aves” (Trabalho de todo o ano letivo.

Classe da Professora Otilia Macêdo.

Os resultados podem ser resumidos na introdução feita pela aluna Moema Tavares para o álbum ilustrativo de todo o estudo:

“O nosso trabalho deste ano foi sobre as aves. Por meio das aves nós aprendemos muitas cousas boas, bonitas, e necessárias para nós. Agora sabemos que as aves têm penas e o nome de muitas delas. Gostamos mais de estudar a arara, que vimos no Parque, e o tucano. Com as aves aprendemos a contar de 2 em 2, de 3 em 3 etc., e resolver problemas fáceis até 10. Fizemos continuação de soma e ainda aprendemos a fazer cálculos com a dezena. Fizemos muitos trabalhos sobre o plano estudado com recorte, desenho e modelagem”.

“Meios de transporte”

Classes das professoras Cordélia Queiroza e Amélia Magalhães.

ATIVIDADES REALIZADAS:

a) Viagem simulada de Belo Horizonte ao Rio de Janeiro, sendo representados em argila alguns acidentes do terreno. As estradas de ferro e de rodagem cortam esse terreno, bem como as principais cidades ligadas por elas serão também marcadas. Os meios de transportes que nelas trafegam ali figurarão. A linha aérea será representada por um avião. Este trabalho foi executado pela professora especializada Maria de Macêdo a vista de todos os alunos. Acompanhou este estudo um quadro comparativo relativo ao tempo gasto numa viagem em cada via: — férrea, rodagem e aérea.

b) Foram feitas duas excursões: Ao Parque Municipal para conhecimento das barcas a remo e outra à Estrada de Ferro Central do Brasil. Como um aluno contou esta excursão:

“Fomos visitar a estação da Estrada de Ferro Central do Brasil. Quando lá chegamos o Dr. Pires disse que pagava os ingressos e nós podíamos entrar. Atravessamos a plataforma, descemos uma escada, passamos no subterrâneo, subimos outra escada e sabem onde estávamos? Na outra plataforma. Uma locomotiva fazia manobras: uin! uin! chuá! chuá!

O Dr. Pires foi procurar uma locomotiva parada para nós poderemos ver de perto. Os meninos mais corajosos subiram no lugar do maquinista e ele nos contou uma porção de cousas.

Laurindo perguntou o nome de um ferro e ele ensinou. Fez a maquina apitar. uin! uin!

Depois que descemos toda a composição passou na nossa frente; — locomotiva, trem de carga, carro correio, chefe de trem, carro de passageiros e carro “restaurant”. Entramos num carro dormitório e o Dr. Pires nos mostrou um leito. Atravessamos os trilhos, passamos perto da caixa de água; ela é alta! Lá de cima descem umas bombas para encher as caldeiras. Nesta hora outra composição fazia manobras. Um empregado da estrada fez sinal com uma bandeira, outro apitou, outro virou uma manivela e a composição voltou na ou-

tra linha. Um vagão era diferente, parecia um cilindro grande deitado; ãe só transporta gazolina.

Descemos a escada, tornamos a passar no subterrâneo e quando chegamos na primeira plataforma estavam formando uma composição. O Dr. Pires quis nos mostrar um carro "restaurant". Vocês já entraram num carro "restaurant"? Têm umas mesinhas e é ali que os passageiros tomam a refeição. Visitamos a copa e a cozinha.

O Dr. Pires nos levou até a saída e lá eu agradeçi em nome dos meus colegas".

c) Recorte e pregamento em feltro: — barcas, aviões, automóveis.

d) Recorte e colagem em cartolina: — carrinhos de mão.

e) Pintura a óleo na madeira: — automóvel, barca, etc.

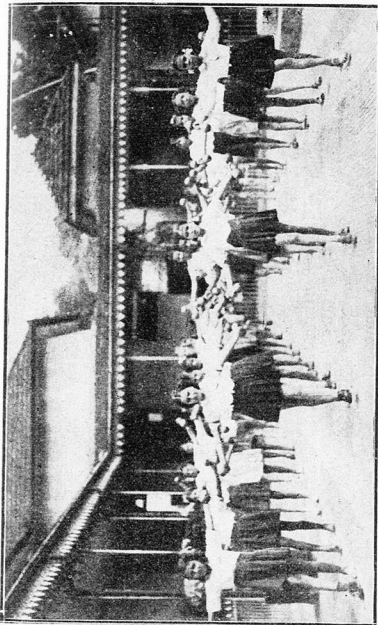
f) Desenho e coloração (cadernos).

Embora resumido temos a satisfação de apresentar o nosso trabalho que foi feito com interêsse e bõa vontade por parte de todos, esperando ter colhido resultados compensadores do nosso esforço e bõa vontade em atender aos nossos pequeninos alunos.

EDITE NEVES.

AVISO AOS SRS. ASSINANTES

Afim de evitar interrupção na remessa da "Revista do Ensino", devem os srs. assinantes reformar a tempo as suas assinaturas.



R. E. 3

A escola e a educação física

José Américo da COSTA



No seu conceito mais amplo, tomamos a educação como o aproveitamento das experiências já realizadas, para que as futuras se tornem mais lucrativas garantindo um constante aperfeiçoamento do individuo, na sua vida física, intelectual, moral e social.

Podemos, sem receio, colocar a educação física em primeiro lugar, na ordem dos aperfeiçoamentos que, conjugados e harmônicos, devem cimentar a valorização do educando. Antes de tudo, bom físico, boa saúde, como base dos trabalhos intelectuais e das predisposições morais. Perde em eficiência aquele a quem faltarem as condições físicas favoráveis aos crescimentos solidários das energias do cérebro e da força do caráter.

Indivíduos há — quem os não conhece? — os quais, embora prejudicados no seu valor físico, primam pelas qualidades intelectuais e predicados morais. Sim, é certo que os há. Mas é muito certo, também, que uma necessidade de compensação psicológica, diante de determinado complexo de inferioridade, é que atua nesses indivíduos, como poderoso estímulo para ruidosas conquistas no campo das ciências, no aperfeiçoamento dos costumes, tudo em face da sociedade. E é, outrossim, fora de dúvida que o quasi sobrehumano esforço gasto nessas conquistas exaurem as reservas de energia dos que pelejam para se compensarem de uma inferioridade qualquer; resultando disso uma vida mais trabalhosa e menos longa, embora fecunda.

Demos, pois, desde a primeira infância, o devido valor ao desenvolvimento e à saúde do corpo. Sejamos pródigos em cuidados higiênicos para com o bebê: liberdade de expansão, insolação regrada, alimentação racional e atenção constante aos fenômenos que possam, por mais ou por menos, desequilibrar o complexo físico.

Na escolas primárias, onde entra e onde sai, diariamente, um punhado de crianças alegres, de crianças ruidosas, na fase de vida em que se salienta o crescimento do corpo, não pode ser menor o cuidado do mestre e educador, dosando o esforço intelectual dos seus alunos, baixando ao mínimo o sedentarismo forçado das salas de aulas, guiando e favorecendo a manutenção da saúde.

Na sala de aulas, deverão ser mantidos, custem o que custar: suficiência de espaço, ar puro, luz adequada e ambiente propício à expansão daqueles, pequeninos ainda, que ali vão, para educar-se.

Privar o garoto dos movimentos do corpo e da movimentação natural do espírito, é provocar, criminosamente, o atrofiamento do elemento social humano.

Queremos a escola que eduque, mantendo todas as tintas alegres do alvorecer da existência. Queremos o educador que considere a criança, tal como é na realidade, com os seus arrojados naturais, a sua vivacidade, o seu dinamismo e, sobre tudo, as suas múltiplas necessidades.

Todo esforço do mestre será baldado, si não procura atender, carinhosamente e antes de tudo, à saúde dos seus educandos.

Nos educandários de hoje, pelo esforço que os interesses reais sugerem à criança, toda iniciativa desta tende ao bom êxito, rumo a uma conquista útil. Assim, há um interesse primordial que rege a conservação da vida. Que o professor saiba aproveitá-lo, em sua classe, para a formação dos bons hábitos de higiene, referentes à alimentação, à respiração, ao sono, ao trabalho, etc.

Na escola aperfeiçoada, a criança, contrariamente ao que muitos pensam, é levada a fazer o que julga útil; e, não, somente, o que lhe é agradável.

Tenhamos, bem adaptado aos diversos tipos de classe, o nosso programa de educação física. E saibamos restringir o valor dessa ginástica de exibição, aplicada aos alunos em forma, como artifício ortopédico, vantajoso, sim, mas dentro de certos limites.

Os jogos físicos educativos serão completos na sua finalidade, se não provocarem o hábito do diletantismo puro.

Quem se educa, deve ter rumos certos a seguir, perspectivas bem delineadas e objetivos que se harmonizem e equilibrem.

Bom físico, cérebro capaz e espírito forte.

JOSÉ AMÉRICO DA COSTA

ASSINATURA DA "REVISTA"

Ano 24\$000

Semestre 12\$000

Número avulso, 2\$000

Coleção de um ano 25\$000

Os pedidos devem ser enviados à Diretoria da "Revista do Ensino", na Secretaria da Educação e Saúde Pública, Belo-Horizonte.

Os trabalhos manuais

(Trechos de uma palestra)

Clidêa TAVARES

(Do grupo escolar Fernando Lobo, de Juiz de Fora)

Uma das máximas mais antigas, atribuída ao filósofo Anaxagoras, que viveu em época anterior à vinda de Cristo, é esta: — "O homem pensa por que tem mãos".

Dai se deduz que mesmo em tempos muito remotos, já se dava grande valor à associação do trabalho intelectual ao exercício manual.

E, na verdade, consultando autores da moderna pedagogia, podemos ler referências a velhos mestres da civilização passada, tais como Platão e Aristóteles na Grécia e Quintiliano em Roma, que francamente, impulsionaram as atividades escolares.

Aos pedagogos romanos é até mesmo atribuída a criação dos jogos escolares, hoje tão em voga, aos quais davam eles o nome de "ludi", donde a expressão "lúdica", tão usada atualmente.

Mais tarde outros pedagogos de renome aconselharam os trabalhos manuais. No século XVII Comenius e no século XVII Rousseau foram inteiramente favoráveis ao ensino do trabalho manual nas escolas.

Entretanto, esses dois pedagogos deram-lhe uma feição pouco educativa, pois entendiam que se devia ensinar um ofício à criança, deixando, assim, o trabalho de ser um *meio* para se tornar uma *finalidade* do ensino.

Felizmente, com os estudos de homens notáveis, como, Ferrière, Kerchensteiner, Decroly, Claparède e outros, que re-

solveram o problema da "Escola moderna", ficou claramente definida a função do trabalho manual na escola primária.

A introdução do trabalho manual nos programas escolares coube aos Scandinávios, que o tornaram prático e metódico, salientando-se na Suécia as realizações do Dr. Otto Salomon, que é citado por vários autores como um dos pioneiros deste ensino.

Aquí no Brasil a cadeira de trabalhos manuais foi introduzida nas escolas há pouco mais de 10 anos. Porém é fácil notar a compreensão errônea que, a princípio, se tinha a respeito dessa disciplina.

Como todos nós sabemos, o trabalho manual era tido como uma matéria completamente isolada das outras, uma matéria nova nos programas, ministrada, inteiramente à parte, às crianças de acordo com os horários.

Fugia, assim, evidentemente, à sua finalidade altamente educativa e sobretudo, deixava de ser um ótimo *meio* de *fixação* do conhecimento das matérias do programa.

O professor Corinto da Fonseca, autoridade neste assunto, faz questão de acentuar em seu livro — "A Escola Ativa e os trabalhos manuais" — que "o trabalho manual faz parte de todas as matérias, como "meio didático, que ele é, por excelência, na metodologia da "Escola Ativa e que, apesar da materialidade das mãos, é antes uma tarefa mental do que uma tarefa material".

Diz ele que nós devemos substituir, nas escolas "o ensino morto das palavras pela lição viva das cousas".

Realmente é muito mais eficaz uma aprendizagem feita pelo trabalho manual do próprio aluno, onde ele emprega toda a sua atenção e toda a sua observação, descobrindo verdades e achando erros, do que explicações verbais do professor que, nem sempre se gravam em sua mente.

Neste ponto poder-se-iam citar inúmeros casos acontecidos aqui no Grupo, em que as próprias crianças chegaram a descobrir verdade e sobretudo encontrar erros na confusão de trabalhos manuais.

Em dobradura, por exemplo, eu nunca perco as oportunidades, para relacionar o trabalho manual com o que fôr possível, principalmente com a aritmética e com a geometria.

E, já por várias vezes, constatei que os alunos mais atentos e mais observadores, se preocupavam em medir os ângulos e os lados do papel recebido para o trabalho, verificando, assim, si era mesmo um quadrado. Outros, reclamam quando o papel é defeituoso, etc.

Quando nós fazemos o copo higiênico de papel, eu sempre mando que eles o experimentem, enchendo-o de água, e eles logo reclamam, quando, depois de algum tempo, o papel molhado se rompe. Então nós aproveitamos para falar do papel, das suas propriedades, etc. Assim, pela própria experiência eles aprendem que o papel é pouco resistente à água etc...

Em modelagem também os alunos observam muito e se corrigem reciprocamente.

Si uma das mais importantes características da escola moderna é — a atividade — nós devemos fazer o possível para associar o trabalho mental ao trabalho manual, concorrendo, não só para o desenvolvimento manual do aluno, o que é de grande vantagem na sua vida futura, como especialmente, para uma aprendizagem mais duradoura de tudo quanto lhe fôr ensinado.

Necessário é evitar que a escola primária se torne escola profissional, e também, simplesmente escola de "verbalismos".

Quando, nas realizações de classe, as crianças associam o trabalho intelectual ao trabalho manual a atenção é espontanea porque o trabalho lhe desperta o interêsse não só por ser mais agradável, como também por ter uma finalidade imediata.

Esta associação do trabalho mental à atividade das mãos concorrerá para a "educação funcional" de que fala

Claparède, a qual, bem compreendida e bem ministrada, garante à criança um aprendizado sólido e eficiente.

Cumpra, por fim, salientar que a atividade mental é sempre a principal, e que o trabalho manual é o meio mais seguro para fecundá-la, torná-la mais firme e mais perfeita.

CLIDEA TAVARES

TABELA DE ANÚNCIOS:

Na capa (lado externo),	1 página	100\$000
" " " "	1/2 " "	60\$000
" " " "	1/4 " "	35\$000
" " (lado interno),	1 " "	80\$000
" " " "	1/2 " "	50\$000
" " " "	1/4 " "	30\$000
Em páginas-suplemento,	1 " "	60\$000
" " " "	1/2 " "	40\$000
" " " "	1/4 " "	25\$000

Para publicação por 3, 6, 9 e 12 vezes, haverá desconto de 10, 20, 30 e 40 por cento, respectivamente.

Os anúncios no corpo da Revista, em forma de artigos, e os anúncios a cores pagarão preços especiais previamente combinados.

Todo pagamento será feito adiantadamente

Psicopedagogia da sociabilidade

Emilio Mira LÓPEZ

O PRESENTE ESTUDO, obra do doutor Emilio Mira López, apareceu pela primeira vez, no original catalão, na *Revista de Psicologia y Pedagogia* de Barcelona (1933). Traduzido especialmente ao castelhano pelo doutor Miguel Roberto Téllez, para a revista *Alma Nacional de Medellín* (Colômbia), e publicado no número dessa revista correspondente a setembro e outubro de 1936, reproduzimos agora nesta série de monografias pedagógicas com a devida autorização do tradutor. ... O autor, doutor Emilio Mira López, é figura de destaque na ciência espanhola, como alienista, psiquiatra e psicopedagogo. Nascido em Cuba em 1896, de pais espanhóis, tem residido em Barcelona desde a sua infância. Na cátedra e no laboratório, em congressos científicos e nas páginas da imprensa profissional da Espanha e do estrangeiro, o doutor Mira tem contribuído com valiosos estudos para o progresso da psiquiatria e da psicologia experimental. ... Além da obra *Psicologia Jurídica* (1932), o doutor Mira é autor de mais de cento e cinquenta trabalhos publicados na imprensa científica, destacando-se principalmente suas idéias originais sobre a psicologia da dor, da conduta moral, da sociabilidade e da delinquência. A Universidade de Ohio (Estados Unidos), convidou-o a dar uma série de conferências sobre psicologia experimental, conferências que se realizaram durante o verão de 1929, e a Associação Norte-americana para o progresso da Ciência nomeou-o seu hóspede de honra em 1933. Para informações mais detalhadas sobre o doutor Mira, consulte-se a admirável obra *Dicionário de Pedagogia*, publicado em 1936 pela Editorial Labor, de Barcelona.

Entende-se por sociabilidade a capacidade de viver em sociedade sem dar lugar a conflitos e sem experimentar so-

frimento íntimo algum no processo da adaptação ao mundo humano.

Por muito tempo acreditou-se que o homem era um animal que possuía, de maneira espontânea e natural, o dom de ser sociável. Nem faltou tão pouco quem julgasse encontrar nele um misterioso e congênito instinto social. Tem havido até naturalistas para quem tal instinto era o resíduo do chamado "instinto gregário", descrito e admitido sem discussão em muitas espécies inferiores dos vertebrados.

Acontece, porém, que na atualidade muitos psicólogos pensam que a espécie humana não tem, genotipicamente falando, disposição alguma que possa ser diretamente atribuída à capacidade social. Ou, mais claramente, são muitos os que crêm que se é certo que nascemos medianamente preparados para afrontar a vida—concebida esta como uma luta do indivíduo contra o meio ambiente — não é menos certo que ao nascermos não posuímos *nada* que possa ser considerado, nem mesmo remotamente, como um elemento ou arma de proveito para a vida em sociedade.

O homem primitivo não é um animal gregário, mas sim anárquico. Sob este ponto de vista é perfeitamente comparável aos felinos. O primeiro tipo de vida social, ou antes, de vida grupal, não foi a vida em família. Com toda a probabilidade, as primeiras ações realizadas pelo homem coletivamente não foram inspiradas pelo amor nem pela simpatia, mas sim pela necessidade de defesa contra os perigos circunstancialmente conhecidos pelo grupo humano de que, por obra do azar, fazia parte, tais como ataques dos animais e de outros homens selvagens, tempestades, inundações, etc. Só com fim defensivo, isto é, sob a influência do pânico, viu o homem pre-histórico iniciar-se a colaboração social e o trabalho em comum. Por exemplo, quando se tratava de amuralhar as portas de suas cavernas. Mas logo que a situação deixava de ser ameaçadora, separava-se dos demais para procurar alimento; e uma vez só, não via nos outros senão rivais sempre prontos a disputar-lhe a presa cubçada.

A necessidade sexual tão pouco foi motivo de união entre os seres humanos durante muitos séculos, uma vez que temos de supôr que o homem primitivo satisfazia essa necessidade ocasionalmente com a mesma ingenuidade e despreocupação que hoje observamos em certos animais domésticos. Muito antes que a união de indivíduos de um e outro sexo tivesse adquirido estabilidade existiu vida coletiva humana. De modo que a horda e o clan são muito anteriores, do ponto de vista psicológico, ao idílio paradisíaco da família.

Dissemos que sob a influência do mêdo, ou antes, do pânico, os homens primitivos se viram impelidos a realizar ações em conjunto que constituíram as primeiras manifestações da vida coletiva. Porém a melhor defesa é, afinal, o ataque, e portanto é de supôr que não se passaram muitos milênios da época quaternária sem que a inesperada agrupação formada em presença de um determinado perigo, fôsse conservada para fazer-lhe frente e destruir a sua causa: chegamos assim à segunda fase—militar ou guerreira—da vida social. Apresenta-se forçosamente durante ela a necessidade de uma especialização do trabalho, porque se todos serviam para fugir ou reunir-se, nem todos serviam para atacar e vencer situações mais complexas e de uma variabilidade muito grande. Pouco a pouco os dêbeis e os covardes foram ficando para trás, ao passo que se vai destacando na luta o grupo dos fortes e dos valentes, e, entre, estes, um que vai adiante de todos, cheio de ardor e agressividade: o futuro tirano. No momento em que, depois de uma luta feroz para repartir os despojos, é proclamado o direito do mais forte, podemos dizer que se plasma definitivamente a estrutura social, uma vez que, implicitamente, ficava reconhecida a diferenciação das individualidades no seio da coletividade, de acôrdo com sua eficácia biológica.

Centenas e, possivelmente, milhares de séculos depois, brota o pensamento, ao mesmo tempo que uma linguagem primitiva começa a servir toscamente de veículo para a expressão de idéias elementares. O pânico cósmico, ainda não extinto, concretiza-se então em superstição comunicável.

Tudo isto era necessário para que aparecesse o terceiro elemento de organização social: o fator mágico. Já não é a força física, mas sim a potência mágica que determina o domínio de certos indivíduos sôbre os outros, tanto na horda como no clan. Sêres talvez mais dêbeis, porém individualmente mais inteligentes, inventam uma liturgia extravagante que exerce uma profunda impressão sôbre o grupo. O braço do guerreiro, ainda trêmulo, encontra apóio nos gestos e fórmulas do mago que lhe assegura o refôrço de potências mais ou menos sobrenaturais. Mas por esta mesma razão do seu poder, a vida destes intermediários entre as forças materiais e as divinas não estava isenta de perigos e asperezas. Eram temidos e respeitados enquanto a sorte os favorecia; no momento em que um fracasso qualquer sugeria ao grupo que haviam perdido a sua influência mágica, eram postos de lado com a maior sem cerimônia.

Facilmente podemos imaginar a angústia e o terror do pobre mago—modesto comerciante que era, afinal de contas—durante os intervalos, às vezes largos, que transcorriam entre o momento das suas predições o instante em que estas deviam ser confirmadas pela realidade. Momentos difíceis eram êsses, em que a primitiva inteligência daqueles homens buscaria ansiosamente um meio de livrar-se do conflito em que se encontrava. Não nos parece demasiado audaz afirmar que dessa situação surgiram os fundamentos da ciência e da religião.

Com efeito, se o mago queria evitar um fracasso provável ou iludir a sua responsabilidade, quando êste tivesse lugar, não tinha outro remédio senão tratar de descobrir uma técnica eficiente para conseguir algum modo a realização da sua predição (triumfo sôbre a horda inimiga, recolhimento abundante de caça, desaparecimento de uma peste, afastamento de uma fera, etc.). Ou então podia dizer previamente que não podia *manejar* as forças com que tratava, uma vez que era um simples representante dessas mesmas forças, as quais podiam, em qualquer momento, mudar de disposição de acôrdo com qualquer circunstância que não dependia delas

nem dêle, mas sim do comportamento dos membros da horda. Dêste modo, se a previsão não se realizava, em lugar de ser sacrificado, o mago via encher-se a sua caverna de presentes e dádivas com os quais os crédulos selvagens pretendiam aplacar a cólera e implorar o perdão das divindades ofendidas. Não só conseguia o mago salvar a sua vida dêste modo, mas também adquiria um meio de livrar-se daqueles em cujo olhar teria acaso vislumbrado alguma suspeita quanto à eficácia da sua intervenção. Indispôr-se com o mago equivalia a ser, dentro de um período não muito longo, acusado por êle, e julgado pela tribu, como responsável de qualquer desgraça.

E' de supôr que os magos não viram incompatibilidade entre os dois meios que acabamos de descrever, e que, por conseguinte, trataram de transformar-se ao mesmo tempo em sacerdotes e homens de ciência. Não fica assim explicado o fato inegável de que as atividades científicas na cultura européia da antiguidade tiveram um cariz sacerdotal e foram exercidas nos templos? Em todo o caso não há duvidar que a transformação científico-religiosa do mago viria a ter uma importância imensa no futuro da humanidade, e mais concretamente na fundação de uma nova estrutura social. Porque vai ser êle quem pela primeira vez faz germinar a semente do amor no coração dos homens. Mas para isso terá de persuadí-los da existência de um *outro mundo*, isto é, de uma vida ultraterrena onde serão compensados devidamente todos os fracassos, as injustiças e as desgraças sofridas pelo grupo. Surge assim a noção de uma justiça imanente e, ao mesmo tempo, transcendente que impedirá ao homem agir a seu bel prazer; e, dessa forma, o homem deixa de ser selvagem para transformar-se em ser moral.

O que acabamos de dizer pôde ser que tenha pouca relação com o nosso tema; uma consideração, porém, mais atenta do assunto não pode deixar de revelar que a criança, no decurso do seu desenvolvimento como ser social, passa

pelas mesmas fases que acabamos de enumerar e consideramos próprias da história da humanidade. A criança possui somente três mecanismos racionais de conjunto, que correspondem às emoções do pânico (reação catastrófica), de cólera (reação agressiva), e de prazer (reação narcisista). Tais mecanismos aparecem precisamente nesta ordem durante a vida de tôdas as crianças e conservam o mesmo plano de estratificação durante toda a sua existência. E' por isso que o homem adulto, perante uma situação nova, inesperada pelo que tem de novo, reage com surpresa, a qual não é senão um resquício do choque emocional do pânico. Depois da surpresa aparece a atitude intensa e escrutadora da prudência, derivada do medo. Vem em seguida a curiosidade ativamente investigadora e acompanhada de reações de exploração, as quais, por seu turno, representam o resultado da intelectualização da primitiva reação agressiva ou colérica. E, finalmente, uma vez adquirido o conhecimento e domínio da situação, surge a auto-satisfação, resíduo narcista, que é a condição indispensável para a adoção das atitudes cordiais, generosas e quasi superhumanas do afeto, da simpatia e do amor.

Pelo que fica dito, somos levados a crer que a criança não pode adotar uma norma de conduta verdadeiramente social, isto é, altruística, enquanto a evolução de suas tendências primitivas de reação não tiver terminado o ciclo natural acima indicado. E este ciclo requer, para cumprir-se, a existência forçosa de um período em que a tendência agressiva se debilita até produzir no indivíduo um estado de serenidade, ou melhor dito, de tranquilidade emocional, acompanhado, na esfera intelectual, de uma convicção da própria força e superioridade perante o mundo ambiente. Convém, porém, notar que o mundo ambiente não deve ser compreendido em termos geográficos (objetivos), mas sim em termos psicológicos (subjetivos), variáveis para cada indivíduo e a cada momento, segundo as suas conveniências.

Outro corolário que se deduz das afirmações anteriores é o seguinte: si submetemos um ser humano, criança ou

adulto, a um regime de coação, apoiado pelo férreo cumprimento de uma disciplina externa, poderemos aspirar a conseguir que, vivendo sob a pressão do pânico, deixe ele de realizar as ações que comumente classificamos de antissociais ou imorais, mas não podemos conseguir que tal indivíduo efetue uma única ação essencialmente boa. E é precisamente aqui que aparece, com a máxima clareza, a diferença que separa o que poderíamos chamar de concepção empírica ou social da moral, e a concepção propriamente psicológica da ética. Com efeito, não padece dúvida que se o indivíduo deixa de realizar atos antissociais, a sua conduta poderá ser considerada satisfatória, ou melhor, indiferente, do ponto de vista social. Porém isto não deve satisfazer plenamente a ninguém. É preciso que a conduta de cada indivíduo seja, não simplesmente indiferente, mas sim benéfica para a comunidade de um modo positivo; que os efeitos dessa conduta sejam favoráveis ao grupo, isto é, que os seus resultados sejam aproveitáveis do ponto de vista de assegurar maior progresso, material ou moral, à comunidade (utilitarismo moral).

Por outro lado, considerada a questão do ponto de vista psicológico, para que uma tal conduta se torne realmente social e ética, deverá ao mesmo tempo *ser executada livremente pelo indivíduo*; quer dizer, será necessário que ele atue sempre sob a pressão do amor e não do pânico, sob a influência de um altruísmo espontâneo e não de um dever artificial introduzido, como um prego em um pedaço de madeira de fora para dentro, em sua consciência.

E é esta, precisamente, a razão pela qual, se do ponto de vista meramente material e imediatamente utilitário, têm justificação as ditaduras, políticas ou pedagógicas, do ponto de vista psicológico e ético são elas total, absoluta e definitivamente inaceitáveis.

Sintetizando e, ao mesmo tempo, precisando este conceito, diremos que para alcançar a primeira parte do objetivo da educação social (ou seja, a moral negativa de *não fazer mal a ninguém*, quer seja por medo ao castigo externo ou pelo remordimento resultante da infração de um dever mo-

ral), pôde ser útil, e é de fato primitivamente necessária, a pedagogia coativa, baseada unicamente na autoridade, na disciplina e no respeito à lei. Porém se se quiser alcançar a verdadeira finalidade da educação social, sinônima, psicologicamente falando, de educação moral e ética, isto é, se se quiser conseguir que o indivíduo se comporte a todo momento com a intenção de fazer o *máximo de bem possível a todos*, tal pedagogia é contraproducente, sendo somente aceitável e eficaz a que se funda no conceito da liberdade. Esta segunda norma educacional, já iniciada por Rousseau, trata de favorecer o desenvolvimento natural da criança, limitando-se a oferecer-lhe os elementos e a técnica necessária para conseguir que domine as dificuldades da vida, o que equivale a conseguir que desapareça rapidamente o seu complexo de inferioridade e encontrem adequada canalização os impulsos da vontade de poder, ou tendência agressiva, conquistadora e centrífuga, correspondente à segunda fase do ciclo emocional de todo o processo psíquico. Segundo este sistema, a criança deixa, muito antes, de ter medo ao mundo, vence depois a sua hostilidade para com o meio ambiente e toma o seu lugar no caminho da vida segura de si mesma e disposta a dar à comunidade o excesso da sua energia vital.

Considerando a evolução da personalidade humana de um ponto de vista cronológico, pôde-se dizer que na infância predomina a atitude de medo, e na puberdade, a colérica (rebelião contra a opressão familiar e processo de liberação mais ou menos violento e exteriorizado). Na juventude aparece a atitude amorosa geral, a serenidade afetuosa que caracteriza a idade adulta, e perdura também a atitude hostil, iconoclasta e revolucionária da puberdade. Ao começar o período regressivo da personalidade psíquica, o caráter torna-se desabrido e austero, o que significa o reaparecimento da atitude colérica, hipercrítica e céptica durante a madureza e princípios da velhice. Finalmente, a senectude espiritual dá lugar ao reaparecimento da primitiva atitude de medo, mais ou menos sublimada sob a forma de prudência ou desconfiança.

Não há dúvidas que existem exceções a esta lei. Mas se as analisarmos, verificaremos que apenas servem para confirmá-la. Com efeito, sempre que circunstâncias internas (diminuição da saúde corporal, debilidade psicofísica), diminuem a energia potencial da personalidade, ou sempre e que por circunstâncias externas (crises econômicas, políticas ou sociais), se dificulta a atuação do indivíduo no seu meio ambiente, observa-se o mesmo processo de regressão que se verifica normalmente ao iniciar-se o declínio natural das energias vitais da época involutiva. Assim se explica, por exemplo, a atual decadência da moral coletiva em todo o mundo e a substituição da atitude fraternal e afetuosa entre os povos por uma norma de conduta cheia de desconfianças. Pela mesma razão se observa o aumento da angústia coletiva no interior dos países que lutam e vivem sob a confluência de muitas das causas atrás mencionadas.

Quais são as conclusões pedagógicas que podemos deduzir desta concepção evolutiva das atitudes humanas? Partindo do princípio de que a evolução social, se reduz à subjugação das duas atitudes primitivas do homem, a defensiva e a ofensiva, podemos afirmar, do ponto de vista da psicologia experimental, a seguinte idéia: a sociabilidade, a bondade, a maldade e, em geral, todas as qualidades éticas, não são atitudes ou propriedades consubstanciais ao espírito, que se desenvolvem de uma maneira geral e paulatina, impregnando-o uniformemente e atuando com idêntica intensidade, em um momento dado, em presença de tôdas as situações de reação possíveis. Pelo contrário, somos levados a crer que não passam de fases terminais da evolução dos processos psíquicos, que se desenvolvem concretamente para cada tipo de situação, e, por conseguinte, que é inteiramente possível a coexistência de valores éticos diferentes, e até mesmo, se se quiser, contrários, em um mesmo indivíduo. Ou, mais claramente: não é possível afirmar que um indivíduo é muito, pouco, ou nada sociável, muito bom, muito mau, etc., sem referência imediata à situação psíquica ou ao tipo de reação que serviu para julgá-lo com tais qualificativos.

Um mesmo indivíduo pôde ter terminado o ciclo evolutivo de suas atitudes emotivas correspondentes a um conjunto de estímulos ou situações determinadas, e encontrá-lo, por outro lado, retardado nessa mesma evolução em outras esferas. Dar-se-á assim o caso de que o indivíduo em questão atuará alternativamente ou simultaneamente em atitudes de medo (receio), agressão ou afeto, mostrando-se associal, antissocial e social, segundo haja seguido os estímulos desencadeados de sua reação. Fácilmente se compreende, pela limitação da experiência de nossa vida, que é impossível alcançar a fase final (afetuosa) do ciclo emotivo em todas as situações; isto é, que não pôde haver indivíduo algum capaz de reagir *semper* em forma cordial e altruística. Nem mesmo os santos mais excelsos se nos apresentam na tradição religiosa, como pessoas absolutamente imbuídas de uma tal bondade. Todos eles pecaram e alguns não pouco, por certo.

Se a adoção da atitude social tiver de ser estabelecida, não de uma maneira global, mas sim concreta e especificamente, obedecendo à lei geral de especificidade de todos os aprendizados, formulada por Thorndike, é evidente que o trabalho inicial do pedagogo consistirá em obter que os seus alunos cheguem a fixar e a realizar *habitualmente* atitudes e condutas sociais concretas em resposta ao maior número e à maior variedade possível de situações concretas, quer dizer, de individualidades ou coletividades humanas determinadas. Somente na medida em que aumente a corrente de atos sociais *habitualizados* (perdoe-se-nos o neologismo), se poderá falar da formação desta atitude abstrata que denominamos sociabilidade.

Dir-se-á, com certa razão aparente, que tudo quanto até aqui dissemos se aplica somente aos casos em que o deficiente desenvolvimento da inteligência conceptual, sintética ou abstrata, não permite ao indivíduo a compreensão, nem a adoção de normas gerais de conduta que possam ser aplicadas uniformemente a todas as situações. A isso responderemos que a experiência nos mostra diariamente uma surpreendente dissociação entre o pensamento e a ação. O pensamento

pode ser alcançado por meio da abstração e chegando a juízos ou conclusões que tenham o caráter de leis universais. Porém a ação é sempre concreta e determinada: não existem ações abstratas. Tão pouco se pode esperar que a ação concreta surja inteiramente conformada em todos os seus elementos ao esquema intelectual que parece servir-lhe de fundamento. Muito ao contrário, é preciso realizar um grande esforço, nem sempre bem sucedido, para adaptar e fazer coincidir estes dois planos tão diferentes da atividade pessoal como são os do pensamento e da ação.

Todos os educadores sabem que a sua obra, em qualquer ensino cultural, não termina uma vez enunciada e explicada uma lei, uma técnica ou um modo de agir. Supondo que os alunos compreenderam e assinalaram suficientemente o significado da explicação geral, teórica, deve-se ter como perfeitamente normal que, ao encontrarem-se perante um exemplo concreto, duvidem ou se equivoquem, sendo então necessário, mais que nunca, o auxílio e conselho concreto do pedagogo. Igualmente podemos dizer que, na maioria dos casos, a conduta inicial de aplicação particular de um conceito ou regra geral requer a criação de um tipo de reação para favorecer o qual servem muito mais as experiências de aplicação de outras reações concretas semelhantes, que a simples posse, por mais clara que seja, do esquema conceptual de tal reação.

A ação precedeu sempre o pensamento no decurso da psicogênese. E' por isso que a ação social há-de preceder sempre a consciência social. Ou melhor dito: toda a tentativa para fazer surgir de uma vez a sociabilidade em virtude de uma série de considerações teóricas (lógicas ou sentimentais, especulativas ou científicas, tanto faz), está antecipadamente condenada a fracassar, se não existe previamente no indivíduo um fundo experimental suficientemente amplo. Daí provém que tal ensino abstrato não deve representar mais que uma explicação *a posteriori*, que permitia ao indivíduo ter conhecimento, ou antes, consciência, das característi-

cas comuns a todos os elementos integrantes do referido conjunto de experiências.

Na realidade, com tudo o que acabamos de dizer, não fizemos outra coisa senão explicar um aspecto das relações que em todas as modalidades da atividade humana devem ser estabelecidas, e, de fato, se estabelecem em cada caso, entre a teoria e a prática. Não é, como alguns pretendem, que a teoria e a prática sejam conceitos opostos, que se excluem mutuamente. O que se passa é que não há um só teorista que em suas especulações mais abstratas não se fundamente, mais ou menos conciente ou inconcientemente, em dados experimentais, concretos, e, portanto práticos. A teoria aparece-nos, assim considerada, como um elemento intermédio entre duas séries de fatos: a primeira, inicial, é a natural ou empírica, e a segunda, secundária, é a lógica ou racional.

Assim também, partindo de um conjunto de reações sociais estabelecidas necessariamente nos primeiros anos da infância pelo contacto do indivíduo com o ambiente humano, é possível formular uma série de atitudes mentais gerais de reação, tanto mais perfeitas quanto maior haja sido o trabalho de intelectualização realizado com elas. Este trabalho repercutirá, evidentemente, na valorização das reações interiores que o indivíduo possa efetuar perante situações análogas; criará nele uma convicção que lhe servirá de grande auxílio para resistir às investidas das influências sugestivas e prejudiciais. Não devemos exagerar, no entanto, a sua importância, porque, em realidade, a sua intervenção não criou essencialmente nada que não estivesse já implicitamente contido no indivíduo: nada mais fez que ampliar e reforçar tudo quanto nele já havia.

Ser-nos-ia fácil aduzir provas experimentais do que acabamos de dizer. Limitar-nos-emos a recordar a ineficácia absoluta dos raciocínios (discursos, sermões, conversações, etc.), com o fim de modificar em sentido favorável a conduta social das pessoas que por motivos diversos não se adaptam normalmente à vida coletiva. Há mesmo casos curiosos que isto demonstram, como por exemplo, o de certo presidente da

liga de higiene mental em uma certa nação européia a quem todos os cursos docentes não têm servido para modificar uma existência que é a negação constante dos princípios que neles defende. Ou o de um eloquent e brilhante propagandista antialcoólico de um país setentrional, que celebra os sucessos obtidos com seus discursos dirigindo-se imediatamente a sua casa a tomar toda a classe de bebidas alcoólicas até embriagar-se por completo. E nada será necessário dizer sobre a contradição observada em toda parte entre as idéias e a conduta pessoal de uma grande maioria dos políticos, educadores, escritores, e, em geral, intelectuais de toda a classe, aos quais uma constante laboração especulativa não serve de maneira alguma para que modifiquem seus maus costumes.

Todos os educadores modernos têm sobrada razão quando proclamam a ineficácia absoluta das lições de moral explicadas teóricamente, como uma de entre muitas matérias destinadas a uma assimilação mais ou menos mnemônica. Aparentemente por baixo, porém em realidade muito por cima de todos estes conhecimentos e regras ético-sociais, se encontram, de um lado, as tendências espontâneas do indivíduo, e do outro, a influência direta e concreta que se deriva do exercício da mesma vida com a infinita variedade de seus exemplos.

Não incorramos, porém, no defeito que estamos criticando. Se este trabalho há-de ter algum proveito, deve ser precisamente o de conduzir ao estabelecimento de uma série de regras práticas que sirvam ao educador para favorecer o desenvolvimento da sociabilidade de seus alunos. Estas regras não poderão ser, evidentemente, ditadas senão na medida em que uma experiência pessoal nos terrenos da psiquiatria e da pedagogia nos tem proporcionado ocasião de obter o resultado apetecido, à custa de múltiplos esforços dirigidos à consecução desta finalidade. Tudo quanto até aqui dissemos não é mais nem menos que o resultado de plasmar verbalmente um toco, porém sólido núcleo racional resultante da nossa atitude mental em face do problema. Porém esta modelação teve lugar de um modo deliberado no aspecto genético e nos

antecedentes teóricos que nos pareceram mais convenientes para chegar à justificação das conclusões que vamos formular.

Para maior clareza damos a estas normas a estrutura de um decálogo:

1.º — Para alcançar o desenvolvimento normal da sociabilidade das crianças é necessário classificá-las, antes de mais nada, em grupos, de acordo não somente com o seu nível intelectual, mas também com as suas peculiaridades afetivas e caracteriológicas. A distância entre os níveis de sociabilidade de cada indivíduo e o grupo em que vive, não deve ser superior às possibilidades de adaptação de tal indivíduo em um momento dado. E' por isso que se deve constituir cada uma das comunidades integrantes de trabalho dentro de um conjunto ou unidade pedagógicas. Sempre que existe um desequilíbrio entre o indivíduo e o grupo de que faz parte, é inevitável que se produza uma atitude agressiva ou de receio da parte do elemento (indivíduo ou grupo), menos desenvolvido socialmente. Essa atitude só poderá ser dominada como já dissemos, dentro de certos limites, ultrapassados os quais a persistência da conveniência unicamente servirá para exagerá-la em lugar de corrigi-la.

2.º — Apesar de que poderá parecer necessidade, deve-se insistir no fato de que o desenvolvimento da sociabilidade requer a intensificação da vida social das crianças, aumentando-se o número de ocasiões em que elas possam viver livremente em comum. O individualismo que ainda predomina no ensino primário, corrigido apenas e, mesmo então, parcialmente, nos momentos de recreio, deve ser substituído por um socialismo escolar, não somente dentro de cada unidade, mas também entre todas as unidades possíveis capazes de serem postas em relação. Os métodos de *self-government*, de trabalho mediante projetos coletivos (Dalton, Winnetka, Dewey), e de cooperação social interescolar, são neste particular os mais apropriados e necessários para o de-

envolvimento normal da atitude social da criança. É necessário promover mui especialmente os intercâmbios, não somente nacionais, mas também internacionais, não se esperando, para fazê-lo que os alunos sejam já grandes, pois quanto mais se tiverem condensadas as características egoístas no núcleo da personalidade menor será o proveito.

3.º — Somente a prática da coeducação permitirá o desenvolvimento normal da sociabilidade nas crianças. Neste particular, os países em que o menino não é separado nem diferenciado inicialmente da menina, e em que ambos são tratados igualmente, apresentam uma evolução das relações sociais, entre as pessoas de um e outro sexo, muito superior à observada entre nós. Aquí, o homem e a mulher se contemplam mutuamente com receio. Vencido este receio, o homem se lança à conquista da mulher, com o mesmo prazer que um maorí vai à captura de um habitante da selva. A astúcia ou a violência, porém nunca o afeto nem a sinceridade, acompanham as relações sociais entre o homem e a mulher em nosso país, até o ponto de que a consciência popular considera como sinônimos os termos *relações e relações sexuais* entre indivíduos de sexos diferentes.

4.º — Quando se trata de estabelecer uma relação social entre indivíduos de diferente potência social (efetivamente dentro do grupo), ou entre um indivíduo e o conjunto integrante de um ambiente social, a respeito do qual se ache em condição de inferioridade, deve-se procurar fazer com que a iniciativa das relações sociais surja do elemento que se considera inferior, e que o suposto elemento superior (individual ou coletivo), procure mostrar-se ante aquele como se na realidade não o fôra; isto é, que se estabeleça uma relação de igual para igual. Por ignorância desta regra, muitas famílias não compreendem como uma criança que se mostra faladora, cordial e sociável entre os seus adota, diante de estranhos, uma atitude de reserva e de mutismo, tanto mais acentuada quanto mais intensa seja a coação que se procure exercer para que se produza a nova relação social. Se em lugar de saudar cerimoniosamente, o visitante se iniciara fazendo rolar

a criança por terra, com toda a certeza a amizade que se deseja se estabeleceria imediatamente.

Provavelmente perguntar-se-á qual é a razão de ser deste paradoxo, uma vez que, à primeira vista, parece mais fácil seguir uma relação social estabelecida em nosso favor por alguém, que estabelecê-la por nós mesmos.

A explicação é clara: no primeiro caso somos privados da liberdade de fins e meios, e no segundo não. E já dissemos que é somente quando o indivíduo se sente livre e não coagido, que pode adotar atitudes verdadeiramente sociais.

5.º — Tomando em consideração a impossibilidade de que o elemento superior se mantenha constantemente, de maneira artificial, em um plano inferior ao que lhe corresponde, será preciso também procurar restabelecer o equilíbrio estimulado habilmente o amor próprio e a vaidade do elemento que se julga inferior. Este estímulo não deverá consistir em louvores e adulações, mas sim em oferecer-lhe oportunidades para que se mostre superior em alguma cousa.

6.º — Não se deve esquecer que o elemento inferior procura reciprocamente captar as simpatias e o afeto do superior seguindo exatamente o mesmo procedimento, isto é, assumindo diante d'ele uma atitude exagerada de humildade, detrás da qual se esconde um ressentimento tanto mais profundo quanto menos seja compreendida e oposta aquela conduta.

7.º — Para que o desenvolvimento das relações sociais entre o indivíduo e o grupo se torne possível, devem não somente existir alguns interesses comuns ou reciprocos entre ambos, mas também a realização d'esses interesses deve ser possível, ou pelo menos tudo quanto a eles se refira deve ser equitativo. Nada altera tão rapidamente uma relação social normalmente estabelecida como a descoberta de uma injustiça, real ou suposta, por parte de qualquer dos seus elementos.

8.º — Se as circunstâncias em que se desdobra a vida social de um indivíduo (criança ou adulto) em um grupo, tornam impossível que essa vida se possa realizar em forma

normal, produzindo-se, por conseguinte, uma fricção crescente entre eles, não resta outro recurso senão compensar o desequilíbrio existente ou realizar uma transplantação do indivíduo para outro grupo. Tôda tentativa de confiar ao tempo a solução do conflito, ou de exercer uma coação qualquer dos elementos que entram na relação, está condenada a fracassar.

9.º — A permanência ilimitada de um indivíduo no grupo humano de que constitui unidade social, embora tenha a vantagem de diminuir os esforços de adaptação do primeiro, tem o inconveniente de prejudicar a capacidade de adaptação social ante outros grupos com os quais, em teoria, poderia relacionar-se. Para um mesmo indivíduo pode afirmar-se, neste caso, que o que ganha em profundidade perde em extensão: o que tem um amigo do peito dificilmente estabelece outras relações de amizade, não somente por falta de tempo, mas também por ter já satisfeita a sua capacidade afetiva com uma relação tão íntima. O afeto tende a concentrar-se e a tornar exclusivos os indivíduos. Por isso é preciso procurar fazer com que a vida psicológica tenha certa mobilidade, se quisermos ter abertas as portas ao maior número de atitudes afetuosas possíveis, sem que estas se excluam mutuamente.

10. — Condição final, necessária para o desenvolvimento da sociabilidade, é que cada qual tenha uma idéia da vida própria e que se ajuste à organização social de que faça parte. Em caso algum se deve propugnar o exemplo concreto como estímulo social; cada qual deve procurar ser melhor do que é, sem comparar-se com ninguém, sem menosprezar a ninguém, visto que, em última análise, a razão de ser de sua existência, consiste precisamente em realizar a sua própria vida e não a de outrem. Dêste ponto de vista, um homem é tanto mais sociável, quanto mais seguro se sinta da finalidade da sua existência, isto é, quanto mais saiba aonde vai e porque vai. Somente então se verá livre de temores de inferioridade e de vaidade. Porque saber que se vai a um determinado lugar equivale a saber que ainda não se chegou.

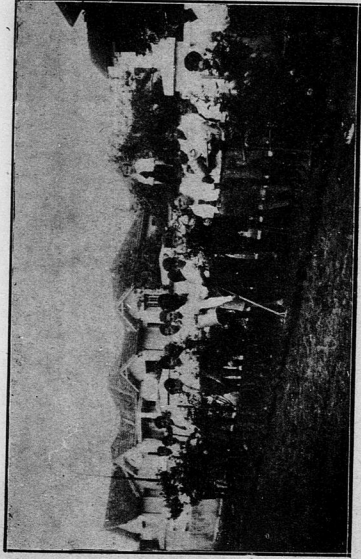
e por conseguinte, ainda não se está plenamente satisfeito de si próprio.

Até aqui chega o nosso decálogo. Se refletirmos um pouco, veremos que, no fundo, não representa nada de novo; é a aplicação dos direitos do homem, proclamados há séculos, ao terreno da técnica pedagógica social. Liberdade, igualdade, fraternidade, continuam sendo os três conceitos básicos que devem orientar o educador no exercício da sua missão. É necessário, porém, concretizá-los em termos compatíveis com a profunda diversidade de aptidões e defeitos humanos. Não devem ser tomados ao pé da letra, mas sim em seu profundo sentido filosófico. Liberdade, pelo domínio da razão sobre as paixões; igualdade, pelo império universal da justiça sobre os privilégios de casta ou de dinheiro; fraternidade, pela supremacia da atitude altruística sobre os primitivos mecanismos egoístas do medo e da cólera, que são próprios somente dos débeis ou dos emocionalmente retardados. Quando se reúnem no indivíduo as atitudes que correspondam a estes conceitos, consegue-se essa síntese perfeita que os psicólogos denominam a *personalidade conciente*.

EMILIO MIRA LOPEZ.

Vida escolar em Minas Gerais

Pedimos aos srs. diretores de estabelecimentos de ensino público e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normais e ginásios) que nos forneçam, para serem publicadas, fotografias (instantâneos, de preferência) documentárias da vida escolar em nosso Estado.



Sócios do Clube Agrícola -Raul de Paula- trabalhando no jardim do Grupo Escolar -Dr. João
Bráulio Júnior-, de Lambari.

Leitura para educadores



I

Educadores da América: Vicente Donoso Torres

O número de março de NUEVA ERA, revista educacional boliviana, anuncia a aposentadoria do doutor Vicente Donoso Torres, lutador autêntico e constante propugnador do ensino durante cerca de três decênios. Ao recolher-se ao descanso a que tem direito pelos seus longos serviços, o doutor Donoso Torres termina um ciclo de atividades profissionais que o colocaram na primeira fila dos educadores da América, entre os quais se destaca por seu espírito independente, sua compreensão dos aspectos científicos do ensino e seu conhecimento profundo do meio em que deve agir o educador.

Nasceu Donoso Torres na cidade de Sucre, onde se preparou para a advocacia. Mas cedo descobriu a sua vocação para o magistério, exemplificada nas conferências que fez, em 1910, sobre a educação do operário e do índio. Matriculado na Escola Normal de Sucre, onde conheceu de perto o reformador belga Jorge Rouma, apresentou a sua dissertação em 1913 sobre o tema: "A evolução dos interesses da criança boliviana". Principia assim a aparecer um dos conceitos fundamentais do pensamento de Donoso Torres: não se pode ensinar a criança sem a conhecer. E conhecer a criança não significava para o jovem normalista observá-la através do prisma dos teorizantes estrangeiros. Para compreender o espírito infantil e suas necessidades era necessário, segundo êle, um trabalho lento e paciente de observação, investigação e análise durante a vida inteira do educa-

dor. Após a terminação dos seus estudos, fundou, em companhia de outro grande educador, Juvenal Mariaca, a Escola Normal Rural de Umala, criada em 1915.

Em 1920 foi convidado a organizar as escolas comunais em cujo plano de trabalho figurava, em primeiro lugar, o esforço combinado dos pais, do professor, dos alunos e do governo como corretivo da penúria e deficiências materiais da escola comum boliviana. Adotado o Estatuto de Educação Indígena, passou Donoso Torres a ocupar o lugar de Inspetor Geral de Instrução Primária, fazendo sentir o seu espírito progressivo nas reformas que levou a cabo, entre elas a dos exames coletivos de revisão geral.

Em 1930 publicou o plano de "Organização da Faculdade de Ciências Pedagógicas", síntese de madura reflexão sobre o problema da preparação de professores para a escola nova, que tanto anelava. Pouco depois era nomeado diretor da Escola Normal Masculina de Sucre, a qual foi em seguida fundida com a Normal Feminina para formar o *Instituto Nacional de Ciencias de la Educación*, dependente da Universidade de Chuquisaca (Sucre). No I. N. C. E. Donoso Torres instituiu os programas sintéticos, aumentou a preparação cultural requerida da candidato, melhorando o número e qualidades dos cursos necessários para o bacharelado, e criou a secção de professores baseada em um ciclo especial de dois anos. Deu também provas, quando diretor do Instituto, da sua capacidade administrativa, mantendo as atividades daquela instituição apesar de ter sido diminuída a verba orçamentária, a ela destinada, de 113,000 para 62,400 bolivianos. Apesar de numerosos contratemplos, Donoso Torres manteve-se firme na defesa dos ideais que tem pregado toda sua vida: a autonomia universitária e a independência da instrução pública de toda a influência política. Por último, em abril de 1936, fundou a revista *NUEVOS RUMBOS*, para difundir os princípios da Liga Internacional da Educação Nova, cuja representação tem na Bolívia.

Para Donoso Torres a educação sempre foi uma disciplina digna de ser considerada como ciência, da mesma for-

ma que a sociologia, a economia e a psicologia. Porém uma ciência de grande transcendência humana: "O I. N. C. E. seguirá formando professores... como uma preparação humanista que lhes faça sentir as palpitações da hora atual", dizia êle em 1934. "Sem ciência", continuava, "não se poderia cumprir o primeiro postulado — conhecer a criança. Sem humanismo não se cumpriria o segundo: — criar a escola — comunidade orgânica de vida e de trabalho". No exercício de sua profissão Donoso Torres conseguiu conservar a flexibilidade nos programas e dar provas de inteligência na aplicação do método, porque nunca se apartou do conceito dinâmico do aprendizado que indica esta frase sua: "mais que conhecimentos, possibilidades de criação". Do mesmo fundo surgiu esta definição simples e penetrante: "A lição não deve ser mera adição a outras lições, mas sim algo que seja parte integrante de um todo orgânico, vital; um vínculo entre o criado e aquilo que ainda está por criar, um afluir constante de conhecimentos, destrezas e habilidades para o acrescentamento do espírito do aluno".

Ao despedir-se Vicente Donoso Torres do magistério ativo, a juventude docente boliviana, formada em grande parte por êle, recordou a frase com que o distinguiu outro exímio educador, Daniel Sánchez Bustamante: — "E' o educador mais completo de sua geração".

II

A escola ativa na Argentina

Entre os precursores da escola nova ou ativa na Argentina, ocupa lugar eminente o professor Victor Mercante, que publicou, por volta de 1890, uma série de artigos dando a conhecer as experiências que a êsse tempo realizava na Escola Normal de San Juan. Seu objetivo era abrir caminho para o que então, como ainda hoje, se chamava "novas idéias". Em 1892 apareceu o seu livro *LOS MUSEOS ESCOLARES Y LA ESCUELA MODERNA*, em que expôs claramente os princípios substantivos da escola progressiva — a

auto-educação, os centros de interesse, as excursões escolares, e companheiros entre professores e alunos em lugar da rígida disciplina, e o trabalho manual livre. Talvez sintetize bem o pensamento de Mercante naquela época a frase que empregou para resumir a técnica dos museus escolares — “que o observador seja agente em sua formação”. Os princípios que mais tarde deram fama mundial a Dewey, Claparède e Décroly, já em 1892 os afirmava Mercante com intuição certa e apesar da falta de laboratórios e de todo o aparelhamento científico que favorecia os investigadores estrangeiros.

Embora Mercante jamais cessasse de pregar as suas idéias, os quarenta anos que se seguiram à sua primeira enunciação delas foram de pouca importância em quanto ao estabelecimento de centros de ensino dedicados a provar, no terreno prático, a validade do seu pensamento. Esta inércia não foi, todavia, obstáculo à divulgação do ideal renovador de Mercante, que foi abraçado pelos distintos educadores Clotilde Guillén de Rezzano, e Pablo Pizzurno, entre outros. Ao assumir a direção da Escola Normal Número 5 de Buenos Aires, a doutora Guillén de Rezzano organizou o ciclo infantil com o cunho autêntico da escola ativa. Assim o demonstra a modo de entender as particularidades psicológicas da criança, explicadas deste modo pela referida educadora: “renovação constante, atenção débil, memória sensorial, sensibilidade vivíssima, capacidade inventiva extraordinária”. Ajustando os métodos a esta concepção dentro do Kindergarten, houve uma evolução gradual em direção aos centros de interesse no primeiro grau superior e no segundo.

O sucesso parcial e a constante agitação das idéias converteram, pouco a pouco, a escola ativa em tema de preocupação nacional. Em 1929 o Conselho Nacional de Educação nomeou uma comissão encarregada de sugerir as modificações necessárias no plano de estudos então em vigor de modo a dar-lhe uma direção progressiva. Com êsse fim prescreveu o Conselho as normas seguintes para a obra da comissão: — “Relacionar de novo a escola com a sociedade, acomodar

dar as atividades escolares um pouco mais aos interesses da criança”, buscar “a adaptação do indivíduo dentro da concepção global de cada matéria”, “e desenvolver a capacidade individual do educando”.

Por certas razões que é desnecessário enumerar aqui, as reformas aconselhadas pela comissão, que apresentou o seu relatório em fins de 1929, só foram postas em prática em meços de 1936. Dentro das possibilidades do momento, tanto económicas como pedagógicas, adaptou-se a atividade escolar aos princípios que acabamos de citar. O que tem talvez maior importância nesta reforma é a atitude benévola das altas autoridades escolares em relação à escola ativa, pois, reconhecem que os novos programas têm o caráter de experiência unicamente e que, por conseguinte, são suscetíveis de serem modificados e melhorados. Conhecedores dos problemas do seu sistema educativo, particularmente no que diz respeito aos territórios, os argentinos não caíram no erro de acreditar que a escola ativa havia sido verdadeiramente estabelecida em sua pátria mediante simples relatório e vários decretos.

Desde então tem continuado a ser empregada a técnica ativista em várias escolas normais de Buenos Aires, Jujuy, Corrientes, Mendoza, Entre Rios e Santa Fé. Na última destas, por exemplo, foram organizadas em 1931 várias escolas primárias de conformidade com o Plano Dalton. Na província de Córdoba, por um decreto de 1933, a escola ativa tornou-se obrigatória. Pouco antes, a professora Célia O. A. de Montoya, diretora do Instituto de Pedagogia da Universidade Nacional del Litoral, havia tropeçado com dificuldades cuja simples relação revela as circunstâncias em que se tem desenvolvido êste tipo de ensino. A falta de um local adequado juntava-se a carência quasi absoluta do mobiliário mais essencial. Esta deficiência foi sanada pelas professoras e alunos por seu próprio esforço, construindo o necessário na pequena oficina da escola. Surgiu então o problema da matrícula, que havia sido fixado à razão de 18 crianças por professor, por assim o exigir o reduzido aparelhamento e o pre-

ceito fundamental ativista de limitar o número de alunos em cada classe. Infelizmente, este plano teve de ser abandonado devido a que a escola recebia um subsídio do govêrno e tinha, por conseguinte, de sujeitar-se à lei que exigia uma matrícula mínima de 35 alunos por professor. Além disso, o plano de estudos (projetos, neste caso) não refletia fielmente o pensamento da diretora, por ter de acomodar aos programas estabelecidos pela lei. Contudo, a professora Montoya conseguiu instalar a escola, em que foram adotados métodos modernos tais como o auto-govêrno dos alunos, a responsabilidade coletiva, e a expressão espontânea em exercícios rítmicos tanto musicais como dramáticos. A excursão escolar converteu-se em ponto de partida do programa dos centros de interêsse, aproveitando-se formas de vida até então desprezadas pela escola, como o mercado da vizinhança e as indústrias locais.

Esta experiência teve eco na cidade de Rosário, onde por aquele tempo a professora Angela G. de Agüero dirigia a escola "Capital Federal", com uma matrícula de 800 crianças. De acôrdo com o método Dalton, e sem se apartar muito dos programas oficiais da província, foi adotado um programa de estudos primários em tôrno de centros de interêsse, tais como "A cidade de Rosário", "O Aluno", "O agricultor", e outros. Foi também adotado um novo sistema de disciplina, sem prejuízo da boa ordem, o que a muitos cétricos parece cousa impossível de realizar dentro do conceito da escola ativa.

Na mesma cidade de Rosário funcionou, durante algum tempo, o plano Dalton na escola "Almafuerte", dirigida pela educadora Ana R. Echeverria. Esta tentativa se distinguiu pela circunstância de ter sido auspiciada por uma cooperativa do país, fundada com o fim de oferecer aos seus dirigentes os recursos culturais e econômicos dos respectivos membros e de ajudar na propaganda dos métodos da escola ativa.

O último relatório da Instrução Pública de El Salvador contém informações sôbre vários aspectos do progresso

educacional naquela República. Com justiça dá lugar de destaque a fundação da Secção de Ensino Normal Rural de Izalco, em que será formado o corpo dirigente para as escolas rurais hoje em vias de organização. O plano técnico a que obedece a nova escola normal rural toma em consideração a necessidade de estabelecer secções normais semelhantes à de Izalco em cada um dos centros rurais mais importantes.

As Juntas de Edificação Escolar têm prestado valioso apóio no que se refere à construção de edifícios, alguns dos quais teriam ficado por terminar sem o auxílio financeiro dêsses grupos. Interessam-se essas Juntas — que representam um esforço inteiramente voluntário — na fundação de colônias escolares e outros lugares de recreio para centenas de crianças necessitadas.

Com o fim de comemorar a fundação da Universidade de El Salvador, cujo centenário se celebra em 1940, foi aprovado um projeto para a construção de uma cidade universitária, a qual deverá ser inaugurada por essa ocasião. Calculam-se em mais de 500.000 colones as despesas de construção da referida cidade, na qual haverá campos de desporto, laboratórios modernos, gabinetes de estudo e bibliotecas.

Na Escola Normal de Professoras "República de Espanha", dirigida pela professora Soledad de Atlas, está sendo levado a cabo um trabalho cultural de grande significação. Referimo-nos ao Teatro Escolar, fundado em 1933, como parte do curso especial de educação estética. Desde então, tanto alunas como professores se têm ocupado com a preparação e representação de peças dramáticas inspiradas no ambiente familiar e escolar. Várias destas peças foram reunidas e publicadas no tomo intitulado *Ensayos de Teatro Escolar* (Talleres Gráficos Cisneros, San Salvador,

1936). *Estes Ensayos* constituem o primeiro número da Série Educação Integral que a referida Escola pretende publicar.

III

Assim são os projetos

"Um projeto", reza o nosso enciclopédico dicionário de pedagogia, "é uma atividade pedagógica de caráter funcional, unificada por uma finalidade bem definida e exequível para quem a executa..." Não vamos opôr as débeis divagações de LEITURA aos três quilos de concentrada sabedoria que consultamos. Desejamos sómente chamar a atenção de nossos leitores para outra definição, formulada em forma de conto que tivemos a sorte de ler recentemente. Intitula-se "O pequeno inválido" e o seu autor é Nicanor Rivera Cáceres, professor peruano.

Carlitos, menino de doze anos que jogava com alguns companheiros no páteo de escola, ao saltar do uma parede quebrou uma perna. Os seus companheiros, verificando a gravidade do caso, decidiram levar o ferido a sua casa, esperando que ali lhe seriam prestados os cuidados devidos. Ao chegarem à casa de Carlitos encontraram, porém, que a família vivia em extrema pobreza. A mãe do menino já falecido há algum tempo e o pai, enfermo, apenas consegue sentar-se no leito para maldizer a sorte. Não tinha dinheiro para pagar o aluguel, nem para alimento, muito menos para o médico. Comovidos, os pequenos companheiros de Carlitos resolveram contar tudo ao professor, autorizando-o a pagar as despesas do médico e o aluguel atrasado com as economias de dois anos que tinham no banco escolar. O professor faz-lhes notar os inconvenientes de tal ação generosa, porém impulsiva, com o que decidem ceder sómente uma parte das suas economias. Porém a importância assim reunida não é suficiente para pagar ao médico, comprar muletas, liquidar os alugueis atrasados, etc. Que fazer?

O professor sugere uma festa de box em que deverão lutar os melhores pugilistas da escola. Cobrar-se-á entrada e o que for recolhido será entregue a Carlos. Ato contínuo adquiriram as luvas, os baldes, as toalhas, as estacas e a corda para formar o quadrilátero, a campainha, e outros objetos necessários para a festa. Em seguida escreveram lindos convites com ornamentação pintada a aquarela, e prepararam cartazes em que apareceram os boxeadores alardeando de inchada musculatura, distribuindo-os entre os alunos da escola. Foi então nomeado um referee, um porteiro e um bilheteiro em pública e democrática eleição.

Chegou o sábado escolhido para a realização da luta. Em série emocionante, tiveram lugar os combates perante uma assistência numerosa que deixou na bilheteria boa quantidade de dinheiro. No lugar de honra estava o infeliz Carlitos e o seu aspecto delgado e doentio inspirava a liberalidade da assistência e a coragem dos lutadores. A festa foi um grande êxito.

Na segunda-feira seguinte o tópico obrigada na classe foi a festa do sábado anterior e o êxito provável do ponto de vista econômico. O professor, por sua parte, aproveitou o tema para tornar mais interessantes os trabalhos escolares desse dia. Na classe de linguagem foi redigida uma alegre descrição da luta; na de aritmética calculou-se o saldo que seria entregue a Carlitos, verificando-se que havia suficiente para pagar ao médico e todas as contas atrasadas do pai do menino. Resolveu-se então celebrar uma cerimônia simples durante a qual se entregou o dinheiro a Carlitos, aproveitando o professor a oportunidade para realçar o valor cívico da conduta das crianças.

Recordando o título de um livro escrito pelo professor Rivera Cáceres (*ASI SON LOS NINOS*, Librería Nacional, Arequipa, Perú, 1932), terminaremos, dizendo: assim são os projetos.

IV

O Ensino secundário no Uruguai

Já se passaram vinte e cinco anos desde que foi reformado o ensino secundário no Uruguai, lapso esse marcado por um progresso constante, segundo escreve o professor José Pereira Rodriguez na revista *Anales de la Enseñanza Secundaria*, (Montevideo, Uruguai), número referente a maio-junho de 1937. Eis as provas: de 1912 até o presente foram estabelecidos dez liceus em Montevideo e um em cada sede de govêrno departamental; a matrícula, que durante o primeiro ano foi de 1.100, ascendeu a mais de 15.000 em 1936; dezoito escolas secundárias particulares foram estabelecidas na capital; a administração do ensino secundário, que antigamente dependia da Universidade, foi constituída em unidade autônoma, sendo criado, por lei de 9 de dezembro de 1935, o Conselho Nacional do Ensino Secundário.

De acôrdo com as disposições desta lei, o Conselho tomou as medidas necessárias para a preparação de um plano geral de estudos, que já se encontra em vigor e que se distingue pelas seguintes características: —foi adotado um sistema graduado de acôrdo com a idade mental dos alunos, qualidade do ensino primário, conhecimentos exigidos do aluno, o número de horas dedicadas por êste diariamente ao estudo; tem-se procurado conseguir uma correlação tão exata quanto possível entre as diversas matérias ensinadas; o ensino moral, o canto colético e a educação física estão incluídos no programa dos três primeiros anos do curso; a fusão equilibrada dos estudos humanísticos, da ciência, da literatura e da filosofia, e o culto do patriotismo constituem a idéia fundamental do novo plano, que também estabelece uma diferenciação entre o ensino para moços e para moças. No quinto ano há uma separação de matérias, tendo um grupo como objetivo a preparação profissional e o outro, a aquisição de conhecimentos úteis no comércio e no trabalho em geral. Os estudos do último ano de ciclo pre-profis-

sional compreendem um núcleo central comum (Filosofia, História, Ciências e Literatura). Existem, além disso, núcleos especiais que são exigidos dos que recebem o ensino pre-técnico. Paralelamente a estas reformas foi adotado um vasto programa de edificação de escolas secundárias que já entrou em execução.

V

A Educação física no México

A criação, no México, do Departamento Autônomo de Educação Física, em fins de 1936, veio por têrmo, naquele país, ao período de incerteza neste importante ramo da educação. Indefinido até há pouco tempo o lugar que correspondia à cultura física em suas relações com a higiene, os desportos, o civismo, e outros aspectos da educação, não é de estranhar que fôsse colocada às vezes sob a direção do Departamento de Belas Artes, e outras vezes incluída entre as atribuições do Departamento de Higiene e Psicopedagogia. Elevado à categoria que por sua importância merece, o Departamento Autônomo afirma a sua independência administrativa, embora seu programa de ação assente, em grande parte, sobre os alicerces lançados por seus predecessores.

Aproveitando as experiências dos "promotores da educação física" — título com o qual se designavam os professores desta matéria até recentemente, o novo departamento organizou as chamadas "brigadas volantes", compostas de técnicos que percorrem constantemente a república, visitando os grandes centros de população agrícola e estimulando a construção de campos de desporto, concurso inter-regionais, e cursos e atividades semelhantes. Os quadros comunais que assim vão sendo organizados ficam inscritos nas associações estaduais desportivas que mantêm em contínua atividade os trabalhadores rurais. Foi também criada a Confederação Desportiva Mexicana, sob cujo controle e orientação se encontram as associações estaduais. Estas, por sua vez, fa-

zem parte das federações nacionais. Entre estas últimas figuram as seguintes: Nacional de Xadrez, de bola-ao-cesto, de ciclismo, de natação, de caça e pesca, de tiro ao alvo, etc. As federações aludidas dirigem, em suas respectivas especialidades, os concursos locais e regionais, que culminam nos concursos nacionais, os quais, por sua vez, oferecem o incentivo da participação nos jogos e competições internacionais. Desta forma foi selecionado o quadro de bola-ao-cesto campeão da república, que mais tarde jogou várias vezes com o quadro da cidade de Cali, Colômbia.

De grande interesse para os que opinam que o atletismo é um poderoso instrumento de estrangeiramento deve ser a importância que o Departamento dá aos desportos autóctonos. Com o fim de promovê-los, foram enviadas instruções aos diretores estaduais para que transmitam suas observações sobre os jogos indígenas regionais. Dêse modo se poderá fazer o estudo, adaptação, regulamentação e divulgação de tais jogos. Como exemplo mencionar-se-á o caso do jogo de bola mixteca, que se vai popularizando rapidamente em todo o país. As regatas entre os pescadores do lago de Pázuaro constituem outro exemplo desta mesma tendência de aproveitar as formas de atividade física típicas do país.

Com o fim de prover pessoal idóneo para este programa de ação, foi estabelecida a Escola Normal de Educação Física. Sob a vigilância dos seus professores, os alunos dessa Escola fazem parte de "Brigadas Volantes" durante as férias, dando cursos, aplicando teorias, familiarizando-se com os problemas que dentro de pouco terão de confrontar. Observam a falta de aparelhamento e aprendem a aproveitar os elementos às vezes rudimentares que têm à sua disposição. Desta forma têm sido constituídos milhares de campos de desporto, tabogans, aparelhos de ginásticas, quadras de bola-ao-cesto, etc., que são o orgulho das comunidades onde se acham localizados. O curso da Escola Normal de Educação Física compreende três anos e inclui matérias tais como biologia,

anatomia, jogos e desportos, primeiros socorros, pedagogia, inglês, sociologia e quinesiterapia.

O desfile cívico realizado em outubro de 1937 em comemoração da passagem do 27.º aniversário da Revolução Mexicana, foi uma demonstração do trabalho do Departamento Autônomo. Mais de cem mil atletas de ambos os sexos tomaram parte nesse vistoso desfile, achando-se representadas instituições oficiais, escolas e associações de beneficência. No Estádio Nacional, onde terminou a manifestação, ficou uma vez mais demonstrado o progresso alcançado no aspecto técnico e a sábia orientação dada à educação física no México — o restabelecimento das forças corporais do povo, a vinculação de suas diversas regiões e a restauração de valores estéticos nacionais durante muito tempo esquecidos.

VI

Um coeficiente volúvel

Um dos pontos mais firmemente estabelecidos da psicologia pedagógica moderna é sem dúvida o coeficiente de inteligência, que tem servido para classificar os alunos de acordo com supostas capacidades intelectuais. A fórmula é tão simples como conhecida: — divide-se a idade mental, obtida mediante a aplicação de vários testes, pela idade fisiológica do aluno e multiplica-se o quociente por 100, para poder expressar em números inteiros o resultado. Assim, por exemplo, um menino com um coeficiente de 100 possui, segundo a escala comumente aceita, uma inteligência normal; o que tem um coeficiente de 140 é um gênio; e o que apenas revela um coeficiente de 50 ou menos é um imbecil não muito longe do idiotismo. Uma vez determinado o nível intelectual da criança, ficava esta classificada para sempre.

As vantagens de poder classificar de uma vez para sempre a todos os alunos não eram para desdenhar. Permitia esse sistema segregar os menos inteligentes e agrupá-los em torno a um plano de estudos que não variava sensivelmente

de ano para ano. Os retardados podiam assim vegetar em um ambiente institucional sem que se inquietasse a consciência dos educadores, pois isso era "natural" e contra deficiências ingênicas nada se podia fazer. A consequência lógica desta apreciação foi o descuido deste tipo de alunos, os quais ficavam assim alheios a tudo o que hoje se considera indispensável para a formação da personalidade. Os gênios, ao contrário, gozavam destas vantagens em proporção cada vez maior. Tudo isto pareceu não somente injusto, mas também pouco científico à doutora Beth I. Wellman,* da Universidade de Iowa, cujas experiências ameaçam destruir o determinismo do respeitável I. Q. (*Intelligence Quotient*, i. e. coeficiente de inteligência).

Encontrou a doutora Wellman muitos casos em que o coeficiente, em vez de escolher o seu lugar e de ficar quieto para sempre, mostrava uma instabilidade desconcertante. Alice, por exemplo, aos três anos registrou 89; aos dez, 149, e aos treze, 132. Quer dizer, em dez anos saltou dos "raramente assimiláveis" para a elevada categoria dos gênios, e logo em seguida degenerou para permanecer entre os de "inteligência muito superior". Antônio, que no jardim de infância tinha a perspectiva mediocre dos que só alcançam 98, aos doze anos cintilava, com 167, entre os supergênios. E assim por diante. Descobriu a mencionada investigadora que as medições mais autorizadas, aplicadas com todas as precauções, produzem coeficientes de uma elasticidade pasmosa, que impede absolutamente prognosticar o desenvolvimento da mentalidade.

O fator variável, objetivo causador destes altos e baixos da mentalidade, foi encontrado no ambiente que rodeia a criança.

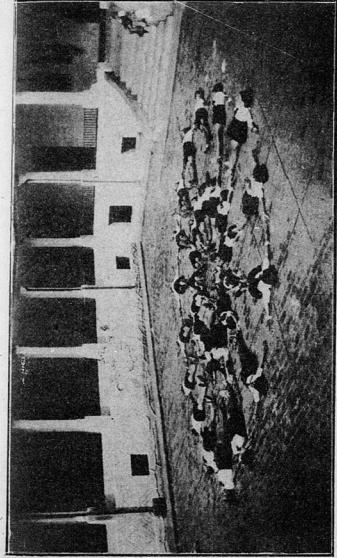
Algumas crianças aparentemente lerdas e que passaram os primeiros anos da infância em um hospício, conver-

(*) Henry, Thomas R. "The wandering I. Q." *Journal Of The National Education Association*, Fevereiro, 1938.

tem-se mais tarde em seres extremamente vivos; por outro lado, há crianças de famílias empobrecidas que decaem visivelmente, em sua capacidade intelectual, depois de alguns anos de vida em uma instituição de beneficência. A idênticas conclusões chegou o professor Harold M. Skeels, também catedrático da mesma universidade. Sob a sua direção 147 crianças provenientes de famílias indigentes foram colocadas em lares de um nível econômico muito superior. Os pais destas crianças tinham, em quarenta por cento dos casos, um coeficiente de 80 ou menos, quer dizer, perto da debilidade mental. Só 13% deles tinham coeficiente superiores à normalidade. Transcorrido algum tempo as crianças foram submetidas a uma nova prova com o resultado de que nem uma só revelou coeficiente subnormal, ao passo que quarenta e cinco delas alcançaram índices próprios do gênio.

Deduz à doutora Wellman das suas investigações que o valor das medições da inteligência está em relação direta com a inalterabilidade do meio ambiente; e que, transformado este, quer seja para bem ou para mal, imediatamente se dão quasi sempre modificações na capacidade mental da criança.

AS COLEÇÕES dos anos anteriores da "Revista do Ensino" são vendidas a 25\$000 cada uma. Pedidos à Direção.



Ginástica de chão — Alunas do 1.º turno. — Grupo Escolar «Dr. João Bráulio Júnior», de Lambari.

A educação da criança

Célica S. PONTET
(Professora em Montevideu)

Motiva este tema, tão cheio de sugestões, o haver-se observado a pouca importância que geralmente os pais e os educadores conferem a esta atividade infantil. Para eles, o recreio das crianças constitui apenas um descanso e, por isso, se despreocupam frequentemente da vigilância contínua que deveriam exercer nessas horas. A intervenção dos adultos nos jogos dos menores tem-se feito somente quando sucede qualquer coisa que impele a criança a pedir a ajuda dos professores, seres que eles consideram dotados de maior inteligência.

Alguns pedagogos modernos (Montessori, Froebel, etc.), já observaram que o jogo é uma fonte de informações psicológicas, atribuindo-lhe grande importância educativa. Porém não é menos certo que a prática desse sistema constitui apenas uma exceção dentro dos inumeráveis centros de educação; e ainda que pudesse amoldar-se a todos eles, já se tem observado que o jogo perde assim suas características essenciais que são a espontaneidade e a liberdade da criança. Sendo esses jogos quasi sempre impostos ou pelos menos sugeridos pelos professores, ficam desta forma reduzidos a trabalhos mecânicos.

Outros pedagogos, tais como Binet e Simon, utilizaram os testes para medir a capacidade psíquica da criança. Esta espécie de exame não poderia ser substituída pelas observações que se colheram nos jogos? Nestes não existem falsas disciplinas que produzem estados privativos na criança. O observador que atua inteligentemente não faz sentir o peso de uma vigilância que atenta contra a liberdade infantil.

Muito se tem falado e escrito sobre psicologia infantil e isso porque há grande necessidade de se conhecer largamente o assunto. Todos os pais e professores devem ser necessariamente bons psicólogos para poderem dar à criança tudo o que requer o seu desenvolvimento espiritual e físico. Não obstante a boa intenção dos autores de livros pedagógicos, é preciso reconhecer a pouca eficácia dos meios de que lançam mão para resolver o transcendental problema do conhecimento real da criança. É que a maioria desses livros não é o resultado de uma observação prática e pessoal, mas apenas teorias e hipóteses. A verdadeira psicologia é de caráter prático e experimental. Só um profundo conhecimento dos pensamentos da criança (sua origem, generalização, ação e reação) pode guiar o educador no difícil trabalho de conduzi-la eficientemente.

Quem não observa os meninos em seus jogos perde a oportunidade de adquirir preciosos pontos de referência de ordem psicológica. Perde também a ocasião de encaminhar as características mentais da criança, levando-a a uma raciocínio que lhe permitirá diferenciar por si mesma, a verdade do erro. Darei um exemplo em apoio de minha afirmação: Dois meninos jogam na rua. Nesse jogo deve arrojarse uma pedra, esfoçando-se por colocá-la dentro de determinados círculos desenhados no solo. Origina-se uma discussão entre os jogadores, porque enquanto um afirma que a sua pedra tranpoz a linha que limita o espaço, o outro crê que a pedra ficou sobre a linha. Produz-se, então, nas duas crianças um estado de ofuscação mental. Nessa hora o observador consciente se aproxima, e, sem dizer qual das crianças tem razão, lhes propõe o seguinte problema que elas devem resolver sem mais explicações: si tomarmos um lápis e o passarmos pela linha do jogo — que acontecerá si a pedra estiver sobre ela?

Conduzindo o menino a tão sereno raciocínio, responderá elle que a pedra deve mover-se à passagem do lápis. Elle mesmo vai verificar essa verdade e, desta forma, se combate eficazmente o seu capricho.

A obstinação mental, estado que se caracteriza pela falta de atividade da razão e que constitue uma resistência à força espiritual inteligente, é muito prejudicial ao desenvolvimento psíquico da criança. Se não é combatido a tempo, irá aumentando progressivamente, até privar o menino de qualquer discernimento franco e leal.

Não comporta esse artigo a análise que determinaria quais os jogos que mais convêm aos meninos porque para isso seria necessário um estudo minucioso do complexo fisico-espiritual da criança.

Não obstante podemos afirmar que os jogos inteligentemente escolhidos pelos educadores, cuja missão é de amplissima responsabilidade, devem objetivar a conquista de uma vida sã, eficiente, na verdadeira acepção desses termos, em que está implicito o conceito do ser como entidade anímica. É por isso um trabalho tão difícil quanto rico em conhecimentos o que se realiza ensinando-se a jogar, devendo, pois, ocupar importante lugar em todo plano de educação cultural. Ele não se limita apenas à observação que, como espectador, pode realizar-se diante da criança. A intervenção do adulto deve ser multipla e variada como o são as circunstâncias, os estados e a psicologia infantis. Em qualquer caso, porém, o maior discernimento do adulto iluminará a razão incipiente da criança, mas tudo isso respeitando sua liberdade. Desta forma se encaminhará a criança, sem criar tropeços para que manifeste integralmente o seu verdadeiro eu.

CÉLICA S. PONTET.

(Tradução de Juarez Felicissimo)

Pedimos permuta a todas as publicações
congêneres dos Estados e do estrangeiro

Em nossas escolas

No "Minas Gerais" de 21 de agosto de 1938, o dr. Valdemar Tavares Pais, auxiliar técnico do Secretário da Educação, fez publicar a seguinte nota:

"Na coluna sob o título acima, o Corpo Técnico de Assistência ao Ensino publicou, em o ano p. findo, diversas informações extraídas dos relatórios técnico-pedagógicos, bem como atividades escolares recebidas, com o fim de divulgar o que já se fez em nossas escolas.

Continuando esta útil iniciativa, bem aceita pelo professorado mineiro, a Inspeção Técnica do Departamento de Educação reiniciará esse serviço de publicação, aproveitando as boas experiências dos nossos educadores.

Assim, um bom processo adotado no ensino desta ou daquela disciplina, as observações em torno de um método, a solução encontrada para um dos nossos múltiplos problemas pedagógicos, uma boa prática ou uma salutar medida, etc., etc., tornar-se-ão conhecidos de todos os professores, podendo, se imitadas, facilitar a sua tarefa educativa.

Conforme informações enviadas a esta Inspeção pelos diretores, fiscais, inspetores e professoras técnicas, vários destes trabalhos constituiram matéria para leitura e comentário nas reuniões do corpo docente ou dia da leitura, sendo outras afixadas nos quadros de avisos de muitos estabelecimentos de ensino.

Outros ainda foram apreciados por nossas crianças, segundo atestam os artigos de dois jornais infantis que fizeram referências a essas publicações. Em um deles o aluno mostrava-se satisfeito por ter lido em o "Minas Gerais", no

licias elogiosas sobre seu grupo. Em outro, o educando escrevia que tivera a idéia de fazer um trabalho escolar, após a leitura da crônica pedagógica que relatava a proveitosa iniciativa de uma criança, levada a efeito em uma escola do Estado.

Segundo o critério anteriormente adotado, os trabalhos serão escolhidos dentre os que consistirem em realizações, não se aceitando planos a serem executados ou idéias que, embora valiosas, não tenham sido postas em prática. Os assuntos serão transformados em fichas pedagógicas pelos membros técnicos da secção. A ficha será redigida de modo que o seu conteúdo constitua uma leitura mais ou menos completa e ao mesmo tempo breve: referir-se-á aos aspectos do ensino nos diferentes graus ou tipos de escolas.

Pretendemos, com tal medida, colaborar com os professores mineiros, concorrendo para o progresso rápido de nossas casas de educação".

GRUPO ESCOLAR "PADRE CORRÊA DE ALMEIDA" — DE CAXAMBU

Motivando trabalhos

Uma das etapas principais do trabalho escolar é a motivação. Por ela a criança ganha interesse, predispõe-se para a atividade que a professora tem em vista. Às vezes uma lição, na aparência insignificante, toma vulto e torna-se desejada, facilitando a aprendizagem, graças ao modo pelo qual a mestra a introduz.

Muitas de nossas escolas vêem os resultados de seus trabalhos coroados de êxito porque tiveram a preocupação educativa de pensar antes numa proveitosa motivação. Essa preocupação constitui um dos pontos fortes nos planos de lição do professorado do grupo escolar "Padre C. de Almeida" de Caxambú, como podemos verificar pela notícia abaixo.

E' o inspetor técnico da 14.^a circunscrição que escreve. Vejamos o que êle informa.

— A assinatura do ponto é uma atividade introduzida pela diretora-técnica para motivar o aprendizado da escrita. Assim, diariamente, cada criança de 1.^o ano registra, no quadro negro, a sua entrada em classe, exercitando-se, sem o sentir, na escrita de seu nome.

— A feitura de dois bonecos serviu para motivar as aulas de leitura. João Peru' e Maria Carijó são personagens criados pelos alunos de uma classe de 1.^o ano. São bonecos por êles feitos e conservados no cantinho das novidades da escola. E como os pirralhos fazem viver os bonecos ! Um dia, a professora colocou algumas fichas destinada à fixação de palavras na caixa em que se achava o boneco. Imediatamente os alunos puseram-se a gritar "João Perú está abafado ! João Perú vai furar a caixainha !"

— Com o surto aviatório que se verificou há dias aqui no Sul, motivou outra professora a aprendizagem dos bairros da cidade. E foram, com efeito, aulas excelentes.

— Para que as crianças aceitassem, com satisfação, a nota de procedimento que lhes era atribuída, uma professora propôs um auto-julgamento diário. Organizou um caderno: Uma lista de nomes e, adiante, os dias. Ao fim do dia letivo cada aluno conversava com a professora sobre o que havia feito. Esta o auxiliava no exame de consciência, como um confessor. Enunciado por êle próprio o julgamento era o mesmo, em seguida, assinalado na coluna: Com lapis azul, se tudo fôra bem; vermelho, se houvera falhas...

*(Organização de Maria Suzel de Pádua. — In-
formações de Abel Fagundes).*

GRUPO ESCOLAR "BRASIL", DE VARGINHA

Semana do Livro

Uma das condições principais para o êxito das atividades escolares é que o aluno compreenda a natureza do traba-

lho de que vai ocupar e veja nele uma finalidade útil e interessante. Sentindo-o adequado à sua capacidade e necessidade, consagra-se a êle com todas as suas forças.

Com o objetivo de organizar a biblioteca infantil do estabelecimento, a diretora do Grupo Escolar "Brasil", de Varginha, instituiu para as classes de 1.^o, 2.^o e 3.^o anos a "Semana do livro".

Foram dias de intensa atividade para os alunos dessas classes, que realizaram durante a semana, de acôrdo com o seu desenvolvimento e suas experiências, trabalhos interessantes e valiosos, contribuindo todos para a consecução do objetivo em vista.

Histórias diversas foram lidas e comentadas nas classes. As crianças escreveram cartas às pessoas da cidade, pedindo livros e agradecendo-lhes, fazendo convites para a inauguração da biblioteca, etc.

A história dos primeiros livros foi contada aos alunos, tendo os do 4.^o ano estudado a origem do alfabeto da imprensa, a vida de Gutemberg, etc.

A compra de material para a biblioteca motivou problemas variados e interessantes.

Foram visitadas, em excursões proveitosas, as tipografias e papelarias da cidade.

Com o fim de escolher-se o patrono para a biblioteca, leram-se as biografias de escritores brasileiros notáveis.

Os envelopes e cartões para agradecimentos e convites foram confeccionados em classe.

Os alunos fizeram diversos albums, merecendo especial referência o de histórias inventadas.

Encerrando a "Semana do Livro", foi festivamente inaugurada a biblioteca, que tomou o nome de "Rui Barbosa", por escôlha das crianças.

Damos a seguir algumas cartas e histórias, extraídas, respectivamente, da coleção de cartas e do álbum de histórias inventadas:

D. Maria,

Nós, alunos do Grupo "Brasil", estamos organizando uma biblioteca e fazendo pedidos de livros a pessoas desta cidade. Peça-lhe que nos envie um bem bonito, sim?

Desde já lhe agradecemos.

N. G. (2.º ano).

D. Conceição,

Eu recebi o livro e muito agradeço. É muito bom e tem muitas histórias bonitas. Nós gostamos muito dele. Eu já li muitas histórias e achei tôdas muito lindas.

Convido a sra. para vir assistir à inauguração da biblioteca, no dia 3 de maio.

A. F. (2.º ano).

História do livro

Era uma vez um menino que gostava muito de livros. Ele chamava-se Alaor e tinha uma irmã chamada Léia. Todos os dias as crianças pediam livros de histórias a seu pai. O pai lhes dizia que quando fôsse à cidade comprava os livros... Um dia, ele foi à cidade e quando chegou em casa seus filhos foram abrir a porta e viram-no com uma porção de embrulhos e perguntaram-lhe:

— O sr. trouxe os livros?

O pai disse que sim e mostrou-lhes os livros bonitos que tinha comprado. Os dois ficaram tão contentes que até começaram a pular e gritar.

H. M. (3.º ano).

O livro

Era uma vez uma menina que tinha um livro de histórias muitas bonitas.

Um dia ela estava lendo as histórias e veio um ratinho muito devagarinho e escondeu-se atrás da porta para ver onde ela guardava o livro. O rato viu e quando a menina foi-se embora, ele roeu muitas folhas.

Quando a menina foi buscar o livro para ler, o rato tinha roído as histórias mais bonitas. Ela ficou muito triste e começou a chorar porque não tinha mais o seu amiguinho livro.

A. M. G. S. (3.º ano).

(Organização de Zenite Feliz da Silva. — Informações de Aida Rezende).

GRUPO ESCOLAR "GONÇALVES CHAVES", DE MONTES CLAROS

Como aproveitar os fatos atuais

O aproveitamento dos fatos atuais para predisposição das crianças ao trabalho escolar é princípio pedagógico de valor incontestável.

Em nossas escolas, este princípio vai sendo convenientemente atendido. A inauguração de uma estrada de rodagem, no Norte de Minas, por exemplo, foi motivo explorado no grupo de Montes Claros, para desenvolvimento de projetos sobre vias de comunicações e meios de transporte, que permitiram realizações de grande interesse.

Na mesma ocasião em que se inaugurou a estrada, Montes Claros recebeu visitantes ilustres — o revmo. sr. Núncio Apostólico, o sr. secretário do Interior, dr. José Maria de Alkmim e outros. Este acontecimento sugeriu também várias atividades de real valor educativo.

Foi, assim, facilmente introduzido na classe do 4.º ano o estudo sobre a constituição do governo estadual, seus membros e atribuições e sobre a biografia do Núncio que por sua vez motivou um projeto sobre a Itália, cujos resultados ressaltam das publicações nos jornais infantis, fundados pelas crianças, "para nelas transcreverem as suas impressões e estudos".

Várias das notícias que se encontram nestes jornais, são documentos que provam o quanto os alunos sentem e vivem as atividades desenvolvidas em classes, quando associados a assuntos do dia, lembrando-as e fazendo delas aplicações oportunas. Haja vista o título do jornal da classe. "O telégrafo sem fio", fundado após o estudo que fizeram sobre as invenções de Marconi, por ocasião do seu falecimento. Transcrevemos abaixo o primeiro artigo desse jornal, pelo qual se vê que a idéia deste título foi lançada pela criança, acolhida pelos colegas e respeitada pela professora.

NOSSO PROGRAMA

"Foi com grande prazer que no dia 3 fundamos um jornalzinho em nossa classe.

Entre diversos nomes apresentados pelos meus colegas foi escolhido o que apresentou o colega Osmar Peres que é "O Telégrafo Sem Fio", nome que todos nós achamos muito bem lembrado, pois que acabamos de estudar a vida do grande cientista que acaba de desaparecer, Guilherme Marconi, o inventor do telégrafo sem fio.

Assentado o nome do jornal, foram postos em votação os nomes de vários colegas para a diretoria, que ficou assim organizada — Diretor, Altamiro Gonçalves de Oliveira; Redatora — Reginalda Ferreira dos Santos. A diretoria eleita foi muito aplaudida.

"O Telégrafo Sem Fio" será mensal, e noticiará todos os trabalhos realizados em nosso Grupo.

A vida do nosso jornalzinho depende do nosso esforço, da nossa perseverança e da nossa atividade.

Trabalhem, pois, caros colegas, para o seu engrandecimento e brilhantismo".

*(Organização de Maria Angélica de Castro. — In-
formações de Marieta Vecchio).*

GRUPO ESCOLAR "CORONEL PAIVA", DE OURO FINO

Audatório específico

Publicamos aqui um interessante trabalho sobre auditórios realizado no grupo escolar de Ouro Fino, sob a orientação da professora técnica do estabelecimento.

"A convicção de que o resultado pouco satisfatório que, em geral, apresenta o ensino primário, provém, dentre outros males, do acúmulo de atividades extra-programa que se desenvolvem, muitas vezes, dispersivamente, fugindo inteiramente às finalidades educativas para que foram criadas, leva-nos a desenvolvê-las, em nosso grupo, com muita prudência.

Os auditórios, atividades extra-programa das mais desvirtuadas, têm merecido, por isso mesmo, nossa especial atenção. A parte recreativa exclusivamente, a exibição de crianças bem dotadas, a declamação de poesias impróprias para crianças, quer pelo assunto inacessível, ou pela ausência de sentimento elevado, não aparecem em nossos programas de auditórios. Comumente revelam estes o trabalho final dos esforços diários de professoras e alunos.

Organização e realização de um auditório:

Os alunos de 3.º e 4.º anos do 2.º turno foram conduzidos pelas respectivas professoras a se interessarem pela escrivatura no Brasil e pelo movimento abolicionista. A vida de muitos negros constitui motivo de orgulho para nós, quando lançamos um olhar retrospectivo para o nosso passado histórico. A epopéia de Henrique Dias, a vida romântica e aventureira de Luiz Gama e outros foram "vivas" intensamente. E se forem esquecidos os dados biográficos, ou a sucessão dos fatos históricos, a emoção salutar que quiséramos despertar, podemos afirmá-lo, agirá como uma força positiva na formação de nossos alunos.

Desejávamos, além disso, dar vida ao nosso auditório o mais possível. Pretendíamos trazer para êle um testemunho vivo daqueles tempos dos quais a infância tem uma impressão de estar muito mais distante, do que, na verdade, está.

Sugerimos então às classes convidar, para o auditório de 13 de maio, o mais velho dos ex-escravos de nossa terra, afim de ser homenageado como representante daquele exército anônimo de cativos que vão desaparecendo para sempre de nossa Pátria.

De pesquisa em pesquisa (e como agiram as crianças!) encontrámos José Benedito, preto centenário, inteligência ainda lúcida. Convidado para o auditório, não se fez rogado, e a êle compareceu. Foi logo rodeado pelos alunos das duas classes que lhe faziam mil perguntas.

A essas perguntas, o velhinho respondia de modo encantador. Suas recordações, narradas na linguagem tão particularmente expressiva dos africanos, eram ouvidas atentamente. José Benedito encarnava um personagem daqueles tempos remotos!

Viu D. Pedro II, a Princeza e o Conde d'Eu!

Tem um filho nascido no dia em que foi decretada a Lei do Ventre Livre. Fôra escravo do bisavô de Abílio, um dos meninos presentes.

E a conversação animada, cheia de interesse, se estendia indefinidamente se não fosse chegada a hora do auditório. Terminado êste, assistido com grande prazer pelo velho escravo, foram-lhe oferecidos pelos alunos que se cotiaram para êsse fim, agasalhos, cobertor, dinheiro.

O auditório de 13 de maio nos satisfez inteiramente.

Desejávamos pôr em prática atividades sociais no mais amplo sentido da palavra, o que conseguimos dando às crianças oportunidade de *sentirem* o valor da cooperação e de como essa cooperação deve ser desenvolvida.

Civicamente, conseguimos realizar o nosso desejo de influir profunda e demoradamente naquelas inteligências e naqueles corações para que amem verdadeira, dinamicamente o Brasil e seus heróis.

O conhecimento de fato histórico — A escravatura e a Abolição veio naturalmente, sem esforço exaustivo de me-

mória, sem atritos entre professores e alunos, mas vivamente, como consequência dêsse interesse funcional de que tanto se fala, mas que realmente tão poucas vezes é aproveitado".

(Organização de Anita Fonseca. — Informações de Maria Inácia de Queirós Miranda).

GRUPO ESCOLAR "ARLINDO ZARONI", DE MARIA DA FE'

Sopa escolar

Em junho de 1937 foi noticiada, nesta coluna, a instalação da "Sopa Escolar", no grupo escolar de Maria da Fé.

Os benefícios de ordem material e moral que esta instituição vem prestando à infância e que o relato transcrito faz ressaltar, atestam o seu valor próprio e salientam a boa orientação que lhe tem sido dispensada.

"A instituição da Sopa Escolar, há um ano inaugurada neste grupo, vem funcionando regularmente e com grande eficiência.

Mantida pela Caixa Escolar e pelos alunos de mais recursos financeiros, que também dela tiram proveito, comprando-a frequentemente, continua a proporcionar uma alimentação mais adequada a um grande número de crianças pobres, que varia de 80 e 100, diariamente, em ambos os turnos.

De fevereiro a novembro, 140 alunos pobres foram favorecidos por esta instituição, inclusive os que permaneceram temporariamente no estabelecimento durante êste período letivo.

A título de bonificação aos freguezes da sopa, foi instituído um sorteio semanal, de um objeto útil, uma lapiseira, uma caixa de lapis de côres, um caderno para cartografia, uma escôva de dentes, um sabonete, etc., cuja extração é

feita as sábados, após o recreio, em presença dos alunos de cada turno, sob a forma de rifa, figurando em lugar de números, os nomes dos alunos que compraram sopa mais de duas vezes por semana.

Esta iniciativa veio despertar maior interesse das crianças para frequentarem o refeitório, incentivadas pelo desejo de serem contempladas no sorteio dos prêmios.

E assim conseguiu-se um aumento considerável no produto da venda, o qual havia diminuído em virtude da elevação do preço a \$200 o prato, motivada pela alta dos gêneros alimentícios.

Para que as crianças se conformassem com esta medida, foi necessário apresentar-lhes, de classe em classe, a relação das despesas e do rendimento, detalhadamente durante todo o primeiro semestre, insinuando-as a resolverem os vários problemas reais que se têm apresentado no movimento desta instituição.

Só assim puderam compreender a razão do aumento do preço da sopa e avaliar as dificuldades com que se luta para a manutenção das crianças pobres que frequentam o nosso grupo, tendo vários alunos manifestado imediatamente os seus sentimentos de generosidade, oferecendo-se para trabalhar em favor da Sopa e da Caixa Escolar, sugerindo os meios que tinham em vista para este fim.

Foi confortador, então, nos dias que se seguiram, o gesto espontâneo de alguns alunos, fornecendo ao grupo, lenha, batatas, cangica, leite, etc.

Um deles trouxe à diretora do grupo o pedido de seu pai para ser admitido como sócio da Caixa Escolar.

A distribuição da sopa tem sido um meio socializador de alcance no ambiente escolar.

Há professoras encarregadas de assisti-la, receber as fichas, anotá-las, manter a disciplina e ministrar ensinamentos de polidez à mesa, bem como comissões de alunos para a execução desse serviço, arranjos do refeitório, etc., as quais desempenham com dedicação e zelo as suas incumbências, revelando acentuado aptidão para os serviços doméstico.

Conforme anteriores informações, as dependências em que se realiza este serviço, funcionam em prédio próprio, construído por iniciativa particular.

O mobiliário do refeitório foi melhorado, substituindo-se os antigos bancos por cadeiras de palha torcida, oferecendo mais conforto e adaptabilidade.

O movimento financeiro deste ano até o mês de setembro, foi o seguinte:

Despesas gerais	641\$500
Produto apurado na venda	382\$900
Importância despendida pela Caixa	314\$400

Pelos dados acima, vê-se que o movimento foi controlado de maneira a não se tornar demasiadamente pesado para a Caixa o fornecimento da merenda diária.

E o mais importante é que há crianças que fizeram uma diferença enorme não só no físico como no psíquico, tornando-se mais alegres, expansivas e aplicadas aos estudos.

A alguns alunos do turno da tarde, é fornecida uma ração dobrada, principalmente quando, a chegar à aula, declaram à professora que não almoçaram.

A qualidade da sopa tem sido o mais possível variada, não só para satisfazer as necessidades orgânicas do escolares, como para ensiná-los a alimentar-se convenientemente.

(Organização de Zilá Frota. — Informações de Maria Lomondaco Ferreira).

CLASSES PRIMÁRIAS ANEXAS A' ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO

Hora Cívica

Claparède, em seu livro "Psicologia da Criança", falamos da progressão centrífuga do espírito, observada mais

claramente nas respostas que as crianças dão, quando se lhes pergunta "com quem queriam vocês parecer-se".

"A princípio, diz êle, é no que as cerca mais de perto, os pais, os irmãos ou irmãs mais velhas, que vão procurar seu ideal. Mais tarde, os pais são olvidados, como se vê de um dos diagramas tomados de Varendouck, e o ideal passa a ser procurado em uma esfera menos próxima — entre os contemporâneos célebres, heróis da história ou dos livros, etc.

Entre nossas crianças, verificar-se-ia o desenvolvimento desta marcha concêntrica — família, escola, cidade, pátria, humanidade, observada alhures?

Os inquéritos sôbre "interesses e ideais" lançados em 1929 e 1934, entre os alunos do 4.º ano dos grupos escolares de Belo Horizonte, pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, não revelaram esta evolução do espírito infantil. Pelo contrário, as nossas crianças se mostravam ainda muito presas ao ambiente familiar, interessadas, apenas, pelas pessoas do seu meio imediato, com exceção dos alunos de uma classe do grupo Afonso Pena, que, em 1934, optaram por vultos brasileiros: — Osvaldo Cruz, Miguel Couto, Campos Sales, José Bonifácio, Rui Barbosa, Anchieta, Guiomar Novais. Notámos nesta classe, que dos 19 alunos presentes, 16 viam seu ideal entre os nomes citados, duas meninas em uma pessoa conhecida aos meios culturais de Belo Horizonte e outra na professora. Interrogavamos: Não será para se admitir que êstes alunos, bem informados sôbre a vida dos grandes homens, vejam neles qualidades e atitudes dignas de serem imitadas?

E, no ano passado, quando pedimos às crianças riscarem em um catálogo de livros, organizado pelo Laboratório de Psicologia, os livros lidos e mais apreciados, verificámos que os assuntos — *civismo e biografias* — estavam dentro dos interesses dominantes das crianças do 4.º ano, já faziam parte de suas preocupações íntimas.

Ora, mais do que nunca, a escola brasileira precisa transformar-se em um aparelho dinâmico de cultura cívica, desenvolver o espírito de brasilidade entre seus alunos. E,

para consecução dêste fim, cabe-lhe explorar o campo dos interesses infantis e articular tôda a sua atividade com a vida do país, dos seus grandes homens, fazendo-o de tal maneira que as crianças vibrem de entusiasmo pelo que é nosso.

Para cultivar êstes sentimentos patrióticos, foi instituída, nas classes primárias anexas à Escola de Aperfeiçoamento, uma atividade simples em sua realização, mas que nos parece edificante em seus resultados.

Semanalmente, reúnem-se tôdas as crianças das classes em uma das salas da Escola. E, em frente à bandeira, cantam um hino patriótico e ouvem, durante 10-15 minutos, dissertação sôbre um fato histórico ou sôbre a vida de um dos nossos grandes homens.

O interesse que aqueles alunos manifestam pela sua "Hora Cívica" é enorme. Vêmo-lo nas referências que fazem sôbre a mesma em seu jornalzinho "Vida Infantil" e em outras oportunidades escolares.

No ano passado, por exemplo, no dia em que os alunos do 4.º ano recebiam seus diplomas, o orador da turma, falando aos que continuariam na Escola, recomendava-lhes: "Não deixem de fazer a nossa "Hora Cívica". E os trechos abaixo tomados da "Vida Infantil" que temos à mesa, noticiam algumas destas reuniões:

A "HORA CÍVICA" DAS NOSSAS CLASSES

Ildeu, 4.º ano.

"Não são só os adultos que honram o nosso Brasil. Nós, crianças, também precisamos conhecer nossa Pátria para sabermos honrá-la.

Em maio dêste ano, o sr. Antônio Castilho, gerente da Livraria Alves, teve a gentileza de oferecer às Classes da Bandeira Brasileira. No mesmo mês, organizámos uma festa cívica, somente com números alusivos à nossa Pátria. Depois desta festa, nem um sábado passou sem que os alu-

nos das Classes, todos juntos, não homenageassem a Bandeira Nacional.

Foi com o fim de crescermos, tendo sempre no pensamento o dever de bons patriotas, que as nossas professoras instituíram a "Hora Cívica" que realizamos semanalmente, aos sábados, após o recreio.

Perfilhados diante da Bandeira erguida por um aluno que se distinguiu durante a semana e circulada pela guarda de honra, passamos alguns minutos embevecidos, vendo no verde da Bandeira os nossos imensos campos, no amarelo os nossos rios de ouro, no azul o céu coberto de estrelas. Com o pensamento elevado assim, em nossa Pátria, ouvimos da professora encarregada de fazer na "Hora Cívica" do dia, palavras de heroísmo que nos despertam o sentimento do dever de amarmos nossa Pátria e colocá-la sempre em lugar de destaque em nossos corações.

Temos ouvido falar, durante a "Hora Cívica", que nosso dever para com a Pátria vem depois dos deveres para com Deus, mas quem cumpre seus deveres para com Deus está cumprindo, ao mesmo tempo, os seus deveres para com a Pátria.

Ouvimos falar em ilustres personagens, uns que serviram a Pátria com suas letras, outros no campo de batalha e ainda outros combatendo os maus para que o Brasil seja sempre temente a Deus. Ouvimos que todos serviram a sua Pátria com o trabalho.

Nunca esquecerei da nossa "Hora Cívica", da primeira vez que ouvi falar sobre Anchieta, o catequizador de nossas matas, Sórora Angélica, mártir da independência, de Olavo Bilac, príncipe dos poetas brasileiros, do escultor Aleijadinho, do abolicionismo de Castro Alves.

Assim são realizadas as horas cívicas que tôdas as vezes encerramos com o Hino Nacional.

Vamos, colegas, honremos, amemos, e celebremos nossa Pátria — O Brasil!

HORA CÍVICA

Rosália, 4.º ano.

No dia 25, depois do recreio, fizemos uma "Hora Cívica", dedicada a Santos Dumont, D. Marieta, professora do 1.º ano, falou sobre sua vida, sua infância. Desde criança, Santos Dumont sempre pensava em fazer uma máquina que pudesse andar pelos ares, assim como os navios navegam pelos mares. Quando se fez homem, foi para a França onde, anos depois, realizou seu sonho dourado. Inventou o primeiro dirigível, o qual deu inúmeras voltas ao redor da Torre Eiffel, em Paris. Saudoso de sua Pátria, voltou para o Brasil onde morreu, em 1932, em São Paulo.

Alberto Santos Dumont nasceu em Palmira, hoje Santos Dumont.

(Organização de Maria Angélica de Castro. — Informações de "Vida Infantil", jornalzinho das classes anexas).

ESCOLAS REUNIDAS "AUGUSTO DE LIMA", DA CAPITAL

Situação real nos problemas aritméticos

As crianças devem ter, na escola oportunidades de enfrentar situações como as que encontram na vida. Em aritmética, principalmente, sabemos que as situações apresentam os problemas de maneiras diferentes. Cumpre, pois, ao professor, procurar as que levam o educando a reagir corretamente, buscando dados preciosos nas fontes de informações e elaborando problemas que encerrem uma causa real e possam servir aos alunos na vida prática.

Nas Escolas Reunidas "Augusto de Lima", da Capital, em o ano p. findo, foram resolvidos pelas crianças de uma

classe de 2.º ano diversos problemas motivados por atividades interessantes, como: estudo sobre o Triângulo Mineiro, excursão à Feira de Amostras, loja escolar, auditório, etc.

No estudo sobre o Triângulo Mineiro as crianças procuraram, com inteligência, informações sobre preços dos produtos da zona, das águas minerais de Araxá, das viagens, das diárias dos hotéis, dos banhos, das diversas indústrias, etc. Da excursão à Feira os alunos adquiriram proveitosos conhecimentos, relativos ao número de cabeças de gado existente nas várias cidades, número de sacas de arroz exportadas, exportação de carne xarqueada, produção e exportação de queijo, produção do leite e outros gêneros alimentícios, viagens em automóvel e estrada de ferro, preços do sal, água e lama do Araxá, etc.

Querem exemplo? Ei-los:

— D. Leticia esteve 3 dias em um hotel de Araxá, pagando 12\$000 por dia. Que importância entregou ao hotelero?

Uma senhora queria conhecer Araxá e só possuía ... 100\$000. Quanto lhe faltava, se o preço da passagem era de ... 114\$0000?

De Araxá a Barreiros paga-se 2\$000 de automóvel. Quanto gastou um passageiro que fez 8 viagens?

Uma pessoa vai a Araxá e toma 3 banhos a 3\$000 cada banho. Quanto gasta essa pessoa?

Para produzir um quilo de sal são necessários 250 litros de água mineral de Araxá. Quantos quilos são precisos para a produção de 3 quilos?

— Para fazermos a nossa excursão à Feira, tiramos da Loja Escolar um caderno de cartografia de \$800, 4 lapis a \$200 cada um, 5 cadernos a \$100 cada caderno e uma borracha de \$200. Quanto temos que pagar?

D. Alcina comprou, para dar às crianças que foram à excursão, 15\$000 de pãezinhos doces. Deu 9\$000 às do turno da manhã. Quanto ficou para as do turno da tarde?

A' nossa excursão foram 30 crianças. Cada criança pagou \$400 de honde. Qual foi a despesa total da classe?

— Das crianças, 10 não trouxeram o dinheiro para o honde. Quanto foi preciso tirar da Caixa Escolar?

Para o nosso auditório, relativo ao estudo que fizemos sobre o Triângulo Mineiro, comprámos 4 rolos de papel crepon. Cada rolo custou 1\$000. Levei 10\$000 para o pagamento. Quanto sobrou?

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — Informações de Alcina Lana).

GRUPO ESCOLAR "CESA'RIO COIMBRA", DE MURCINHO

Atividades de um clube agrícola

As atividades dos clubes escolares, quando convenientemente conduzidas, adquirem para os alunos uma significação profunda e trazem ao trabalho do professor, auxílio de valor incontestável.

Os clubes agrícolas, por exemplo, oferecem um campo vasto de observação, de atividade e de experiências; favorecem o exercício de altas qualidades para a vida; tornam possível o estudo intuitivo, prático e experimental das ciências naturais e fornecem ainda rico material para a aprendizagem das outras disciplinas.

A repercussão dos trabalhos desses clubes consegue por vezes transpôr os limites do grupo e despertar na sociedade grande interesse pela vida escolar.

Aqui, são pais que procuram conhecer a "horta" ou o "campo" escolar, de que seu filho fala com tanto entusiasmo. Ali, são prefeitos que cedem terrenos cultiváveis, fornecem instrumentos agrícolas, distribuem sementes escolhidas, premeiam os sócios mais esforçados, estimulando de mil

modos a operosidade do aluno, numa colaboração útil e elevada com o trabalho da escola.

As informações que abaixo transcrevemos referem-se ao Clube Agrícola "Vitório Romano", do grupo escolar de Muzambinho, e foram extraídas do jornal infantil — "O louva Deus".

"A nossa horta está muito boa. Temos 5 canteiros de repólhos, 4 de chicórea, 1 de cebolinha, 1 de pimentão, 1 de cebola de cabeça, 1 de ervilha, 1 de espinafre e 1 de plantas medicinais. Tôdas as plantas estão muito bonitinhas. Para o dia 13 de maio, organizamos uma feira com os produtos do Clube e mais: doces, ovos e galinhas, oferecidos pelas professoras, por algumas pessoas da cidade e pelos sócios. Esta feira esteve muito animada e rendeu 142\$800. A metade desse dinheiro nós demos à Cozinha Escolar, e com a outra metade vamos comprar umas cousas de que o clube precisa. Já mandámos fazer dois regadores.

No dia 4 de julho fizemos um auditório para entrega dos prêmios, em dinheiro, oferecidos pela Prefeitura aos meninos que pegaram maior número de içás no ano de 1937. Foram premiados 60 sócios.

Houve leitura de relatórios e do último balancete do Clube, recitativos, cantos, etc.

No fim do auditório o sr. Prefeito fez um discurso felicitando os meninos e prometeu mais 100\$000 para serem distribuídos aos que pegarem mais tanajuras este ano. Ficámos muito alegres e lhe agradecemos.

O balancete do nosso clube, no 1.º semestre de 1938, é o seguinte:

Dinheiro que veio do 2.º semestre de 1937	54\$000
Dinheiro da feira	142\$800
Venda de verduras	8\$200
<hr/>	
Soma	205\$000

Demos à Cozinha Escolar	72\$000
Impressão de convites ao povo para assistir à feira	5\$000
Pagamento de um regador	5\$000
<hr/>	
Soma	82\$000
Saldo que passa para o 2.º semestre	123\$000

(Organização de Zenite Feliz da Silva. — Informações de "O Louva-Deus", jornalzinho do grupo).

GRUPO ESCOLAR "CEL. JOSE CANDIDO", DE S. SEBASTIAO DO PARAISO

Aspectos educativos do trabalho escolar

E' preocupação constante dos educadores prestar à criança tôda a assistência que lhe permita realizar a sua aprendizagem de modo harmônico e num ambiente de conforto e alegria.

A criança vêm se tornando o centro de interesse em tôdo o qual gravitam tôdas as atividades da vida escolar.

Essa preocupação dos educadores acentua-se dia a dia e abrange vários aspectos, por exemplo, a assistência pedagógica, remodelando métodos e processos de ensino, de modo a torná-los mais consuetâneos com a psicologia da criança, em suas necessidades, etc., assistência social que lhe permita frequentar o grupo apesar das dificuldades de ordem econômica.

As notícias que se seguem comprovam o que afirmamos acima.

O grupo escolar "Cel. José Cândido", de São Sebastião do Paraíso, tem uma organização capaz de oferecer aos alunos meios propícios ao seu desenvolvimento. Foi edificada recentemente e fica na parte baixa da cidade. A construção

obedeceu às regras modernas e dá ao observador um aspecto agradável.

O teto em estuque; as paredes pintadas em verde pálido, sem decoração, tendo apenas uma barra verde mais forte, janelas largas em vidro bem encaixado; o assoalho das salas de aula em táboas estreitas, claras e bem embutidas. corredores, cozinha, farmácia e dependências sanitárias em mosaico de cor alegre e as paredes até certa altura, em azulejo; escadarias da entrada e do andar superior, em mármore azulado; pátio inteiramente ladrilhado em escuro; jardim bem cuidado.

A assistência aos alunos pobres é feita pela caixa escolar que mantém a sopa, a farmácia e o serviço dentário.

Diariamente 125 crianças recebem um bom prato de sopa, ora de fubá, ora de macarrão, ora de arroz, feita no caldo de carne, com legumes de várias qualidades, oferecendo aos alunos alimento saudável.

A farmácia está em constante atividade. Várias casas comerciais do Brasil a vêm auxiliando, com amostras de medicamentos, que são registrados em cadernos próprios.

Um caso de moléstia em determinada criança pobre, e ela é imediatamente levada ao Pósto de Higiene.

A farmácia fornece tônicos às crianças anêmicas, bem como os medicamentos necessários para aliviar qualquer indisposição, dores de cabeça, acidentés, etc.

Como o estado de saúde da criança pobre não é bom, o Grupo cuida com desvelo dos alunos faltos de recursos, e a farmácia tem um movimento considerável, em curativos, injeções, etc.

O gabinete dentário continua em atividade. Atendeu no 1.º semestre do ano findo a um grande número de crianças pobres.

Funciona também no estabelecimento um museu pedagógico, onde está exposto o material referente ao aspecto físico, mental e escolar da criança paraisense.

Os aparelhos para se avaliar a altura total e sentada

e a grande envergadura foram construídos pelas professoras de trabalhos manuais.

As paredes do museu estão revestidas de gráficos representando resultados das classes do Grupo. Esta dependência é bastante visitada pelo pessoal da casa, principalmente no fim de cada mês, onde os resultados das provas mensais são afixados. Também as professoras aí comparecem para verificar a situação de suas classes.

Ao entrar no museu, o visitante terá uma idéia exata de como foram organizadas as classes do Grupo, atendendo ao critério de escolaridade ou de inteligência e poderá verificar qual dos dois grupos, o "Cel. José Cândido" ou o "Olegário Maciel", de S. Tomaz de Aquino, é mais severo quanto às promoções dos alunos. Tudo isto por meio de pequenos gráficos e curvas levantadas recentemente.

Estas informações, que focalizam alguns aspectos da vida educacional do grupo "Cel. José Cândido", foram extraídas do relatório semestral da professora técnica do estabelecimento.

(Organização de Anita Fonseca. -- Informações de Ibrantina Amaral).

GRUPO ESCOLAR "FRANCISCO PEIXOTO", DE GUARANI

O interesse e a frequência escolar

O interesse, força propulsora de toda a atividade escolar, é alvo da atenção constante do professorado, que encontra nele o mais poderoso auxiliar do trabalho. De fato, o aluno quando movido por esta *força interior* que o leva a compreender a utilidade de realizar alguma coisa, age espontânea e intensamente. E os resultados colhidos? São surpreendedores, porque o aluno concentrou no trabalho todas as suas energias.

Consigam os professores manter nas classes interesse sempre vivo e terão largamente compensados os seus esforços.

Mas, infelizmente, o que não raro acontece, é ser fraco e superficial este agente motor. Daí ser necessário ao professor recorrer a expedientes artificiais que provoquem as reações por ele objetivadas.

São recursos oriundos, a maior parte das vezes, de uma deficiência do trabalho. Justificam-se quando inteligentemente aproveitados.

Temos destes processos em exemplo interessante, colhido no relatório da professora técnica do Grupo "Francisco Peixoto" de Guarani.

Uma professora não conseguia frequência satisfatória em sua classe. Por que? Somos logo tentados a pensar, justificando a fuga dos alunos. Não encontram prazer no trabalho, fogem.

Por que não podemos inverter a questão e perguntar: A falta de interesse não será motivada pela infrequência que, fragmentando o trabalho, prejudicando a unidade do trabalho não permite aos alunos auferirem dèle satisfação que os leve à assiduidade? Não podemos regeitar esta hipótese e julgamos seja este o caso da referida classe.

Para conseguir comparecimento dos alunos a professora introduziu em classe os gráficos individuais de frequência. Vejamos o que diz sobre o expediente adotado: "Por meio destes gráficos obtive resultados satisfatórios, os que mais falhavam já não querem perder nem sequer um dia de aula.

Um aluno, estando adoentado, escreveu-me um bilhinho pedindo desculpas, solicitando-o-me ao mesmo tempo para justificar a sua ausência".

Assim, por meio extrínseco, consegui a professora frequência dos alunos. Mediante métodos e processos afins aos interesses dos escolares, conseguirá, sem dúvida, que pas-

sem a frequentar a escola pelo trabalho que aí realizam e para não levantarem a sua curva de frequência.

(Organização de Zilá Frota. — *Informações de Edite Dias de Carvalho*).

GRUPOS "SANDOVAL AZEVEDO" E "HENRIQUE DINIZ", DA CAPITAL

Os resultados escolares e o meio social

"O individuo será o que são seus pais" — afirmaram os defensores da tese da herança, os partidários do determinismo bio-psíquico. Reduzem estes, ou melhor, anulam estes o poder de educação.

Há, por outro lado, os que dão mais valor, exagerando mesmo, às influências do meio. São os partidários de um determinismo sociológico. "Dize-me onde vives e dir-te-ei quem tú és" — deve ser o lema dos que defendem esta tese. Anulam estes os fatores humanos — inteligência e vontade, e reduzem o individuo a simples automático.

Parece-nos, entretanto, mais justo que o educador, na realização de seu plano, procure colocar-se entre estes dois campos — hereditariedade e meio — que, incontestavelmente, favorecem ou dificultam a formação da personalidade. Dando-lhes a atenção devida, procurando conhecer um e outro, para aproveitar as suas influências benéficas e, ao mesmo tempo, combater as más, a escola, quando dirigida e orientada inteligentemente, poderá vencer o que houver de prejudicial nestes dois campos, e conseguir levar seus alunos ao ponto terminal da linha educativa — espíritos esclarecidos e corações bem formados.

Acentuemos: este desideratum não deve ser tomado como uma utopia, pois baseia-se em fatos já observados nas escolas de Belo Horizonte.

Procurando determinar a natureza de alguns fatores que atuam no progresso escolar, o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento empreendeu em 1933, 1934 e 1937, pesquisas sobre o meio social dos alunos, baseando-se em dados relativos às condições econômicas e culturais dos pais. Os resultados assim obtidos permitam a classificação dos nossos grupos escolares em uma escola social. E o que temos verificado é o seguinte: nem sempre os que ocupam os degraus superiores da referida escola são os que apresentam no fim do ano letivo, melhores resultados e vice-versa. A operosidade do corpo docente, muitas vezes, consegue elevar na curva da aprendizagem, aqueles que se acham localizados nos degraus inferiores da escola social, com a vantagem de que, de ano para ano, crescem neles os resultados do trabalho pedagógico. E' o que se observa em dois desses grupos escolares, cujo meio social é reconhecidamente pobre, pelas percentagens de promoções alcançadas nas classes do 1.º ano, segundo o critério dos testes, a partir de 1934. Veja-mo-lo:

GRUPOS ESCOLARES

	Sandoval Azevedo	Henrique Diniz
1934	31%	13%
1935	30%	22%
1936	37%	30%
1937	49%	36%

Examinando estes dados, poderá alguém dizer: as quotas de promoção destes grupos estão ainda muito baixas. Sem dúvida. Mas, representam uma curva progressiva que atesta os esforços das professoras no sentido de neutralizarem as influências do meio e, devemos confessar, tais quotas são superiores às de alguns grupos do centro da cidade.

Ponderemos agora: Se em relação aos conhecimentos intelectuais, é possível conseguir este progresso, sê-lo-á também no domínio da educação moral e social.

Certo, no meio inferior, o trabalho educativo é mais difícil. Exige da personalidade do educador que é o segredo de toda a educação fecunda, esforços duplicados, por isso mesmo dignos dos aplausos da comunidade social.

(Organização de Maria Angélica de Castro. Informações colhidas em testes de promoção).

GRUPO ESCOLAR "FLAVIO DOS SANTOS", DA CAPITAL

Civismo

Motivo e interesse são duas palavras pedagógicas do momento. Se o trabalho em si não encerra o motivo que leve o educando a se apegar a ele naturalmente, o professor habilidoso busca um que desperte na criança o desejo de executar êsse trabalho com interesse. Isto em toda atividade para toda e qualquer disciplina.

O desenvolvimento cívico, parte da educação integral, requer, do educador, uma procura de meios adequados ao fim que tem em vista. Para isto, aproveita êle todas as oportunidades: aulas de história pátria, de geografia, de língua-gem, de ciências, de desenho, de canto, os clubes, os auditórios, os jornais infantís, os projetos, as excursões, os exercí-cios escolares, etc. Os momentos cívicos devem ser ativos, com a participação viva da inteligência dos alunos.

Estamos na Semana da Pátria. O momento é oportuno para esta crônica pedagógica.

O aviso do Chefe do Departamento de Educação, recomendando aos professores mineiros aproveitarem todas as oportunidades para incentivar os sentimentos de nacionalidade, deu ensêjo a que, em nossas escolas, os trabalhos se intensificassem nesse sentido. E o resultado foi um labor fecundo, uma colaboração espontânea, entre professores e alunos, nos diversos estabelecimentos de ensino.

Vejamos uma das actividades do grupo escolar "Flávio dos Santos", da Capital: confecção de álbuns. São diversos trabalhos. Álbuns de composições, álbum de Minas Geraes, álbum de Belo Horizonte, álbum de biografias, álbum de poesias cívicas, álbum da América, álbum dos fatos históricos, álbum de desenhos, etc., etc.

Para que tanto álbum? Exposição de trabalhos? Não. Concurso.

Lançado por Dindinha Alegria, na Hora Infantil da Rádio Inconfidência, esse concurso despertou o entusiasmo pelo trabalho, por vontade de alcançar um dos prêmios, motivando uma série de estudos e atividades que tiveram como centro o "Dia da Pátria". Eis o motivo natural, forte, espontâneo, capaz de, por si mesmo, garantir o maior interesse e a melhor atenção, por longo tempo, nos trabalhos que estão sendo executados.

Para que as crianças cantassem, conscientemente, o Hino Nacional, uma das professoras do 4.º ano organizou um jogo sobre a letra do mesmo, destacando as palavras e tirando os significados das mesmas, bem como os sinônimos e antônimos.

Destaquemos alguns trechos dos trabalhos das crianças:

Do álbum de composições

Pátria é a terra onde nascemos. Devemos respeitá-la, amá-la e servi-la. Servimos a nossa Pátria cumprindo com consciência as nossas obrigações. Podemos nos sacrificar pela Pátria nas ocasiões de guerra, mas em todos os tempos e ocasiões bem podemos servi-la. A minha Pátria é o Brasil. Em todo o Brasil se comemora o dia da Pátria que é o 7 de Setembro. (M. N. P. — 4.º ano).

Brasil, minha Pátria abençoada... terra onde nasci. A pessoa que não honra sua Pátria não merece consideração. Aqui nas terras brasileiras os homens são mais pacíficos e solidários; trabalham para transformar esta grande Pá-

tria em outra maior ainda. As nossas matas verdes e os cantos suaves dos pássaros nos alegram e encham de orgulho. Neste fertilíssimo solo há o que muito ambicionam os estrangeiros; ouro, esmeralda, gemas diamantinas... Esse imenso Brasil, nossa querida Pátria, é novo ainda porém, sua história é grandiosa e bela... (A. T. M. — 4.º ano).

Jogo sobre o Hino Nacional

O quadro negro é dividido em 3 partes, em sentido vertical. Na primeira, duas colunas para o partido A, uma de sinônimos e outra de antônimos. Na segunda mais duas colunas para o partido B. Na terceira parte, para marcar os pontos, uma coluna para cada partido.

A professora diz uma palavra do Hino e chama dois alunos, um de cada partido. Estes correm e escrevem, nas respectivas colunas de seus partidos, um sinônimo e um antônimo da palavra citada. O aluno que acabar primeiro marcará um ponto para o seu partido. As palavras são apresentadas saltadamente, para que as crianças não se preparem com antecedência, o que aconteceria naturalmente, se fôsem dadas em ordem. Exemplo do jogo:

Palavras	Partido A		Partido B		Pontos	
	Sinônimos	Antônimos	Sinônimos	Antônimos	A	B
Plácidas					1	
Fulgidos			Brilhantes	Escuros		1
Amada			Querida	Desprezada		1
Independencia			Liberdade	Escravidão	1	

Do álbum do Brasil

No período do Brasil colonial, os brasileiros viviam muito descontentes por causa da falta de conforto em que viviam, sem escolas, sem estrada e sem jornal. Por tudo isto, eles se sentiam humilhados. Durante a estada de D. João VI no Brasil, a corte vivia constantemente em festas, enquanto os brasileiros morriam de trabalhar. Tudo que faziam era para os portugueses. (M. C. P. H. — 3.º ano).

A vinda de D. João VI ao Brasil trouxe muitos benefícios ao nosso país. Os maiores foram: elevar o Brasil a reino, abrir os portos para o comércio com as nações amigas e apressar a nossa independência. Quando ele voltou para Portugal, ficou como regente do Brasil o seu filho D. Pedro. Algum tempo depois D. João VI mandou chamar o seu filho, com o pretexto de aperfeiçoar a sua educação. (C. S. — 3.º ano).

Do álbum de biografias

O "Patriarca da Independência" foi José Bonifácio de Andrada e Silva, nascido a 13 de junho de 1765, em Santos. Morreu em 1838, com 73 anos de idade, em Niterói. Trabalhou muito para a nossa independência, auxiliando o príncipe D. Pedro. Serviu de tutor ao filho de D. Pedro I, que era menor. Estudou em S. Paulo e depois foi para Coimbra. Foi deputado, ministro do Exterior, etc. Quando D. Pedro I acabou com a Assembléa, deportou-o para a França. Depois que voltou prestou muitos serviços ao Brasil. (C. V. C. — 4.º ano).

Do álbum de desenhos

Bandeira Nacional, Abertura dos portos, Grito do Ipiranga, Retrato de Pedro I, Retrato de José Bonifácio, Retrato de D. Leopoldina, Retrato de Getúlio Vargas como presidente da República, Retrato de Benedito Valadares como governador do Estado, etc.

Do álbum da América

História da independência da Venezuela, Chile, Equador, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Colômbia, Argentina e Brasil.

(Organização de Maria Suzel de Padua. — Informações de Edite Chaves).

GRUPO ESCOLAR "OLEGARIO MACIEL", DA CAPITAL

Semana da Pátria

O civismo deve ser objeto de educação bem dirigida. O estudo dos fatos relevantes da nossa história e das virtudes cívicas dos brasileiros ilustres deve ser feito de modo a despertar na criança o amor pela sua pátria e o ideal de servi-la, honrá-la e engrandecê-la.

Cabe à escola formar no aluno essa consciência cívica e os ideais e atitudes de bom cidadão.

No propósito de comemorar condignamente a "Semana da Pátria", o Grupo Escolar "Olegário Maciel", da Capital, vem realizando um trabalho proveitoso, sobretudo nas classes de 4.º ano.

Através de informações e de leitura em livros, jornais, revistas, etc., os alunos adquiriram grande conhecimento de fato máximo da nossa História—a Independência—e dos vultos que direta ou indiretamente concorreram para a nossa emancipação política. Fizeram interessantes composições, modelagens e desenhos referentes ao assunto, palestras, etc., para serem apresentadas no auditório do "Dia da Pátria". Os programas para o mesmo, feitos em classe, apresentam desenhos interessantes, ilustrando frases expressivas como esta: "7 de setembro! Uma nova bandeira começa a tremular, dando ao Brasil uma nova vida!".

Nesses trabalhos se pôde verificar a orientação inteligente que foi dada ao estudo, uma vez que estimulou o espírito criador dos alunos, pôs em atividade a sua capacidade de expressão, ao mesmo tempo que lhes despertou nos corações a centelha do civismo.

Damos a seguir uma composição feita por um aluno do 4.º ano, 2.º turno:

"Sóror Ana Angélica nasceu na capital da Baía. Quando tinha 20 anos, entrou para o convento e recebeu o hábito de irmã de caridade. Mais tarde foi escolhida para

superiora de suas companheiras de hábito, no convento da Lapa.

Os brasileiros todos, de norte a sul, ficaram muito contentes com a proclamação da Independência. Os baianos, então, ficaram entusiasmados. Os portugueses que moravam na Baía mostraram-se indignados e por isso começaram a brigar com os brasileiros.

D. João VI nomeou o General Madeira chefe das forças portuguesas e ordenou-lhe que não deixasse os baianos reconhecerem a proclamação de D. Pedro.

No dia 19 de fevereiro, às 6 horas da manhã, rompeu na Baía a luta entre brasileiros e portugueses. Estes venceram logo, porque já tinham guerreado contra as forças de Napoleão Bonaparte e estavam acostumados.

Os vencidos que ficaram vivos fugiram. Uns foram para lugares afastados e outros foram esconder-se no convento da Lapa.

Os portugueses prenderam o chefe dos brasileiros e, como os soldados quando vencem fazem os maiores absurdos, um grupo de soldados foi bater à porta do convento, atrás dos fugitivos. Como vissem que não abriam o portão, arrebentaram-no a golpes de machado, e, entrando no pátio, começaram a praticar desatinos. Nisto apareceu Sórora Ana Angélica, que bradou com voz firme: — “Para trás, bandidos: respeitai a casa de Deus. Antes de praticardes os vossos perversos desejos, tereis de passar sobre o meu cadáver!”

Um dos soldados gritou: — “Mata, mata!”

Outro soldado deu um passo à frente e cravou no peito de Sórora Angélica a baioneta calada. Ela caiu moribunda no chão, pôs as mãos no peito, do qual saíam borbofões de sangue, e, com os olhos fitos no céu, expirou.

Os portugueses penetraram então no recinto do convento e fizeram os maiores absurdos.

Graças a Deus, alguns meses depois, as forças portuguesas foram expulsas do Brasil e este ficou mesmo independente.

Brasileiros! Nunca deveis esquecer este fato real da nossa história: o sacrifício de Sórora Ana Angélica de Jesús, que morreu cumprindo o dever de servir a Deus a sua grande pátria — o Brasil”.

(Organização de Zenite Feliz da Silva. — Informações de Carmosina Diniz).

GRUPO ESCOLAR DE ITABIRA

Um estudo sobre Anchieta

Homenagear os grandes vultos da Pátria e os que influíram decisivamente no progresso humano é tarefa que a escola se impõe, certa de que está concorrendo para a formação do caráter da criança, ao colocar, vivo, diante dos seus olhos os exemplos nobilitantes, ou padrões de vida superior de todos aqueles que se sacrificaram pelo bem da coletividade.

“As crianças se interessam pelas grandes personalidades mais que pela conduta da massa humana e se entusiasmam facilmente pelo grande e pelo heróico” — diz um eminente educador — e ao mesmo tempo faz uma observação oportuna, que os professores não devem esquecer. “Convém satisfazer esse interesse da criança, mas sem sacrifício da verdade. O herói deve ser apresentado com suas virtudes e defeitos, com suas boas e más qualidades, sem reformar sua personalidade, sem convertê-lo em um ser irreal, em figura lendária”.

Cumprindo esse programa de instrução moral e cívica, os professores vão buscar na religião e na galeria de homens ilustres os vultos mais representativos de nossas fases históricas, para que as crianças, conhecendo sua vida, admirem suas virtudes e as imitem.

Cumprir é relevante que a escola de hoje vêm dando a esse estudo uma feição mais dinâmica e mais proveitosa, por isso que exige a participação ativa do aluno, que colabora com

o professor, investigando também. E' o que se depreende das informações colhidas em um relatório dos alunos do 4.º ano do grupo escolar de Itabira. Nesse estabelecimento de ensino, a venerável figura de Anchieta ocupou durante a 1.ª quinzena de junho a atenção dos alunos e professores, os quais tributaram á memória do heróico evangelizador das selvas brasileiras justas e carinhosas homenagens.

Em seu relatório dizem as crianças: "Cada aluno ficou encarregado de colher notas sôbre a vida do venerável padre e as trazia para a aula, afim de se fazer a leitura e comentário. Ficávamos muito contentes quando descobríamos mais um milagre, mais uma difícil catequização, etc. Era interessante para nós ouvir ecoar o nome de Anchieta por todos os salões. Decoramos muitas poesias relativas ao assunto e desenhamos muito. Fizemos exercícios cartográficos, como traçar os mapas do Rio e São Paulo, localizando os feitos do padre e cantamos um hino dedicado a êle.

Foi a semana de mais prazer nas classes!"

Ao dr. Valdemar Tavares Pais, que oferecêra ao Grupo de Itabira uma estampa de Anchieta e realizára ali uma palestra sôbre a vida do Jesuítia, escreveram os alunos a seguinte carta:

"Exmo. sr. dr. Valdemar Tavares,

Em nome dos alunos do Grupo Escolar de Itabira, especialmente da nossa classe, vimos comunicar-vos que foi com verdadeira alegria que recebemos as lições em tórno do Venerável Padre Anchieta. Ficamos inteiramente admirados com tantos milagres que as nossas professoras nos relataram! A estampa que v. excia. obseqüiára ao Grupo, será inaugurada no dia 15 de junho, porque queremos organizar uma festa muito bonitinha.

Esperamos muito breve novas instruções interessantes de v. excia.

Saudações cordiais. — (a.) *Zélia Barbosa, Maria Aparecida e Carlos da Silva.*

Verifica-se pelo relatório das crianças que elas não se referiram a todos as atividades que o estudo de Anchieta po-

deria ter suscitado e nem às impressões que lhes deixaram os feitos de sua vida apostólica.

E' de se esperar, no entanto, que as professoras tenham dado à personalidade do Jesuítia o relêvo devido, de modo a calar fundo, no espírito dos alunos, as virtudes e os exemplos do grande sacerdote.

(Organização de Anita Fonseca. — Informações de João Novais).

GRUPOS ESCOLARES DE BELO HORIZONTE

Resultados escolares

Tomemos de empréstimo esta comparação de Luzuriaga — a linha reta marca a menor distância entre os pontos, mas para que seu traçado seja firme e a direção segura, faz-se mister que os pontos estejam bem nítidos. Assim, a educação. Visando desenvolver o indivíduo, levá-lo da realidade em que se acha a maiores possibilidades, cabe ao seu realizador, antes de tudo, conhecer o ponto de partida — a criança.

Mas, "educar é agir e agir é tender para um fim." Em educação, êste fim deve constituir o "lenitivo" de toda a atividade pedagógica.

Se concebermos o tórno educar em seu sentido próprio — educare, tirar pera fóra o que está dentro — e se atendermos que as forças latentes do educando devem ser convenientemente alimentadas, transformadas, expandidas, afim de que o portador delas se torne apto a desempenhar as funções que lhe couberem na vida, jamais perderemos de vista o ideal educativo. Faremos dêle o alvo da nossa preocupação constante, e da criança o centro e o eixo de toda a nossa atividade.

Mas, êste programa de ação demanda um programa de preparo, de estudos, de pesquisas. Preparo do material,

métodos e processos a serem empregados. E o valor destes será tão mais elevado, quanto melhor adotado à natureza infantil. Daí a necessidade de se estudar a criança "os mecanismos psíquicos em si mesmos, em relação às técnicas a serem aprendidas, em relação a certas circunstâncias — meio, sexo, idade, etc., e ainda em relação ao educador" (Claparède).

A criança que, ao entrar para a escola, foi submetida a uma prova psicológica, deixará ao educador um documento da sua normalidade ou anormalidade. No primeiro caso, o trabalho deste será orientar, desenvolver, educar. Ao contrário, se a criança, neste primeiro exame revela certa deficiência, o educador terá antes que corrigir, valendo-se dos meios preconizados pela médico-pedagogia e ortofrenia.

Na escola mineira, já se vai compreendendo que deve começar assim o trabalho educativo. Ao instalar das aulas, são os nossos alunos examinados, cuidadosamente, por métodos especiais e classificados de acordo com os laudos psicológicos. Os resultados desta medida vão-se revelando através dos dados estatísticos computados nos grupos escolares de Belo Horizonte. Vejamos, por exemplo, o total dos promovidos nas classes do 1.º ano, neste último quadriênio, segundo o critério dos testes de promoção.

	1934	1935	1936	1937
Alunos examinados . . .	4550	5775	6073	6215
Alunos promovidos . . .	1489	1999	2697	3065
%	32,7	43	44,4	49,3

Por outro lado, devemos acentuar que a dificuldade dos testes tem aumentado sempre. Exigimos, cada ano, um pouco mais de leitura interpretativa, ortografia, raciocínio, habilidade em cálculo.

Também o critério de aprovação, para ir de acordo com as exigências das professoras, tem sido mais apertado. Em 1932, por exemplo, o teste que aplicamos, permitia um

total de 86 pontos, exigindo nós 40 pontos para a promoção, isto é, menos da metade. Em 1937, o teste estava valorizado em 120 pontos, enquanto o mínimo estabelecido para a promoção correspondeu a 80 pontos, isto é, dois terços do teste.

O critério mais rigoroso de ultimamente foi determinado pelas próprias professoras que se mostram mais severas em seu julgamento, tendo em vista o programa já bastante extenso do 2.º ano. Provam-nos os coeficientes de objetividade de promoção calculados entre o total de alunos promovidos pelo teste e o total dos promovidos pelas professoras, que apresentamos abaixo:

	1934	1935	1936	1937
promovidos pelo teste .	32,7 %	43 %	44,4 %	49,3 %
Promovido pela professora	51 %	53,3 %	49,7 %	52,2 %
Coefficiente de objetividade de promoção	64	80	89	94

Observa-se, pelos fatos numéricos aqui registrados, que há um progresso, nas classes do 1.º ano. Atribuimo-lo, em parte, aos métodos experimentais introduzidos em nossos estabelecimentos de ensino primário, aos quais não se pode negar vantagem em favor da criança, para quem se abriram as portas escolares e ao devotamento e interesse do nosso professorado.

(Organização de Maria Angélica de Castro. — *In-formações colhidas no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento*).

ESCOLA NORMAL "SACRE" COEÜR DE MARIE", DA CAPITAL

Monografias

E' condição para o trabalho de monografia, que o aluno queira o seu tema. Este não lhe será imposto pelo pro-

fessor. Escolhido pelo educando, este, conciente da responsabilidade, tratará somente do que souber bem, exteriorizando assim uma ordem de observações e idéias próprias.

Outro ponto a considerar é que a elaboração da monografia assente em estudos e observações cuidadosos, afim de ser uma expressão do valor e do trabalho pessoal do aluno. Para isso, um plano prévio será necessário à organização do trabalho, não para ser cumprido à risca, mas para servir de orientação, podendo ser melhorado durante o desenvolvimento da monografia, à medida que o aluno for obtendo os dados para a mesma.

Verificamos o que a respeito fizeram algumas normalistas de 1937, da Escola Normal "Sacré Coeur de Marie", da Capital, lendo partes de seus trabalhos.

Da monografia de J. C. S. (3.º ano normal)

Dedicatória: A' minha boa mestra de História e Geografia, Mme. L. D., a quem admiro e estimo sinceramente, dedico este meu trabalho.

Prefácio: Creio que por ter tido desde o meu curso primário ótimas professoras de História Pátria, nasceu em mim um grande amor e admiração pela História e Geografia do meu Brasil. Assim, é ao entusiasmo que manifestaram minhas mestras ao ensinarem as grandezas naturais de meu país e sua evolução histórica, que devo o interesse que me levou a escolher, para tema deste meu singelo trabalho, os meios e processos modernos para o ensino dessa tão bela e útil matéria do programa. Gravaram-se em minha memória, para sempre, todos os sábios ensinamentos que minhas professoras tão inteligentemente me transmitiram, como se tivessem sido gravados em pedra para não mais se apagarem! Procurei dar à minha monografia toda a realidade possível das observações feitas nas práticas profissionais, procurando aplicar a teoria da metodologia geral e da particular, que estavam ao meu alcance.

Plano Geral: — Assunto — O ensino de História Pátria no curso anexo. Capítulo I — Mapas, Gravuras, Dese-

nhos e Cartas Enigmáticas. Cap. II — Dramatizações. Cap. III — Contos e Lendas. Cap. IV — Biografias. Cap. V — Palestras. Conclusão.

Plano parcial para os diversos capítulos: — 1 — Matéria do programa. 2 — Objetivo de estudo. 3 — Assunto. 4 — Material utilizado. 5 — Motivação. 6 — Meio de ensino. 7 — Relação dos pontos abordados. 8 — Observações gerais. 9 — Observações individuais. 10 — Resultados. 11 — Conclusões.

Conclusão — Trabalho de pensamento. Correlação das matérias. Processos agradáveis de ensino. Gravuras e Desenhos. Contos e Lendas. Dramatização e Palestras. Mapas e Biografias. Moral e Cívica. Qualidades do mestre. Bibliografia de referência.

Da monografia de M. L. S. (3.º ano normal)

Excursão — No preparo para a mesma a professora conseguiu vários fatores educativos. Todas as matérias foram aproveitadas. Os alunos fizeram a descrição do lugar e formaram frases com as palavras mercado, mercadoria, fruta, etc. Houve jogos históricos e recitativos sobre o assunto. A aritmética foi aplicada em pequenos cálculos sobre passagens de bondes, preços das frutas e dos brinquedos. As crianças ficaram conhecendo os nossos diversos níqueis e moedas. No mercado, não correram e não se afastaram da professora. Conversaram com muita delicadeza e atenção. Examinaram, cheios de curiosidades, todos os objetos, enquanto a professora lhes dava explicações sobre os mesmos. Adquiriram diversos conhecimentos nessa aula em forma de passeio. Desenharam a fachada do mercado, suas divisões, as frutas, as plantas, etc. Fizeram trabalhos de modelagem em cêra, como baldões, prateleiras, aves, frutas, bondes, armazens, mercadorias, etc.

Palestra — Observei o interesse que a menina encarregada de fazer a palestra sobre Ouro Preto tomou pelo seu trabalho. Ela mesma arranjou as ilustrações, as gravuras e

os mapas. Falou com muita clareza, desembaraço e naturalidade, sem ler, prestando a atenção das crianças. Consultou diversos livros, para estar bem segura do assunto, adquirindo muitos conhecimentos de geografia e história.

Da monografia de R. C. (2º ano de aplicação)

Cartografia — Passando pelas classes anexas vi uma menina chorando. Indaguei o motivo e ela me respondeu: "A professora tomou a minha prova de geografia". "Se ela tomou é porque havia motivo", repliquei. "Eu tinha esquecido os rios da Ásia e fui olhar no caderno", disse-me ela. Pedi o caderno e deparei com um mapa perfeito da Ásia. Não me contive e disse-lhe: "Você tem jeito para desenho, este mapa está perfeito". Ela respondeu-me: "Ora, a professora deixou colar o Atlas e eu passei o dia colorindo-o..." Fiquei triste, vendo as conseqüências da decalcação. A garotinha achou que, como decalcara o mapa, podia colar a prova.

Projeto — No projeto sobre o Japão, sendo um dos objetivos do estudo desenvolver simpatias internacionais, eu disse que quem trouxesse maior número de informações, revistas, gravuras e recortes de jornais, escreveria a carta às japonezinhas do Colégio "Sagrado Coração", de Tóquio, depois de recebida a resposta do cônsul japonês. As meninas ficaram sabendo o que era embaixada e consulado. Escreveu ao cônsul, residente no Rio, pedindo-lhes várias informações. A carta foi redigida no quadro-negro, com a colaboração de toda a classe. As meninas trouxeram, além do material, acima, livros de literatura sobre o Japão e o Oriente, bem como o Tesouro da Juventude. Fizeram uma viagem simulada, Brasil-Japão, passando pela África e pelas Índias, em 58 dias. Tiraram, do estudo, conclusões como estas: "É melhor comer com pausinhos do que usar talheres". "Quando o Brasil tiver mais escolas será uma potência maior do que o Japão".

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — Informações tiradas de monografias).

GRUPO ESCOLAR "OLEGÁRIO MACIEL", DA CAPITAL

A "corrida do livro"

Curiosa atividade foi levada a efeito no Grupo escolar "Olegário Maciel", resultante de um concurso promovido pela bibliotecária do 1.º turno entre as classes do 2.º 3.º e 4.º anos, com o fim de estimular nos alunos o gosto pela leitura.

Durante todo o mês de agosto último foi grande o interesse pelos livros. Terminando o mês, fez-se a apuração do número de livros que cada classe leu e, aproveitando os resultados, os alunos organizaram uma corrida simulada de automóveis desta capital ao Rio: a "Corrida do Livro". Cada classe figurava como concorrente ao "raid", e sua classificação dependeu do número de livros lidos pelos alunos. A classe que mais leu foi considerada a vencedora da prova, isto é, obteve o posto de 1.º volante do grupo, o que correspondia à conquista do percurso integral da estrada Belo Horizonte-Rio (530 Kms.) Em 2.º, 3.º, 4.º lugares, e assim sucessivamente até o 11.º foram colocadas as classes por ordem decrescente de n. de livros lidos, tendo cada uma alcançado, respectivamente, uma destas localidades existentes no percurso: Petrópolis, Itaipava, Entre Rios, Paraiibuna, Juiz de Fôra, Santos Dumont, Conselheiro Lafaiete e Nova Lima. Cada classe se ocupou então de estudar particularmente a localidade por ela atingida, focalizando aspectos interessantes de sua vida econômica, social e cultural, suas tradições, situação geográfica, etc. Esse estudo exigiu dos alunos um grande trabalho, pois nem sempre a leitura informativa em livros, jornais e revistas lhes era suficiente, tendo então de recorrer à experiência de pessoas que conheciam melhor as localidades. Essas informações foram enfeixadas em composições, sendo escolhida a melhor para ser lida no auditório pelo seu autor, que seria considerado o volante da classe. De acordo com o seu desenvolvimento e suas experiências, todas as classes concorrentes fizeram esse trabalho, e a aprendizagem das matérias, (Língua Pátria, Aritmética

ca, Geografia, História, Desenho, etc.), subordinada ao fim aludido, se fez de modo vivo e palpante.

Para o auditório, os alunos fizeram no galpão do grupo, com areia e argila, o traçado da estrada Belo Horizonte-Rio, marcando as principais localidades do percurso com placas de cartolina, nas quais se liam os nomes das mesmas e a distância em Kms., a partir de Belo Horizonte. Em cada um desses pontos, via-se ainda, armada em cartolina, uma baratinha trazendo o nome da professora e o número de livros lidos pelos seus alunos. O meio da estrada foi assinalado por um pósto de abastecimento (de papelão), tendo à entrada a bomba de gasolina feita em argila. No fim do percurso — Rio — instalou-se o microfone simulado da “Rádio Biblioteca Infantil do Grupo Escolar “Olegário Maciel”, cujo “speaker”, vibrando de entusiasmo e demonstrando estar vivendo intensamente o seu papel, fez um ligeiro histórico do concurso e apresentou a seguir, um por um, na ordem de sua classificação, todos os concorrentes à “Corrida do Livro”. Estes deram pelo microfone a sua impressão da prova e leram a sua composição sôbre a localidade que alcançaram.

Damos a seguir uma pequena parte da irradiação feita pelo “Speaker” (um aluno de 3.º ano) e pequenos trechos das preleções feitas pelos volantes colocados em 1.º e último lugares.

Speaker — “Atenção! Atenção, amigo ouvinte! Faltem apenas 2 minutos para terminar a grande “Corrida do Livro”, patrocinada pela “Rádio Biblioteca Infantil do Grupo Escolar Olegário Maciel”. Atenção! Atenção! Está chegando o grande vencedor. Aproximem-se, entusiastas do livro! — Esta corrida, amigo ouvinte, obedeceu o percurso rodovia Belo Horizonte-Rio. Um conselho, meus amiguinhos, guardem bem estas palavras que nos chegam da classe de d. Maria Cristina, por intermédio do aluno Pedro Silva: “Brasileiros, amai os bons livros como amais vossa Pátria, pois sem eles que faremos na vida?”

.....

Muita atenção, amigo ouvinte, atenção! Vamos ouvir agora a palavra do vencedor da “Corrida do Livro”.

O volante vencedor (2.º ano A. F.). — “Em nome de meus colegas vou falar como fizemos a viagem de Belo Horizonte ao Rio. A nossa baratinha fez muito bem toda a viagem. Lemos 260 livros, o que nos fez vencer todo o percurso — 530 Kms.

Estamos encantados com o Rio, com a beleza do mar, com a baía de Guanabara e com o Pão de Assúcar, que mede 385 metros de altura.

A Avenida Rio Branco corta toda a zona comercial da cidade. É uma avenida cheia de palácios, de canteiros floridos e de estátuas.

O prédio d’“A Noite” tem 22 andares. Vimos o palácio presidencial, o Ministério da Marinha, a Alfandega, o Banco do Brasil, a igreja da Candelária, etc.

Aproveitamos tanto com este concurso que, em nome de meus colegas, prometo não sair nunca do 1.º lugar. Queremos aprender muita coisa sôbre o Brasil, por meio dos livros, nossos queridos amigos”.

O último colocado (4.º ano L. B.). — “Alô! Alô! Aqui fala o motorista da baratinha que obteve o 11.º lugar. Alcançamos Nova Lima, amigo ouvinte, e ficamos encantados com a cidade. Fomos muito bem recebidos pelo Prefeito, que nos levou a visitar a famosa mineração de Morro Velho, propriedade de uma companhia inglesa e que é com siderada a maior do mundo. Lemos 136 livros e por isso vencemos só 60 Kms. Devemos a nossa derrota a alguns coleguinhos que se esqueceram do grande valor da nossa biblioteca.

Mas nem por isso devemos desanimar, porque na próxima corrida a vitória será nossa!”

Speaker — “Finalmente acaba de deixar o nosso microfone o 11.º colocado na “Corrida do Livro”. Num furo sensacional, amigo ouvinte, a “Rádio Biblioteca Infantil do Grupo Escolar Olegário Maciel” acaba de transmitir ao nos-

so estudioso público infantil todos as impressões da grande prova e a palavra inflamada dos nossos "craks" do livro.

Amigo ouvinte, damos por encerrada esta transmissão. Muito obrigado e boa tarde.

(Organização de Zenite da Silva. — Informações de Violeta Barulí).

GRUPO ESCOLAR "JOSE BONIFÁCIO", DE ANDRADAS

Como variar a leitura em classe

Felizmente vêm compreendendo os professores que a leitura em si, como exercício formal, monotono, não interessa à criança. O ensino realizado nestas condições não chegará a formar no aluno uma atitude para com a leitura, privando-o, assim, desse meio de instrução e fonte de prazeres espirituais que os bons livros nos podem oferecer. É preciso que a criança veja na página impressa uma oportunidade para adquirir novos conhecimentos e sinta a necessidade disto para que se interesse espontaneamente pela leitura. Tudo depende da habilidade e do preparo pedagógico do professor, bem como do seu esforço e dedicação ao ensino. Procure este variar a leitura, apresentando à classe textos interessantes, narrativas, rimas e poesias fáceis, que possam ser dramatizadas, contos ilustrados, etc. e verá como se modifica a atitude dos alunos em relação a essa atividade.

Recursos semelhantes foram adotados por uma professora de uma classe de 2.º ano do grupo escolar "José Bonifácio", de Andradas. Seus alunos liam mal e se mostravam inteiramente indiferentes à leitura. Com esforço e várias atividades desenvolvidas em classe, obtive o interesse das crianças, conseguindo que todas lêssem oralmente com bastante expressão e graça.

Para melhor desenvolvê-las, usava, além do livro adotado, para conhecimento de novas expressões e correção da pontuação, a leitura em jornais infantis, revistas e livros interessantes. Esse material era apresentado pelos alunos ou

pela professora. Os educandos tiravam, do material, histórias engraçadas, que liam com clareza, dividindo a leitura em grupos. Cada grupo tinha um chefe. As crianças faziam questão de se desenvolverem, para chefiar um grupo ou passar para outro mais adiantado. Deu também grande desenvolvimento a essa parte a organização da ficha de notas diárias de leitura. Os educandos se esforçavam por obter a nota ótima. Dirigido pela professora, havia um conselho em classe, para o julgamento da leitura. Reinava nessa hora grande animação e interesse por parte das crianças.

A interpretação também melhorou muito com o seguinte processo: Na classe eram escolhidas três ou quatro meninas que lêssem com maior expressão. Estas, depois de um preparo prévio de trechos que interessavam a classe faziam a leitura. Em seguida, os alunos ouvintes faziam a interpretação. Para controlar a interpretação, a professora organizava questionários referentes aos trechos lidos e ouvidos, bem como apreciação em fichas de leituras feitas nos livros da biblioteca infantil. Transcrevemos exemplos dessas fichas:

— Hoje eu li uma história muito bonita. Era a história da "Noite de São João". As crianças brincavam e pulavam. A parte de que eu gostei mais foi quando todas se despediram e cada uma foi para sua casa gritando "Viva São João!".

Quem deve gostar de minha história é a Denise, porque ela gosta da noite de São João. (Z. S.)

— Eu li uma história bem bonita. Era de um menino mentiroso. A parte de que eu gostei mais foi a hora em que o menino ficou muito vermelho porque sua mãe descobriu a mentira. (S. A. Z.)"

Esses processos adotados pela professora do grupo escolar e muitos outros que a escola de hoje sugere com abundância podem ser usados com proveito pelos professores, concorrendo para despertar nos alunos o gosto pela leitura e

afastando o enfado, monotonia e desinteresse das lições repetidas do mesmo trecho nas aulas de leitura.

(Organização de Anita Fonseca. — *Informações de Nair Duarte*).

ESCOLA NORMAL "SÃO DOMINGOS", DE POÇOS DE CALDAS

Excursão

Quando bem organizada e planejada com fim instrutivo, a excursão é uma das atividades mais educativas da escola. É uma aula agradável que motiva o desenvolvimento de trabalhos de grande valor pedagógico e em que as alunas adquirem conhecimentos úteis, além de encontrar oportunidades para a prática das qualidades sociais.

E o que concluímos, lendo o relatório abaixo, da aluna A. C. do 3.º ano normal, da Escola Normal "São Domingos", de Poços de Caldas.

"As 15 horas do dia 8 de agosto do corrente ano, fizemos uma excursão ao Posto de Higiene, a convite do professor dr. J. B. S. G. O tempo chuvoso foi empecilho para que físéssemos o trajeto a pé, o que teria sido mais agradável. A turma, que se compunha das alunas do curso de aplicação e do 3.º ano normal, foi dividida em 3 partes, seguindo de automóvel.

Foi muito proveitosa a nossa visita àquela casa; tiramos resultados meritórios que irão facilitar o estudo de Higiene que iniciámos. Na sala em que instalámos, tivemos diversas explicações sobre moléstias contagiosas, como: varíola, tuberculose, morfêia, febre amarela, etc. O diretor mostrou-nos os meios de transmissões dessas moléstias e o combate a algumas pelas vacinas. Levou-nos a ver o arquivo, onde se acham os nomes das pessoas vacinadas, dizendo que um bom resultado só se obtém com a série completa e que a igno-

rância favorece propagação dessas moléstias. Os doentes procuram o socorro, mas logo à primeira melhora sentem-se satisfeitos e não mais voltam ao tratamento.

Prosseguiu o diretor dizendo que as pessoas atacadas por crupe, varíola, etc., devem ser vacinada durante 3 semanas, afastando-se das pessoas da família. A vacina imuniza a pessoa da moléstia.

As agulhas de injeção nos foram mostradas. Tivemos explicações sobre tamanho, marca, qualidade das mesmas, etc. A convite do diretor, passámos a outra sala, onde observámos um trabalho importante: um gráfico da divisão da cidade de Poços de Caldas, em 2 zonas, A e B, facilitando o trabalho público. Vimos as fichas com as anotações dos habitantes, das habitações, das redes de esgotos, bem como dos melhoramentos feitos no período de 7 anos. Quando se faz uma construção, pede-se a autorização prévia ao Posto de Higiene. Não só a cidade de Poços, mas também as circunvizinhas, como Campestre, Caldas e Machado, estão sob os cuidados do Posto. É um excelente trabalho, de muita utilidade ao bem do país. Tivemos também explicações sobre diversos quadros instrutivos que vimos ali.

Visitámos a sala das crianças, onde está instalada a "gôta de leite". Disse-nos o diretor haver distribuído 35.882 litros de leite à infância pobre, em 1937. No corrente ano, de janeiro a julho, foram distribuídos 16.830 litros.

No Laboratório ficámos conhecendo as vantagens do ar renovado, pelas explicações exemplificadas do diretor. Observámos, no microscópia, os micróbios da tuberculose, da morfêia e os ovos da solitária. Tivemos explicações sobre o aparelho acima, ficando sabendo o que era revólver, objetiva, espelho, condensador, etc.

Algumas células precisam ser imersas em óleo, para facilitar a distinção das mesmas nas lâminas. O espelho pôde ser plano ou curvo, sendo que o último fornece mais luz.

O sr. diretor prometeu ampliar as explicações na conferência que fará em nossa Escola, no dia 27 de agosto.

Voltámos ao Colégio, às 19 horas, levando conhecimentos proveitosos sobre o estudo e compreendendo melhor o grande valor de um Pósto de Higiene, quando dispensa cuidados sérios à saúde pública”.

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — Informações colhidas em relatório de aluna).

ESCOLAS REUNIDAS DE S. JOSE' DO ITAMONTE (ITANHANDU')

Clube Agrícola

A nossa história econômica tem-nos mostrado que jamais nos poderemos afastar da agricultura.

Um dos grandes problemas do Brasil consiste, sem dúvida, na renovação dos nossos processos agrícolas, na formação e educação do nosso homem rural, na adoção de medidas que concorram para sua fixação ao solo, pondo fim aos exodos tão prejudiciais às zonas rurais.

Podemos por isso afirmar que os clubes agrícolas estão destinados a exercer um grande papel na vida do país. Introduzimos na escola primária, eles vão despertando no aluno o amor pela agricultura, ao mesmo tempo que lhe vão ministrando os primeiros ensinamentos da técnica agrícola.

Espalhados por todo o nosso Estado, algumas dezenas desses clubes vêm desenvolvendo trabalho apreciável dentro de programas amplos e bem elaborados.

As notícias que abaixo transcrevemos referem-se ao clube agrícola das Escolas Reunidas de S. José do Itamonte e foram extraídas do jornal escolar “O Itamontense”.

Fevereiro — Nosso campo está muito feio agora. Tem chovido bastante; por isso não temos ido lá todos os dias. Em janeiro roubaram todas as abóboras que lá havia. Foi um grande prejuízo para o clube. Além das abóboras, colheram quase todo o milho. Escaparam só alguns pesinhos, cujas espigas ainda não granaram. — (N. C.).

Março — Sábado, d. Clotilde veio à nossa classe e trouxe sementes de hortaliças para plantarmos em nossas hortas. Eu preferi sementes de cenoura. Vou semeá-las e terei com elas muito cuidado para que se desenvolvam bem. Como ficarei contente quando as cenouras estiverem grandes! Comerei algumas, venderei outras e darei o dinheiro para o Clube Agrícola. (M. P.).

— Este mês já fomos trabalhar muitas vezes no campo, que está bem limpo. Já semeámos hortaliças e poderemos transportá-las já. Alguns colegas têm levado carrinhos de estêrco ao campo e eu tenho trabalhado também. (L. P.).

— Creio que agora ficaremos livres das formigas por algum tempo. O sr. Alcides Constantino, proprietário de uma linda chácara nesta localidade, mandou exterminar as formigas do campo, dando assim um grande auxílio ao Clube. Ao distinto amigo, nossos sinceros agradecimentos. (F. M.).

Junho — No dia 13 deste mês transcorreu o 3.º aniversário da fundação do nosso Clube. Ele foi fundado pelo dr. Raul de Pádua, que durante muito tempo exerceu o cargo de secretário geral da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Embora ele não faça mais parte da Sociedade, continua trabalhando intensamente pela educação rural do povo brasileiro. (F. B.).

Setembro — A falta de chuva tem prejudicado muito os trabalhos do Clube Agrícola. Já plantámos abóbora no campo e agora vamos plantar um pouco de milho e quiabo. Fizemos sementeiras de hortaliças e as temos regado duas vezes por dia, por causa da falta de chuva. Recebemos sementes da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e as distribuímos entre os sócios do Clube. Já fizemos também a colheita do alho, que ficou regular. A semana passada concertamos um pedaço de cêrca que havia sido estragada pelo gado. Fizemos também a sementeira de flores. (D. O.).

— No dia 22 eu e meus colegas fomos ao campo colher alho. Não arrancámos todo porque um pouco ainda está verde. Trouxemo-lo para a escola e o colega Hercílio, que tem muita prática porque seu pai faz grande lavoura de alho,

trançou as restas. Muitos colegas auxiliaram Hercílio. Esperamos fazer algum dinheiro porque o alho está muito caro. (O. G.).

— No dia 15 fomos exterminar um formigueiro que estava danificando o campo. Gastámos algumas horas nêsse trabalho, mas parece que a aplicação da formicida deu bom resultado. E' o que veremos dentro de poucos dias (A. F.).

— Hoje nossa professora mandou-nos ao campo para fazermos uma leira onde serão plantadas mudas de hortaliças. Revolvemos bem a terra e ftzemos um canteiro com 10 ms. de comprimento por 1,20 de largura. Tem chovido bastante e a terra está boa. (E. C.).

(*Organização de Zenite Félix da Silva — Informações colhidas no jornal infantil "O Itamontense".*)

GRUPO ESCOLAR "AFONSO ARINOS", DE PARACATU *Registros de livros lidos*

"Como prova da existência de Deus eleva-se no espaço e no tempo, no sonho e na eternidade o edifício místico da literatura universal" (Klambund).

A Literatura Infantil como meio educativo de assinalados valores, vem ganhando terreno em nossos âmbitos escolares, e talvez, em não longinquo dia, constituirá a disciplina mestra em tórno da qual gravitarão as demais atividades regulamentares.

Côncios de seus poderes, vêm os diretamente responsáveis pelos destinos educacionais do nosso povo, dispensando à Literatura Infantil a atenção que merece.

O ministro Gustavo Capanema, em memorável sessão de abril de 1936, num gesto digno de todos os aplausos, focalizou o problema do livro infantil com "a promessa e o com-

promisso de dar à criança brasileira o livro que ela ainda não possui, para ilustração do seu espírito, para alegria do seu coração, para encantamento da sua curiosidade".

Entre nós, movimentos constantes se vêm processando no sentido de divulgar, de intensificar a leitura entre os estudantes.

Frequentemente, temos conhecimento de Bibliotecas Infantis que se inauguram, de Clubes de Leitura que se fundam, de horas de história que se organizam, para arrastarem, para forçarem mais íntimo convívio da alma infantil com a arte literária.

Já é alguma cousa, mas queremos, exigimos muito mais. Queremos, colaborando com o ministro Capanema, dar à criança brasileira o livro que ela ainda não possui". Esta deliberação pede trabalho, pede esforço.

Temos de fixar uma série de problemas e labutar afinadamente para resolvê-los.

O primeiro dentre todos será indubitavelmente estabelecer o ponto básico de partida.

Que livros tem a nossa criança para ler? Quais os livros preferidos por ela, em diferentes idades?

A 1.ª pergunta já foi abordada pela Inspetoria Técnica em questionário enviado aos grupos escolares.

Para a solução da 2.ª esperamos muito da boa vontade e do espírito dedicado do professorado mineiro.

Esperamos que, a exemplo do que fez o Grupo "Afonso Arinos" de Paracatu, cada grupo levante o registro das obras compulsadas pelas crianças nas Bibliotecas Infantis.

A preferência será revelada através da frequência de escolha.

Numa atitude larga de auxílio, completem os grupos a iniciativa do grupo "Afonso Arinos", registrando, separadamente, por ano do curso e por sexo, a retirada dos livros. Estes gráficos enviados, semestralmente, à Inspetoria Técnica constituirá o material precioso para úteis e necessários estudos.

Trabalhando pelo alevantamento da Literatura Infantil, praticamos um ato de justiça. Restituímos-lhe o lugar que lhe compete, e do qual infelizmente, grande número de autores procuraram afastá-la pela vulgaridade das concepções, na esfera da arte literária. "Arte que vem de Deus e nêle termina. Que cria magicamente a grande união entre as cousas e o espírito, entre o pensar e o sêr, entre o mundo e o criador. Vê a vida num reflexo colorido e para ela a natureza não tem âmagô nem superfície".

(Organização de Zilá Frota. — *Informações de Zênobia Loureiro*).

GRUPO ESCOLAR "AFONSO PENA", DA CAPITAL

Dramatização

Das disciplinas do programa de ensino primário, a que melhor se presta às representações, é, sem dúvida, a história pátria. A dramatização é, na escola, um meio de aprendizagem muito prático, ativo e experimental.

Os acontecimentos históricos estudados por essa fórmula ficarão, para sempre, gravados na memória das crianças. O menino que representar o papel de Pedro I, por exemplo, e a menina que fizer o da Princesa Isabel, bem como os colegas que assistirem à dramatização, nunca mais esquecerão essas figuras de nosso passado histórico.

E' com felicidade que os nossos professores primários lançam mão, cada vez mais, dêsse excelente, porque muito proveitoso, meio de ensino. No grupo "Afonso Pena", da Capital, no dia 13 de maio do corrente ano, a comemoração cívica do dia constou de um número apenas, porém, altamente significativo: uma dramatização.

Foi assim que se realizou a mesma:

Organização — O preparo foi feito de 9 a 13 de maio. Reunidas as classes de 2.º, 3.º e 4.º anos, a diretora lhes fez

uma leveira narrativa do tráfico africano, escravidão e abolição da escravatura, procurando despertar nos alunos o desejo de dramatizar as cenas principais da escravidão no Brasil, como: venda de escravos, sua fuga para as selvas, formação dos quilombos, leis que precederam a abolição e assinatura da lei aurea.

Escôlha dos personagens — Conhecidas pelas crianças as principais cenas, elas próprias se ofereceram ou indicaram os companheiro capazes de representar as principais figuras. Sem ferir melindres ou humilhar quem quer que fosse, conseguiu-se que os alunos descendentes da raça negra quisessem tomar parte na dramatização, o que êles fizeram de maneira admirável, vivendo com fidelidade os seus papéis.

Ensaio — Houve, durante os ensaios, uma explicação dos papéis e das cenas, não entrando quase, em jôgo, a memorização, o que facilitou o desenrolar dos acontecimento. Apenas, para encadecamento dos mesmos, foi necessário fazer-se um ensaio geral.

Indumentária e Material — As professoras especializadas de trabalhos manuais e desenho, de colaboração com os alunos, confeccionaram as correntes de papel, os cartazes, os programas e as roupas.

Distribuição das cenas — Uma aluna de 4.º ano, que possuía ótima dição, fazia, antes de cada cena, a apresentação do trabalho, anunciando e explicando as diversas cenas.

Primeira cena — *Leilão de escravos* — Personagens: 9 escravos (tronco nú e braços acorrentados), leiloeira, escrívão, negociante e compradores de escravos.

Segunda cena — *Lamento de escravos* — Canto por um grupo de alunas, representando as escravas. A canção foi tirada do livro "Escrava Izaura".

Terceira cena — *Fuga de escravos* — Tomaram parte 20 alunos representantes da raça negra, salientando o que fez o papel de guia dos escravos que, com atitude, gestos e expressão fisionômica, interpretou perfeitamente a figura de um escravo foragido.

Quarta cena — Apresentação das três leis que precederam a abolição — Marchas variadas pelos alunos que empunhavam cartazes ilustrados e explicativos das referidas leis.

Quinta cena — "Meeting" pró-abolição — Um aluno personificando José do Patrocínio, entrava em cena, acompanhado por um grupo de colegas que o aclamavam. Ao iniciar o seu discurso, numerosos alunos, abandonado seus lugares, fóra da cena, agrupavam-se em torno d'ele, interrompendo-o com aplausos. Esta cena foi representada com grande naturalidade.

Sexta cena — Assinatura da lei áurea — Acompanhada de suas damas de honra, dos ministros e abolicionistas, a Princesa Isabel entrava em cena indo sentar-se ao trôno. José do Patrocínio, tomando a palavra, pedia-lhe que assinasse a lei áurea. A Princesa respondia ao discurso do mesmo e, enquanto assinava a lei, era entusiástica e vibrantemente aplaudida. Os ex-escravos, de grilhões partidos e braços erguidos, passavam triunfantes e agradecidos em frente ao trôno, saudando a sua libertadora, num momento de intensa emoção. Em seguida, foi cantado por todos os alunos do grupo o "Hino 13 de maio".

As numerosas crianças, alunos do grupo e meninos extranhos ao mesmo, acompanharam, com grande interesse e profundo silêncio, o desenrolar de todas as cenas demonstrando a viva impressão causada pela comemoração.

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — Informações de Leonilda Montandon).

GRUPO ESCOLAR "ALEXANDRE-DRUMOND", DA CAPITAL

Projeto sobre a bandeira

Já temos insistido sobre o dever de se cultivar a bandeira, como símbolo da Pátria, que lembra as tradições gloriosas de um povo, suas realizações, seus anseios de progresso e de paz. E' dever cívico que a escola mineira tem procurado in-

cutir nos alunos, de modo a tornar bem vivo o sentimento de respeito e amor ao lábaro sagrado, despertando-lhes ao mesmo tempo o desejo de bem servir a pátria que esse símbolo representa.

O culto da bandeira, instituído pelo decreto de 19 de novembro de 1889, motiva sempre nas escolas várias atividades, dando ensejo a que os alunos desenvolvam trabalhos tanto mais proveitosos quanto mais inteligentes e criteriosa é a orientação pedagógica dos seus professores.

Citamos, como exemplo, um interessante trabalho sobre a bandeira, realizado pelos alunos do 4.º ano do Grupo Escolar "Alexandre Drumond", desta Capital.

O Grupo não possuía bandeira nacional, e as alunas do Curso de Aplicação que faziam a prática profissional, aproveitando a oportunidade, sugeriram aos alunos a confecção de uma bandeira para o seu grupo. Surgiu daí o projeto. As crianças receberam com entusiasmo a idéia e se propuseram realizá-la, entregando-se ao trabalho com satisfação. Realizaram várias atividades e adquiriram conhecimentos diversos, de que tiveram necessidade, para a execução do projeto. Ouviram e leram histórias patrióticas, contos e poesias sobre a bandeira. Desenharam e resolveram problemas sobre medidas e compra do material necessário à sua confecção. E finalmente fizeram um album, contendo pequenos relatórios sobre as atividades realizadas, desenhos, e composições em prosa e verso. Por fim realizaram um bonito auditório, no "Dia da Pátria", para apresentação da bandeira e dos trabalhos executados.

Transcrevemos a seguir duas composições dos alunos, colhidas no album que organizaram:

"Amo a minha bandeira porque ela representa a minha pátria; respeito-a e quero que o meu Brasil seja o país mais elevado do mundo.

As côres das bandeira são: o amarelo, que representa o ouro; o azul, o lindo céu onde brilha o Cruzeiro do Sul; o verde, as nossas matas, e as estrelas, os 21 Estados. Quero o meu país o mais forte do mundo. A nossa Bandeira tem as

seguinte palavras: "Ordem e Progresso"; isto indica que devemos trabalhar com ordem e progresso, para termos adiantamento e produção.

Deus, quero ainda que o povo do meu Brasil seja mais patriota. Eu, apesar de ser criança, queria ser poeta, para só escrever sobre o meu Brasil". — A. C. de A.

A' Bandeira

Salve, bandeira querida
De todo o Brasil que é meu.
E's formosa e és bonita
Como as estrelas do céu!

Esse verde tão bonito
A idéia do bosque trás,
O amarelo indica o ouro,
O azul, o céu, o branco, a paz.

E tens também as estrelas,
Os Estados do Brasil.
Nós te queremos, bandeira!
E's tão formosa e gentil!

L.

(Organização de Anita Fonseca. — Informações
colhidas no álbum da classe).

GRUPO ESCOLAR "FLAVIO DOS SANTOS" (RENASCENÇA), CAPITAL

Fundação de biblioteca infantil

A criança se lança ativa e prazenteiramente ao trabalho quando pôde apreciar-lhe o valor e quando perceber que seus esforços a conduzem a um propósito desejado. Daí ser preciso enlaçar-se a aprendizagem das matérias com as

necessidades e interesses infantis; daí a grande importância que a escola moderna dá à motivação pedagógica.

No grupo escolar "Flávio dos Santos", da Vila Renascença, as professoras sentiram necessidade de fundar a biblioteca infantil, não só para desenvolver nos alunos o gosto pela leitura, como para dar-lhes hábitos e atitudes de que eles muito precisavam. Abordado o assunto numa classe de 4.º ano, as crianças não chegaram sequer a interessar-se por êle, principalmente porque a maioria ignorava mesmo o que fosse uma biblioteca.

Nessa época, estavam as classes de 3.º e 4.º anos anímadíssimas com o concurso instituído por Dindinha Alegria na Rádio Inconfidência, sobre a independência dos países sul-americanos. Aproveitando êsse entusiasmo e a necessidade que sentiam os alunos de conhecer bem o assunto, a professora técnica propôs-lhes uma visita à biblioteca infantil do grupo "Flávio dos Santos" (Concórdia), onde fácil lhes seria obter as informações que desejavam. Aceito com prazer o alvitre, organizou-se o plano para a visita, que se realizou no dia seguinte com grande satisfação da criançada. Todos se mostraram encantados com o ambiente agradável da biblioteca, com a quantidade de livros nas estantes, com a ornamentação da sala, etc.

Voltando ao seu grupo, fácil foi à professora despertar neles o propósito de organizar uma biblioteca semelhante, com muitos livros bons e bonitos. Surgiu daí a atividade. Seguiu-se um trabalho intenso de algumas semanas, durante as quais a aprendizagem das diversas matérias se fez com muita eficiência, subordinada à idéia central: fundação da biblioteca.

Os alunos escreveram cartas a diversas pessoas, comunicando-lhes a sua iniciativa e pedindo-lhes livros. Agradeceram depois, por meio de bilhetes, os volumes recebidos. Fizeram cartazes com pensamentos bonitos sobre o valor do livro, quadrinhos, desenhos e outros enfeites, para ornamentação da sala; colecionaram em álbuns as melhores compo-

sições; confeccionaram e pintaram as estantes, fornecendo-les mesmos todo o material necessário.

A Caixa Escolar deu-lhes o auxílio de 200\$000 e com esta quantia trataram de adquirir os primeiros livros. A vista dos catálogos fornecidos pelas livrarias, organizaram-se problemas vivos e interessantes, como estes:

— Comprámos na Livraria Rex diversos livros por 200\$000. Tivemos o abatimento de 20% nas compras. Qual a importância dêsse abatimento?

— A coleção de livros de Arnaldo Barreto compõe-se de 12 volumes. Cada volume custa 1\$500. Quatro vai nos custar a coleção toda?

A inauguração da biblioteca, que tomou o nome de "Leticia Chaves", foi festejada com interessante auditório, no qual se apresentaram os álbuns e outros trabalhos feitos durante o projeto. Uma aluna fez o histórico de toda a atividade e ofereceu à patrona da biblioteca o álbum das melhores composições. Destacámos dêsse álbum as duas que se seguem:

— Ontem nós fomos visitar a biblioteca do grupo da Concórdia. Chegando lá, olhei para a sala e gostei, porque as prateleiras estavam cheias de livro e a sala era muito agradável.

Vejo agora a grande falta que faz uma biblioteca, porque se tivéssemos uma não seria preciso irmos lá. Vamos organizar a nossa e acho que não demora.

— D. Leticia.

Hoje é um grande dia para nós. É o dia da inauguração da biblioteca e da homenagem à nossa querida diretora. É com grande prazer que vimos pedir-lhe permissão para dar o seu nome à nossa biblioteca. Sabemos que a sra. é boa e nos concederá isto. Receba a nossa gratidão por tudo que tem feito em benefício do nosso grupo, D. Leticia, e a homenagem que lhe prestamos com êste auditório.

O Menino Jesús há de olhar sorridente para os trabalhos que a sra. realiza aqui neste grupo e há de permitir que a sua vida seja sempre semear benefícios.

(Organização de Zenite Feliz da Silva. — Informações de Maria do Carmo Rogedo).

INSTITUTO PESTALOZZI, DA CAPITAL

Feriado Nacional

É preciso tornar o Brasil conhecido na inteligência e no coração das crianças, para que, crescendo no amor de seus filhos, ele se desenvolva com integridade perante todas as nações.

Assim pensando, o Instituto Pestalozzi, da Capital, tem feito o possível para bem comemorar os feriados nacionais. A solenidade é preparada com uma semana de antecedência. As professoras fazem em suas classes, tomando o assunto da festa nacional, um estudo minucioso das causas e efeitos dos principais acontecimentos históricos.

Quando se realiza o momento cívico, os alunos estão já bem familiarizados com os fatos e aguardam com grande entusiasmo a hora da comemoração.

Vejamos, pelo resumo feito por um aluno do 4.º ano, como foi comemorado o dia 13 de maio:

"A comemoração de 13 de maio coube à nossa classe de 4.º ano.

Não ficou muito difícil, porque nós já estávamos estudando o acontecimento histórico da Abolição da Escravatura.

Os resumos das aulas já estavam prontos, as biografias escritas, o material colecionado e os hinos ensaiados. De modo que, aproveitando o que tínhamos feito, organizamos com facilidade o programa para a comemoração.

No dia 13 as salas do auditório estavam muito bonitas.

Em três quadros negros expusemos todo o material ilustrativo que havíamos preparado. E a sala ficou cheia de meninos, porque todos os alunos do Instituto — até os de 1.º ano — estavam entusiasmados com esta festa do Brasil, com certeza por causa da Princesa D. Isabel.

O primeiro número do programa foi a professora da classe quem fez — Contou tudo o que aconteceu, desde muito antes de 13 de maio, mas a história estava fácil e eu acho que todos meninos entenderam.

Depois o José Roque leu a biografia de Castro Alves, o poeta que fez muitas poesias, a favor dos escravos. É impossível que o povo daquele tempo não ficasse impressionado com as poesias de Castro Alves. Até hoje, quando a gente ouve ler o Navio Negreiro, fica com o corpo arrepiado e sente não ser daquele tempo para defender os escravos.

Em terceiro lugar, o Edson leu a biografia de Luiz Gama — O Edson sabe ler com muita expressão e os meninos todos estavam muito atentos, mas não puderam deixar de rir, quando o Edson arremedou o Luiz Gama falando com o pai dele "Ah! meu pai, o senhor me vendeu".

Em seguida ao Edson, veio o José Matias, que tinha feito para o caderno dele um ponto muito bom sobre a Abolição — O Matias já é um rapaz e tudo o que ele escreve é muito sério. Então, para ficar mais alegre, os meninos do 1.º ano cantaram versos Princesa Isabel.

Alguns de nossos colegas, como o Redelvim e o José Justino, recitam muito bem.

Tivemos então dois números de poesias: o sorriso de Pai João e as Rezas de Mãe Preta.

Ah! Ia-me esquecendo de dizer que o José Roque também está treinando para recitar e deu conta, muito direito de um trecho da poesia — Canção do Ceará.

Finalmente, os alunos do 3.º ano e do 4.º cantaram o Hino a 13 de Maio.

Terminada a parte dos alunos, tivemos um prazer muito grande — o de ouvir D. Helena.

Ela nos falou que tem estado em muitos lugares, mas aqui entre nós, é que ela acha que está em sua terra. E isto porque os brasileiros são muitos bons. Tão bons, que fiseram a Abolição sem guerra e continuaram amigos dos pretos até hoje.

Para terminar, d. Ester falou aos meninos, lembrando alguma cousa do que D. Helena e D. Córa tinham falado.

Falou principalmente da combinação das três raças para a formação da raça brasileira. Cada uma delas deixou para nós alguma cousa que a gente hoje ainda conserva.

(Organização de Zilá Frota. — Informações de Ester Assunção).

ESCOLA NORMAL "IMACULADA CONCEIÇÃO", DA CAPITAL

Tipos mentais

Para saber qual é o tipo mental de seus alunos, o professor pôde usar uma prova muito fácil de realizar em classe, de modo coletivo. Consiste em apresentar-lhes uma gravura, quadro, objeto, etc., que lhes seja desconhecido, e pedir-lhes, sem entrar em quaisquer explicações, que descrevam, à vontade, o que estão vendo.

As competições, feitas dessa maneira, revelarão grandes diferenças mentais. O professor verificará que os alunos podem ser divididos em dois grandes tipos gerais, objetivo e subjetivo, conforme a atitude que tomaram a respeito daquilo que tinham de descrever. Os do tipo objetivo limitar-se-ão a escrever, sobre o que, efetivamente, viram, enquanto os do tipo objetivo tomarão o objeto, como pretext-

to para um trabalho de imaginação, de reflexão estética, moral ou de erudição.

Segundo Binet, êsses dois tipos gerais podem ser subdivididos em: tipos enumerados, descritivo, narrador, observador, poético, erudito, imaginativo, etc.

Encontram-se também exemplos de tipo mixto que contém elementos de observação e de imaginação.

Para que seja bem determinado o seu tipo mental, não basta uma experiência, é necessário que os alunos façam várias descrições.

Aproveitemos, para exemplificar o relato acima, trechos do trabalho da aluna do 3.º ano normal, M. A. C. M. D. que realizou, em 1937, na Escola Normal "Imaculada Conceição", da Capital, diversas experiências com o fim de determinar quais os tipos mentais mais frequentes nas classes daquele estabelecimento de ensino.

"Dei início ao meu trabalho, fazendo observações no 1.º ano normal. Entrando na classe, coloquei no quadro-negro um leque branco e pedi às alunas que descrevessem o mesmo. Terminados os trabalhos li-os todos e verifiquei o seguinte: das 49 composições feitas sobre o mesmo objeto, à mesma hora do dia, em 33 se destacava o tipo subjetivo e, apenas em 16, o objetivo.

Transcrevo algumas composições de alunas pertencentes a um outro tipo:

— Vou escrever alguma cousa sobre o leque. Para nos auxiliar, a nossa colega colocou, no quadro-negro, um lindo e delicado lequezinho de celuloide branco, guarnecido de fitas. O leque era antigamente um objeto indispensável à "toilette" de uma dama. Hoje este costume está completamente fóra de uso. (Objetivo).

— Chega o verão... Tarde sombria... O movimento é intenso. Os bondes vão e vêm cheios de passageiros, todos de roupas claras e chapéus de abas largas. As crianças brincavam e cantam em seus folguedos. Minhas colegas estão brincando e eu abano o leque com saudades dos carinhos maternos. (Subjetivo).

— O leque que vemos à frente é de celuloide branco. O leque é muito útil, principalmente no verão, porque com ele podemos nos refrescar. A possuidora deste leque é uma aluna do 3.º ano normal deste colégio. Antigamente o leque era mais usado do que agora, porque hoje temos os ventiladores. (Objetivo).

— Ela amava loucamente as flores! Quando em noites, enluaradas passeava, toda engrinaldada de lindas rosas brancas, com um bonito e rico leque branco na mão, parecia uma borboleta branca que pousava em todas as flores, porque não passava uma só vez por elas sem beijá-las (Subjetivo).

— D. Margarida, que é uma senhora de gordura excessiva, vive enclorada! Não pode avistar a Auxiliadora com o seu leque, sem que comece logo a gritar: "Pelo amor de Deus, empreste-me o seu leque; já não posso mais com este terrível calor" (Subjetivo).

Fiz, mais tarde, outras experiências. Li, para as alunas, um fato notável, acontecido na vida de um grande sábio, e pedi-lhes que fizessem a interpretação do trecho ouvido. As composições feitas demonstraram pertencerem às alunas ao primeiro e segundo tipo de trabalho intelectual: reflexão e inspiração.

Escolhi, ainda, um assunto bastante sugestivo para outra experiência: a descrição de uma paisagem. Mostrei-lhes uma gravura e pedi-lhes que descrevessem sobre a mesma.

Lidos os trabalhos com atenção notei predominar o tipo reflexão, pois, em 24 composições, apenas 5 pertenciam ao tipo inspiração. Exemplos:

— Aquele imenso vargêdo era terminado por uma estreita orla à beira do caminho que saía de um casebre... De baixo dos rochedos corriam preguiçosamente as águas de um riacho. O vargêdo era ligado a uma pastagem por uma pontezinha de madeira. Esta era ornada, de cada lado, por linda paineiras que formavam uma arcada de vertura sobre

ela. A ponte dava acesso ao curral de uma enorme fazenda, em que se viam a casa, animais, gente, etc. (Reflexão).

— Manhã! Os pássaros cantam na floresta distante e saltitam de galho em galho, nas árvores. O sol, pouco a pouco, aparece com seus raios luminosos clareando toda a terra. Um caminho, ao longe, passa por um vargêdo, terminado por uma estreita orla. Um pequeno riacho e sobre êste uma ponte para os viandantes passarem de um lado para outro. O sol está a pino. E' a hora de que ninguém gosta, porque o sol é muito quente. A tarde se aproxima e os pássaros recolhem-se aos seus ninhos, em bosques distantes. O sol esconde seus raios luminosos. Anoitece... (Inspiração).

Com as observações que fiz, posso, dizer que no 1.º ano normal predomina o tipo subjetivo, quanto à observação, e o tipo de reflexão, quanto ao trabalho intelectual".

Uma pesquisa desse gênero é, sob o ponto de vista escolar, vantajosa para o mestre. A ação dêste será maior e mais eficaz, quanto melhor conhecer o tipo mental de cada um de seus alunos.

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — *Informações extraídas de monografia*).

GRUPO ESCOLAR "SANDOVAL DE AZEVEDO", DA CAPITAL

Plano de excursão

Os pedagogistas aconselham que nenhum estudo ou atividade seja dada aos alunos sem um motivo, sem que eles reconheçam a utilidade e a finalidade daquilo que vão fazer. Fundar um clube de leitura, realizar uma excursão, escrever uma carta, etc., só porque a professora mandou ou o regulamento determina, nenhuma significação tem para as crianças, e o ensino feito desse modo torna-as passivas e indiferentes, sem iniciativa e sem espontaneidade. Daí a

importância que tem a motivação do trabalho na escola de hoje.

Ela aviva o interesse, faz a criança amar o estudo, desejar o trabalho e executá-lo com alegria e satisfação, e o esforço se faz sem cansaço.

A motivação em classe surge mais facilmente quando os alunos têm hábitos de iniciativa e sabem trabalhar sozinhos, sob a direção inteligente e discreta da professora. E, quando isto se dá, é fácil verificar como a atividade ganha interesse para os alunos e a vontade de aprender se manifesta em toda a classe.

Uma narrativa, uma pergunta, uma notícia levada à classe por alguma criança, e eis motivado, muitas vezes, um interessante estudo.

O trecho que transcrevemos, destacado do relatório da diretora do grupo escolar "Sandoval Azevedo", desta Capital, noticia a realização de uma excursão, cujo motivo surgiu dos próprios alunos e por isso mesmo realizou-se com os melhores resultados.

Saibam os professores aproveitar bem as oportunidades que surgem na classe e terão mais satisfação no trabalho e melhor compensados os seus esforços.

"Em uma das aulas de geografia a professora falava sobre os produtos de importação e exportação do Brasil, quando um dos alunos observou o seguinte:

"D. Maria, o Brasil exporta gado. Lá perto de casa há uma balança onde se pesam os bois que vão para o Rio".

A curiosidade despertada ante esta observação foi geral. Os meninos nunca tinham visto uma balança de pesar bois. Era a primeira vez que ouviam falar naquilo e sentiram grande vontade de conhecer a misteriosa pesagem. Mas, pensou a professora: fazer uma excursão só por espírito de curiosidade? Não, o plano não seria completo. Era mister levá-lo a atingir melhores fins.

Com esta idéia conseguiu levar a classe a traçar um plano satisfatório.

Incluíram não só o estudo da balança, como o do útil animal que nela é pesado, da locomotiva que conduziu o gado, dos carros, etc.

Iriam conhecer também as oficinas da Central, onde milhares de operários trabalham diariamente.

Aliando a história natural à geografia, iriam as crianças fazer um dos mais proveitosos passeios.

Depois de cuidadosamente estudado e o organizado o plano de excursão, foi marcado o dia para a execução da mesma.

O resultado foi dos mais animadores. O interesse e a curiosidade se manifestaram francamente. Com a máxima atenção ouviram as explicações dadas pelos técnicos sobre a balança, composição e funcionamento das máquinas, etc.

Voltaram satisfeitos, discutiram todo o mecanismo observado e, com clareza, davam explicação aos que haviam compreendido menos.

Assim é que, obedecendo a um plano previamente traçado, realizaram-se excursões em todas as classes".

(Organização de Anita Fonseca. — Informações de Albertina Guedes).

INSTITUTO PESTALOZZI, DA CAPITAL

Correlação da história pátria com outras atividades

Para que o Brasil cresça na saúde e vigor do nosso povo, na liberalidade e fraternidade da nossa história, na economia, lavoura, indústria e comércio, e na fé que nos legaram os nossos antepassados, é preciso que o tornemos bem conhecido de nossos alunos.

No Instituto Pestalozzi, da Capital dá prazer penetrar na sala preparada para uma solenidade cívica.

Tem-se a impressão de que todos, professoras e alunos, trabalharam para esse momento.

Pelas paredes, os desenhos, as frases históricas, as datas relativas ao fato, os retratos dos heróis nacionais, as gravuras, os recortes dos jornais e revistas em trechos atinentes ao acontecimento, as páginas sobre o assunto, etc., falam alto das tradições da nossa gente e das passagens da nossa história. O ambiente revela o carinho com que, na semana, foi preparado o momento nacional.

Vejamos, pela leitura do resumo feito por um aluno do 4.º ano, como as matérias do programa foram correlacionadas à história pátria:

Todos os anos quando vai chegando um feriado, as professoras contam histórias sobre a data, os alunos lêem ou escrevem alguma coisa sobre a festa, e a gente vai aprendendo.

Mas, neste ano, a Abolição tinha que ser muito bem estudada. — Primeiro, porque nós somos do 4.º ano e temos que ficar sabendo direito a História do Brasil. Segundo, porque estamos em 1938, fazendo 50 anos da Abolição — a data aurea, da Lei Aurea.

Os livros de História do Brasil da nossa Biblioteca foram poucos para nós. Num instante ficamos sabendo o que eles contam sobre a Abolição. Então, fomos procurar nos outros livros de leitura, nas revistas e nos álbuns de gravuras e recortes de notícias para ver se encontrávamos mais alguma coisa nova.

E encontramos. O quinto volume de Ciências Sociais, de Arinos Espinheira, por exemplo, trás uma notícia da agricultura do Brasil, que ficou prejudicada, naquele tempo, com a libertação dos escravos.

Foi deste capítulo que tiramos um desenho para ampliar. E não foi um só desenho ampliado. Foram feitos outros, muito bonitos.

Não podíamos entender as leis da Abolição sem saber de onde vinham os pretos — da África, um continente que fica do outro hemisfério. Mais ainda, no mapa da Europa, tivemos que procurar Portugal, França e outros países, que também compravam e vendiam escravos.

Aquí perto, na América do Norte, os Estados Unidos nos levaram a uma comparação: os escravos brasileiros ficaram livres, sem haver revolução, nem guerra, o que não aconteceu por lá.

De tudo nós iamso tomando nota e fazendo os nossos pontos, escrevendo biografias, decorando poesias, recorrendo gravuras e notícias.

E, para alegrar, aprendemos hinos e cânticos. Aprendemos o "Hino 13 de Máio" e os coleguinhas do 1.º ano nos ajudaram também, cantando os versos à Princesa Isabel.

Dêste modo, a comemoração do dia 13 de máio veio nos ensinar muita cousa, e pudemos fazer uma festa muito bonita, para comemorar uma data tão importante.

Não ficou muito difícil a organização do material para ajudar a explicar a Abolição dos escravos.

Constou, principalmente, de desenhos, gravuras e fotografias.

Em uma fôlha de papel, dividida em 4 partes, estavam desenhados todos os passos para a Abolição — Primeiro, a abolição do Tráfico Africano — O desenho a representava assim de um lado o mapa do Brasil, do outro a Africa e no meio o Oceano Atlântico. No Oceano, os navios. Mas agora, com a lei de Eusébio de Queirós, os navios estavam cortados por um traço preto porque não era permitido mais comprar negros na Africa. O 2.º quadro trazia uma representação da 2.ª lei: um velhinho bem vestido e calçado, já podia passear livremente, apoiado numa bengala, porque já estava forro... Tinha mais de 60 anos!...

No outro, a Lei do Ventre Livre: uma criancinha, levada por uma ave, voando alto, porque havia nascido livre!...

Finalmente, no último quadro, a Princesa Isabel, assinando a Lei Aurea.

As figurinhas de balas e bombons Solar também serviam. Pudemos, com elas, fazer a galeria dos abolicionistas: Rui Barbosa, José do Patrocínio, Benjamim Constant, Joaquim Nabuco, a Princesa Isabel e D. Pedro. Com

gravuras muito boas fizemos 3 quadros: A ama — uma preta, repartindo o leite de seu filhinho com o filho da patroa: uma preta de 1888, africana, vendendo verduras, e a preta de hoje — cincoenta anos depois — uma mocinha bonita, penteada e vestida à moderna.

Um outro quadro muito bonito foi desenhado por um colega: Um preto, de braços estendidos, conservando nos pulsos os restos de uma corrente quebrada, mostrando que haviam terminado os grilhões da escravatura.

Estava, também, na sala do auditório, o retrato de Castro Alves, entre o de Pai João e a Mãe Preta.

Completava o material um desenho, com os mapas do Brasil, da Africa e de Portugal, para explicar como os europeus e os africanos vieram formar, com os índios do Brasil, a nossa raça.

As outras classes também fizeram desenhos, que foram expostos no dia da festa.

(Organização de Zenite Feliz da Silva. — Informações de Córa Faria Duarte).

ESCOLA NORMAL "N. S. AUXILIADORA", DE PONTE NOVA

Socialização

Por meio de aulas socializadas, auditórios, reuniões, etc., destinados à cultura social dos alunos, a escola proporciona a estes ricas oportunidades para a prática das qualidades desejáveis, dentre as quais sobressaem a responsabilidade e a cooperação.

"Utilizando nas suas classes os processos da vida ordinária, a escola socializa a mentalidade do educando, dotando-a do sentido dessa para ela nova dimensão humana, a sociabilidade, que só a educação desenvolve, amplia, orienta e disciplina, de maneira a inserir, sem choques e desarmonias, o indivíduo na sociedade a que ele deve pertencer.

pela assimilação da ordem intelectual e moral reconhecida, a um dado momento, como a ordem natural à conveniência humana.

Para ser educativa, é indispensável que a escola procure cultivar, desenvolver e orientar no aluno as virtudes sociais. Para isso, é necessário socializar a vida na escola, dotando-a das formas de convivência e de associação que existem na vida ordinária. Os professores devem estimular e favorecer o espírito associativo do aluno, abrindo-lhe oportunidades de exercer-se em toda plenitude, quer por associação de caráter recreativo, quer pela promoção de estudos e trabalhos em comum, tão úteis, estes sobre tudo, ao desenvolvimento do espírito de cooperação e à compreensão da sua necessidade e dos seus benefícios".

Do jornalzinho escolar "Ecos de Ponte Nova", da Escola Normal "N. S. Auxiliadora", número 35, do ano p. findo, foram extraídas as notícias, abaixo transcritas, sobre algumas atividades realizadas pelo curso normal daquele estabelecimento de ensino.

"Durante este último trimestre de estudos, realizamos auditórios especiais caracterizados por determinadas finalidades.

Deu início, a essa série de atividades sociais, o 1.º ano normal, que, no dia 10 de setembro, nos ofereceu interessantes trabalhos sobre "Portugal", histórico, geográfico, político e religioso. De nada se esqueceram as travessas primeiranistas, nem dos costumes regionais apresentados através de uma comédia que terminou com a oferta à Irmã diretora de "Maçãs do Minho".

A 8 de outubro apareceu em cena o 3.º ano normal, desenvolvendo um programa que visava o conhecimento de nossa literatura, bem como a correção dos vícios de linguagem, agradavelmente aprendidos, num diálogo que arrancou aplausos da assistência.

De um cunho acentuado de originalidade e graça, a reunião do 2.º ano normal, em 15 de outubro, foi das melhores, salientando-se pela esmerada preparação. Executaram as alunas um número único, "A ópera das 24", graví-

tando toda ela em torno de vários assuntos de ciências aliadas à Moral. A teoria se uniu a prática e a encantadora sessão terminou com uma entusiástica homenagem a Guilherme Marconi.

De caráter pedagógico foi a atividade social do 3.º ano, normal, em 24 de novembro, onde, através de um interessante diálogo pudemos comparar a escola nova com a tradicional, vendo as vantagens daquela sobre esta. Bastante material didático puzeram ao nosso exame as boas terceiranistas que, carinhosamente, dedicaram sua sessão ao grande educador do século 19 — D. Bósco.

Finalmente, as alunas do 1.º ano normal encerraram, a 27 de novembro, o curso de socialização de 1937. A sessão, que teve um cunho especial de religiosidade, realizando-se em um ambiente de piedade litúrgica, foi dedicada ao glorioso Pontífice Pio XI. Os trabalhos que apresentaram as alunas foram unanimemente elogiados, sobre tudo o belíssimo album de todos os panos e paramentos litúrgicos confeccionados em miniatura.

Todos os anos, indistintamente, muito se esmeraram para atender, da melhor maneira, aos desejos da socializadora da Escola. Todos, pois, merecem calorosos parabéns".

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — *Informações extraídas do jornal escolar "Ecos de Ponte Nova"*).

GRUPO ESCOLAR "OLEGÁRIO MACIEL", DA CAPITAL

Gráficos

Quando a professora consegue interessar a criança pelo seu próprio desenvolvimento, tem diante de si perspectivas animadoras.

O desejo de elevar cada vez mais a sua situação, provoca no aluno um esforço consciente, uma atividade constante e produtiva, de que resulta um aproveitamento mais

rápido e mais seguro, a par da alegria e do interesse manifestados no trabalho.

Não devem, portanto, as professoras perder as oportunidades para estimular na criança a formação desses hábitos que a capacitam para formar uma apreciação justa de seu trabalho, reconhecendo seus erros e avaliando seu progresso.

Na classe de 1.º ano novato, do Grupo Escolar "Olegário Maciel", a professora conseguiu esse interesse e, consequentemente, os melhores resultados na aprendizagem, apresentando aos pequenos os resultados de seus trabalhos sob a forma de gráficos.

Vejamos o que diz essa professora:

"Desde os primeiros dias de aula, acostumei os meus alunos a verem os resultados de seus trabalhos em gráficos simples e vistosos. Intressaram-se logo por essa medida e compreenderam-na com grande facilidade. Desde então vêm acompanhando o seu próprio desenvolvimento, a sua situação na classe, estimulados por esse desejo tão natural de subir. Terminando qualquer trabalho, é curioso ver as crianças muito atentas e circunspectas diante dos gráficos, procurando ver em cada um a sua colocação, e comparando a última com as precedentes. Alguns exclamam triunfantes: "Ah! subi mais um degrauzinho. Qualquer dia estou lá no alto". Outros dizem desolados: "Ah! descí, que pena! Não sei porque eu fui errar".

Interessante é que admiram, sem nenhuma mescla de despeito, "os que sobem sempre", "os que ficam lá em cima".

E' para todos motivo de grande tristeza a descida de um "degrau".

Interrogado por uma visita sobre o que entendia por gráfico, um menino assim se expressou: "Gráfico é uma escadinha que mostra se a gente está adiantada. Quando os meninos estão já no alto ficam muitos alegres. Mas quando estão nos degrauzinhos de baixo eles até choram. As bolinhas azues são os meninos e as vermelhas são as meninas".

Os alunos compreendem tão bem essa medida de nosso trabalho que, mostrando-lhes de longe o gráfico, eles têm exclamações de alegria ou de pesar, conforme se agrupam os resultados mais para o alto ou se se forma uma "escadinha comprida, comprida"...

Depois de qualquer trabalho, o interesse se volta para o gráfico.

Um menino, em estado febril produzido por vacina, recebe a minha visita com esta pergunta: "A sra. já fez o gráfico? Eu fiquei no alto?" Outro, vendo que descera dois "degraus", quis ver os erros que cometera e exclama compungido: "Coitado de mim! Errei numa palavra tão fácil... Só para não ficar no alto!".

Interessante é que todos fazem questão de conhecer os seus erros e alguns, por iniciativa própria, copiam muitas vezes as palavras erradas e formam frases (quando se trata de ditado), garantindo dêste modo a sua aprendizagem.

E' um prazer para elles examinar os gráficos comparativos entre língua pátria e aritmética. Com os dedinhos, vão seguindo as linhas e comentando: "Eu estou mais alto em aritmética. Preciso de ler e escrever mais". "Preciso de estudar bem as fichas, porque estou descendo em aritmética"...

Com a adoção dessa medida tão simples, conseguí, portanto, de meus alunos muito interesse e mais responsabilidade pelo trabalho escolar, em cuja execução concentram o máximo esforço e a melhor boa vontade".

(Organização de Zenite Feliz da Silva. — Informatões de Carmosina Diniz).

.....

GRUPO ESCOLAR "BERNARDO MONTEIRO", DA CAPITAL

Relatório de excursão

Publicamos abaixo um interessante relatório de uma excursão realizada pelas classes de 3.º ano do grupo "Ber-

nardo Monteiro”, sob a orientação da professora técnica orientadora do 2.º turno.

“É digna de nota esta afirmação de Claparède: “A curiosidade infantil deve desaparecer da lista dos vícios e ser inscrita no quadro das virtudes”. Para darmos margem a esta curiosidade, resolvemos fazer com as crianças do 3.º ano, uma visita ao “Instituto Pestalozzi”. Nosso intuito foi levá-las a observar mais de perto um trabalho feito pelos alunos desse Instituto, sobre os “meios de transporte”, e, dada observação, interessá-las pelo estudo desse mesmo assunto.

Divididas as classes em três grupos, cada um tomou a seu cargo o estudo de um meio de transporte: assim, uma classe ficou encarregada dos “meios de transporte terrestres”; outra, dos “meios de transporte aéreos”; e finalmente outra, dos “meios de transporte marítimos e fluviais”.

Nosso plano foi admiravelmente bem sucedido. Tudo no Instituto interessou às crianças. Nem um só momento deixaram de indagar, tomar apontamentos, fazer “croquis”. Realmente há no Instituto muito que ver, e de lá trouxeram para o grupo um material copioso. Todas as perguntas foram satisfeitas pelas dedicadas professoras daquele estabelecimento e pelas que os acompanharam.

Ao regressarmos ao grupo, feito o comentário da excursão, ficaram os alunos encarregados de trazer material para o estudo, bem como apontamentos referentes à parte que coube à cada classe. Em todas elas foram dadas, durante a semana, composições sobre o passeio (o que constituiu um pequeno relatório), ditados referentes ao assunto em estudo e variadíssima leitura. Obtivemos das crianças informações sobre Santos Dumont, os primeiros balões, vôos, telégrafos, telefone, rádio, etc. Em dois dias levaram para a classe 149 gravuras recortadas de jornais e revistas, inclusive uma fotografia de Alexander Graham Bell, o inventor do telefone, e 88 desenhos. Confeccionaram balões de papel de seda e um aeroplano de madeira.

Na parte referente à navegação as crianças trouxeram informações sobre meios de transporte marítimos e fluviais, história da navegação, barcos a vela, vapores, barcos de pesca, jangadas, transatlânticos, torpedeiros, submarinos etc. Colheram ao todo 176 gravuras, desde os barcos de 600 anos A. C., até os dois maiores navios que nos visitaram ultimamente: “Almanzora” e “Normandie”, com vistas completas do interior daquele e 29 desenhos.

Relativamente às “vias de comunicações terrestres”, estudaram todos os meios de transporte, desde os mais remotos até o luxuoso automóvel e o trem elétrico. Foi ilustrada esta parte com 180 gravuras. Touxeram ainda várias revistas: “Touring”, “Novidades Pilot”, “Cruzeiro”, um catálogo de Paquetes da Munson Line a Nova York, outro do “Royal Mail”, com vistas completas de navios ingleses, ficando assim as crianças com uma idéia aproximada do interior dos navios e da vida de bordo.

Consultaram também o Tesouro da Juventude e revistas nacionais: “Carioca”, “Careta”, “Noite Ilustrada”, de onde recortaram a maior parte das gravuras.

Notei que as crianças do 3.º ano estão, na maioria, nesta idade (10 anos) em que Burk verificou que o interesse de colecionar aumenta, porque foi admirável a rapidez com que de um dia para o outro surgiram nas classes os mais interessantes e variados recortes sobre o assunto em estudo.

Desenvolveu-se bem a cooperação, pois uma classe fornecia à outra o material de que esta necessitava.

A Linguagem, a Aritmética, a Escrita, as Ciências Naturais, a Geografia e a História, tiveram um desenvolvimento especial.

A parte de trabalhos manuais ficou a cargo das professoras desta cadeira, as quais fizeram um ótimo trabalho de colaboração.

(Organização de Anita Fonseca. — Informações de Leonídia Faria).

GRUPO ESCOLAR "FLÁVIO DOS SANTOS", DA CAPITAL

Para o dia da árvore

A escôlha de um assunto para as composições infantis, quando resultante de estudos feitos em classe e já do inteiro conhecimento dos alunos, facilita a compreensão e favorece o trabalho de pensamento, organizando logicamente a sequência de idéias, bem como proporciona às crianças mais alegria e um melhor aproveitamento em suas atividades.

Com o fim de festejar, significativamente, o "Dia da Arvore" uma professora técnica assistente do grupo escolar "Flávio dos Santos", da Capital promoveu, com as classes sob sua orientação, um trabalho preparatório que obedeceu ao seguinte plano:

- a) preparar as crianças para a fundação do Clube Agrícola;
- b) aproveitar a situação para desenvolver os alunos em língua pátria, proporcionando-lhes boas leituras recreativas e informativas e motivando-lhes os trabalhos de composição;
- c) dar ensêjo às atividades de desenho e trabalhos manuais, como: ilustração das composições e dos programas de auditório, confecção de balainhos para o plantio de árvores e recorte de gravuras de árvores, flores e frutos, para completar os trabalhos escritos;
- d) executar uma parte do programa de ciências naturais, fazendo com a classe o estudo das árvores em geral, das madeiras, raízes, etc.;
- e) realizar um auditório alusivo à entrada da Primavera, apresentando os resultados obtidos com os trabalhos da semana, bem como organizando uma parte prática com o plantio de árvores;
- f) organizar um concurso das composições das crianças do grupo, feitas durante os estudos;
- g) apresentar, no auditório a ser realizado na Rádio Inconfidência, a cargo do grupo, um trabalho de real valor.

Executado o plano acima, com grande satisfação de professoras e alunos, que viram coroados de êxito os seus trabalhos, procedeu-se à seleção das composições para o concurso. Este foi extensivo a toda a escola. Foram separadas as melhores composições de cada classe de 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos. Cada professora escolheu a melhor composição de sua classe, afim de competir com as outras do mesmo ano do curso.

Findo êsse trabalho, a diretora, auxiliada por um grupo de professoras, escolheu a melhor dentre as melhores, para que fôsse lida na Hora Educativa.

O concurso obedeceu ao seguinte critério: o trabalho deveria ser feito exclusivamente pelas crianças, mediante os resultados dos próprios trabalhos; as composições deveriam ser ilustradas com desenhos e gravuras, relativos à árvore; o prazo para a entrega dos trabalhos terminaria em 22 de setembro.

Transcrevemos o trabalho premiado, escrito e lido por um aluno de 4.º ano do grupo, no auditório da Rádio Inconfidência:

"A primavera chegou com o seu verde manto. E' por isso que as árvores estão tão lindas, farfalhando ao vento a sua grande alegria. Elas ganharam folhagens novas e os botões apareceram cheios de vida.

Árvores de minha terra, como encantam os nossos olhos! Vocês são as nossas melhores amigas! Acompanham os nossos passos desde o nascimento até o túmulo!

Como são benéficas e divinas as árvores!

Agora, meus queridos ouvintes da Rádio Inconfidência, vou lhes contar os trabalhos que a nossa classe de 4.º ano realizou, comemorando a "Semana da Arvore".

Nossa bondosa diretora abriu, para todas as classes do nosso grupo um concurso de composições sobre a árvore.

A nossa professora recordou conosco todos os valores das partes de um vegetal e suas funções. Desenhamos todas

as partes das lindas árvores. Fizemos muitas composições sobre os estudos feitos nas aulas e sobre uma história chamada "O castigo da árvore". Aprendemos porque devemos cultivar as matas e livrá-las do machado e das queimadas.

Também estudamos que as folhas das árvores purificam o ar, absorvendo o gás carbônico que nos envenena e soltando o oxigênio que purifica os nossos pulmões.

Lemos interessantes cousas sob a carnaubeira em livros da nossa biblioteca e vimos a porção de utilidades que ela presta ao homem. Os nossos colegas, na aula de trabalhos manuais, foram com a professora para o páteo e fizeram bonitos balinhos para plantar folhagens e árvores frutíferas que serão depois replantadas em nossos jardins e hortas. Cada um de nós plantou uma árvore na própria casa. Eu plantei begônias e um pezinho de laranjeira.

Para encerrarmos as nossas homenagens às árvores, o nosso grupo realizou um lindo auditório no dia 21. logo após o recreio, todas as classes reunidas apresentaram números como recitativos, cantos, dramatizações, palestras, etc. A nossa classe apresentou três números, sendo uma palestra um recitativo e uma saudação à árvore.

Finalmente, cantamos o "Hino à árvore", com muito entusiasmo e ficamos querendo com mais amor e carinho às árvores do nosso Brasil. Viva a árvore!"

Para auxiliar os corpos docente e discente, na procura de dados para os trabalhos, foi organizada e afixada no quadro de avisos uma lista dos livros da biblioteca do grupo que continham informações sobre o assunto (prosa e verso).

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — Informações de Rute Baia).

CLASSES ANEXAS A' ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO

Fichas de leitura

Acompanhar a formação e o desenvolvimento das faculdades apreciativas da criança pede do professor observa-

ção penetrante e cuidadoso tacto. E' dentre as suas atribuições, talvez a de caráter mais delicado.

A emoção suscitada pela literatura provoca a eclosão do sentimento. Mas, entre o seu desabrochar e a sua concretização, pelos meios expressivos, estende-se longo espaço que só *póde e só deve* ser percorrido lentamente pela criança.

A capacidade apreciativa requer, além do desenvolvimento de funções várias, certa bagagem de conhecimentos literários que faltam aos educandos do curso primário. E' do convívio com obras de real valor e adreces à sua maturidade e aos seus gostos, que como gota d'água rolando em rocha bruta, se processará a cristalização de suas faculdades literárias.

Nos primórdios do trabalho, seria contraproducente e de efeitos desastrosos para o cultivo do gosto pela leitura, forçar ou exigir da criança externar diretamente a sua apreciação.

Neste campo, atuam como processos de medida os meios indiretos: observação, comentários, influências sentidas, — através das composições, das modificações de conduta, etc., etc.

E' mais talvez, em sua atitude, em suas expressões fisionômicas, em seus gestos, do que mesmo em sua palavra, que encontraremos os índices reveladores do seu gosto ou do seu aborrecimento por um trecho literário.

Experiências realizadas com crianças de 8 e 9 anos, levaram-nos a classificar como fora do interesse daquela idade, diversas histórias, merecedoras embora do inexpressivo "gostei", com que as crianças costumam manifestar a sua apreciação.

A' medida que vão ganhando desenvolvimento, vamos também recorrendo a outros meios mais objetivos.

Um que já podemos citar, como coroadado de êxito pela prática, é o uso de fichas apreciativas elaboradas após leituras realizadas.

De início apresenta êsse trabalho um aspecto rudimentar. Com o tempo, quando bem motivado e controlado pela professora, vai tomando feições verdadeiramente originais e individuais, e desvendando múltiplas modalidades da alma infantil.

Verifiquemos, através do exame de algumas fichas de um 3.º ano das classes anexas à Escola de Aperfeiçoamento, o exato de nossa afirmativa.

"A festa das lanternas" — Arnaldo Barreto.

"Este livro é ótimo. Vou contar a vocês o que me sucedeu. Depois de eu ter assinado a ficha, Maria Eunice me disse que êsse livro não era bonito.

Fui para casa onde li todo para vêr se eu não gostava. Mas gostei do livro todo; êle é um pouco confuso para quem não presta atenção.

Quando os outros disserem que o livro que você tirou foi ruim, não se importe; leve-o para casa e depois de acabá-lo verifique se gostou.

"Memórias de uma boneca" — Henrique Marques Júnior.

"Gostei muito. Li todo" (Segue o resumo do livro).

Vocês pensam que o livro é bom pelo nome? Estão enganados pois um livro pode ter o título feio e ser bonito.

Tirem êste livro que lhes agradará.

Sabem de uma cousa? Eu inaugurei êste livro. Dá sorte".

"O gigante dos cabelos de ouro". Este livro é ótimo. Li todo. O pedaço que eu mais gostei foi: "Era uma bela tarde; os raios do sol brilhavam sôbre o verde revaldo através da folhagem das árvores e as rolinhas arrulhavam nas velhas bétulas.

Tirem êste livro; êle é todo de fadas. Quem gostar de histórias de fadas tire o "Gigante de cabelos de ouro". A Elci se quiser pôde tirá-lo porque eu sei que ela gosta de histórias de fadas".

"Cem pequenas histórias".

"Este livro de tão ruim não tem autor. Não gostei do livro. Tem umas historiazinhas sem fim".

"Os rapazes de Maria João" — Maria Paula de Azevedo.

"E' a continuação de "O colégio de Ameixoira". O livro é ótimo. Trata-se de uns rapazes que são criados desde crianças no colégio da Ameixoira.

O pedaço que eu gostei mais foi quando o Manuel, menino que era mau (vide Colégio de Ameixoira) salvou vinte e tantas vidas.

E' um livro verdadeiro, acho eu. Não tem fadas nem gênios. E' muito educativo. Acho que terão idéia do livro. "Os rapazes de Maria João".

"Ursão" — Maria Eugênia Celso.

"Gostei muito e muito do livro. E' dividido em capítulos e é de contos de fadas.

Este livro serve para meninos do 2.º, 3.º e 4.º anos.

Vou dizer-lhes uma cousa: de todos os livros que tirei na biblioteca "Ursão" foi o que me agradou mais. Tiram êste livro, sim?"

(Organização de Zilá Frota. — Informações de Aramita Alves).

GRUPO ESCOLAR "SILVIANO BRANDÃO", DA CAPITAL

Clube Agrícola

"Hora Educativa" da Rádio Inconfidência tem dado ensêjo a que sejam divulgadas interessantes atividades que se realizam em nossos estabelecimentos de ensino. A par de belos números de canto, poesias, hinos patrióticos, há sempre a apresentação de valiosos trabalhos pedagógicos que evidenciam a eficácia dos métodos de ensino empregados.

Dêse modo, a Hora Educativa, cumprindo o seu objetivo cultural, além de outros valores, oferece excelentes oportunidades para o desenvolvimento da linguagem escrita e oral.

Sabendo-se ouvidas por centenas de pessoas, as crianças vão adquirindo desembaraço no falar, contrôle emocional e desenvolvendo sua capacidade de expressão e seus dotes artísticos.

No dia 10 do corrente mês os alunos do grupo "Silviano Brandão", da Capital, levaram, na Hora Educativa da Rádio Inconfidência, interessante auditório. Todo o Programa se desenvolveu em torno do clube agrícola escolar. O relato da vida do clube, feito por um dos alunos sócios, foi intercalado de expressivos números de poesias e canto.

Publicamos a seguir relatório, tal como foi lido pelo aluno que serviu de "speaker".

"Vou relatar algumas das atividades do nosso clube agrícola. A sua fundação deu-se em 1934, ficando sua diretoria entregue aos alunos do 3.º e 4.º anos.

Em 1935 esteve em franca atividade, vencendo com galhardia a campanha aos insetos nocivos. A horta produziu tanta hortaliça e legumes que foram utilizados para a sopa escolar e grande parte vendida, revertendo-se o produto em benefício da cantina escolar.

Em outubro deste ano foi inaugurado o retrato do patrono do clube estando presentes ao ato o dr. Saboia Lima e senhora, além de representantes da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.

Em 1936 e 1937 o movimento do clube decaiu bastante, chegando quase a desaparecer.

Agora, ei-lo novamente em franca prosperidade. A sua diretoria atual está entregue aos alunos do 3.º ano, das classes das professoras Vera de Paula Rocha e Clélia Brina.

Os sócios contribuem ora com seu trabalho, ora com ofertas. Vários trouxeram sementes e mudas, principalmente Antônio Vaz que trouxe para o nosso pomar 28 mu-

das de bananeiras e Francisco Antunes que ofereceu uma carroça de adubo.

Diariamente são destacados 5 sócios para fazerem o serviço de capina, molhadura, estercamento, etc. Durante um destes trabalhos, o nosso colega Francisco Antunes sofreu um acidente: Edson bateu-lhe desageitosamente, com a axada no polegar da mão esquerda. Francisco foi imediatamente medicado na enfermaria e hoje está quasi curado e pronto para continuar suas atividades diárias.

Mensalmente o clube organiza sessão, cujo programa consta de uma parte recreativa onde são também relatadas as suas atividades.

Na "Semana da Pátria" o clube organizou um álbum, de cujas páginas tirei estas quadrinhas de Djalma Andrade:

"Aprendeí com a terra a serdes
Resignados nas dôres;
A terra em troca de golpes,
Dá mais frutos e mais flôres.

Crêde, é milagre, pois terras
Férteis assim são bem raras
Deus deve andar pelos campos
Multiplicando as searas".

Folheando um álbum, encontrei mais alguns dados interessantes: A introdução da agricultura no Brasil deu-se mais ou menos em 1549, no govêrno de Tomé de Souza.

No século XVII a lavoura decaiu um pouco em consequência da mineração — a indústria principal daquela época.

De 1789 até 1888 prosperou a agricultura em nossa terra.

A abolição da escravidão trouxe uma forte crise de desorganização da lavoura, devida à falta de braços.

A agricultura é uma das fontes principais de riqueza do nosso país.

Assim, no nosso álbum, dedicamos páginas ilustradas às nossas principais produções: o algodão, a cana de açúcar, o cacau, o café, a borracha.

Na página dos animais úteis, li isto: "o do bom agricultor deve proteger os pássaros. Sem êle, tôda a cultura seria impossível". E mais adiante: "Os passarinhos são os policiais encarregados da defesa das plantas. Se não fôsse essa fiscalização contínua, dia e noite, o prejuízo da lavoura seria enorme".

Agora — uma página interessante: E' do menino mais levado da classe de d. Vera — "Os pardais são muito engraçadinhos. Gosto de ouvi-los de tardinha, lá na mangueira. Parece uma orquestra. Mas os pardais comeram duas das nossas sementeiras: a de flôres: e a de hortaliças. Que pena".

Mais uma nota interessante: Quinta-feira, 15 de setembro. "Que desastre no nosso pomar! As saúvas estragaram tanto as laranjeiras que estavam carregadinhas de flôres...

Agora compreendo porque a saúva é o maior inimigo da lavoura".

Neste relatório, ao lado do Governador do Estado, devemos prestar homenagem de respeito à memória do grande presidente dr. João Pinheiro da Silva.

No govêrno do dr. João Pinheiro encontraram a lavoura e a agricultura franco apóio, tendo começado a serem introduzidas nos nucleos por êle criados, as máquinas agrícolas.

Na pasta da Agricultura, atualmente, continua seu filho — o dr. Israel Pinheiro, o mesmo plano de seu inesquecível pai.

Colhemos alguns dados biográficos dêsse illustre mineiro, (o aluno leu a biografia do dr. João Pinheiro).

(Organização de Anita Fonseca. — Informações de Maria Carolina Campos).

ESCOLA NORMAL DO ORFANATO "SANTO ANTONIO", DE CURVELO

Clube de Ciências

Além de ser uma das atividades mais educativas da escola, incentivando o estudo de disciplina do programa e motivando trabalhos de valor pedagógico, o clube de ciências proporciona ao educando ensejos diversos para o desenvolvimento de qualidades sociais, como iniciativa, cooperação, etc.

Um bem organizado clube que apresente trabalhos variados nas sessões será, incontestavelmente, um meio eficaz de aprendizagem das ciências físicas e naturais.

As informações abaixo transcritas foram extraídas de vários artigos dos números 23, 24 e 25 do corrente ano do jornal escolar "A Esperança", das alunas da Escola Normal do Orfanato "Santo Antônio", de Curvelo.

"No dia primeiro de abril dêste ano realizou-se, em nossa escola normal, a eleição da nova diretoria do Clube de Ciências "Dr. Lund". Depois da ex-presidente ter explicados os deveres de cada membro, procedeu-se à eleição da nova diretoria, cuja sessão de posse realizou-se a 23 do mesmo mês.

Sempre pontual, o nosso clube de ciências realizou uma sessão ordinária no dia 3 de junho. Achavam-se presentes a revma. irmã orientadora do clube, os membros da diretoria, todas as alunas do curso normal e algumas do curso de adaptação.

A presidente chamou a atenção da assistência para a interessante palestra, sobre os aparelhos relacionados com a pressão atmosférica, que iria ser feita pela aluna M. J. P. do primeiro ano normal. Esta, durante a exposição do assunto, fez várias experiências, o que tornou mais animada a sessão. Em seguida, foram apresentados diversos enigmas de caráter científico, tendo sido os mesmos decifrados com muita presteza pelo auditório.

A sessão do dia 9 de junho foi muito proveitosa. Os trabalhos apresentados versaram sobre "Glândulas de secreção interna e externa". As palestrantes demonstraram inteligência e grande capacidade. Houve debates sobre o assunto que concorreram grandemente para aumentar o interesse da assistência. Uma das alunas fez, sobre o tema da palestra, diversas perguntas que foram respondidas pelas pessoas presentes.

A parte prática constou de três belos quadros apresentados por alunas do curso normal. Dois referiam-se ao estudo abordado na sessão e foram feitos por duas alunas do segundo ano normal. O terceiro — sobre "Bombas" — representava trabalhos de uma aluna do primeiro ano normal.

Mais uma vez verificamos o quanto as sessões do clube de ciências animam as alunas e concorrem para seu melhor aproveitamento no estudo das ciências naturais".

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — *Informações extraídas do jornal "A Esperança"*).

ESCOLA INFANTIL "DELFIN MOREIRA", DA CAPITAL

Exposição de Trabalho

Vai se generalizando em nossas escolas e prática de se aproveitar a inclinação das crianças para a atividade, cultivando-a por meio dos trabalhos manuais, da modelagem, do desenho, etc. E essa prática, que para elas é motivo de contentamento, lhes dá oportunidade de desenvolver simultaneamente suas faculdades mentais, morais e sociais, levando-as a pensar, a observar, a comparar.

A experiência está demonstrando que ela pode e deve ser largamente incrementada, principalmente nas classes de

principiantes do curso primário e nos jardins de infância, como meio educativo de sumo valor.

Os trabalhos manuais, o desenho e a modelagem, perdendo a feição de disciplinas isoladas, vão sendo ensinadas em ocorrência com a história, com a geografia, com as ciências naturais, tornando-se auxiliares vigorosos no ensino dessas e de outras disciplinas.

O dobramento de papel, a tecelagem e trabalhos semelhantes constavam dos velhos programas, porém, eram feitos em aulas à parte, sem grande interesse para os educandos, sem a vida que poderiam alimetar.

Hoje, não. As crianças, ativas por natureza, vão muito além e, naturalmente, sem grande esforço da professora, o rai de ação se estende e os resultados são os que se vêem: recortes de silhuetas para a decoração de toalhas das mesas de vasos, de pratos, um sem número de objetos que elas confeccionam, modelam e decoram, utilizando-se de motivos do centro de interesse a que foram conduzidas nas aulas. Surgem trabalhos em cartolina, papelão, madeira, argila, etc. A criança constrói, desenha, surpreende muitas, vezes a própria professora.

E' o que se verifica na Escola Infantil "Delfim Moreira", da Capital, que expõe à curiosidade publica, desde antontem, os trabalhos de seus alunos, feitos no corrente ano. São trabalhos dignos de ser examinados. Pertencem às três séries em que se divide o curso, mostrando todos eles, de maneira clara e frisante, os resultados obtidos pelas professoras daquela casa de educação.

Interessante e curiosos, os trabalhos expostos indicam a orientação a que obedece o ensino. Aluns, coleções, desenhos, modelagens, recortes, etc., foram atividades resultantes de excursões e de estudos proveitosos, compatíveis com a idade das crianças, merecendo registro especial a documentação das atividades que se seguiram a uma excursão ao Mercado Municipal, ao estudo de uma fazenda, à visita a um aviário e ao estudo da vida de nossos selvícolas.

Em duas salas estão dispostos os mostruários, ostentando abundante e sugestivo material, que deve ser visto com olhos de *ver* e de *entender*.

Organização de Fernando Magalhães. — Informações colhidas na exposição).

GRUPO ESCOLAR "MELO VIANA" DE S. LOURENÇO

Atividades diversas

O Grupo Escolar de S. Lourenço, segundo informa o inspetor técnico regional, distingue-se pela justeza com que entendeu a escola-nova, aprendendo-lhe os objetivos ao invés de só lhe adotar os processos de trabalho. Daí o fato de serem proveitosas as atividades que ali se efetivam, bem motivadas, bem conduzidas, trazendo sempre aos alunos não sómente farta colheita de conhecimentos como inculcando-lhes os melhos hábitos morais, sociais, mentais. Vejamos, ao de leve, alguns fatos que comprovem este preâmbulo:

"Uma classe do 2.º ano andou às voltas com a questão do abastecimento da cidade sob o ponto de vista alimentar, e teve de ir ao mercado colher dados. Estes iriam servir depois para os problemas aritméticos. E como ficava um tanto incômodo a todo instante folhear cadernos em procura deles, concertou-se fazer uma tabela em ponto grande para ser afixada na parede. Mas, só com os preços, ficaria muito feia. Resolveram, então, fazer uma tabela ilustrada. Cada um se incumbiu de um desenho, e, em pouco, tudo estava pronto: leitões, perús, ovos, frutas, verduras, aliás revelando grande desenvolvimento nessa habilidade, como queiram. Escreveram-se os preços adiante dos desenhos. E durante muito tempo, a professora dava os problemas sem mencionar preços: quem os necessitasse, fôsse buscá-los à tabela. . .

Nesta classe há também um taboleiro de areia, agora representando as cadeias de montanhas que se alteiam em Minas, devidamente indicadas em bandeirinhas.

Acham-se formados grupos em quasi todas as classes, para estudos e para jogos. A própria denominação de tais grupos, no entanto, foi aproveitada para motivar estudos e fixar noções. Assim, os rótulos dos grupos mudam-se consoante os interesses dominantes no momento. Se se estudam pedras preciosas, um grupo é rubí, outro esmeralda, outro, topásio. Se, porém, a geografia os empolga, um é Vale do S. Francisco, outro é Vale do Rio Doce, outro, Vale do Rio Grande . . .

Uma classe de 1.º ano pôs-se a estudar a árvore.

Nada de professora a fazer discursos. Os fedelhos foram ao pátio e plantaram umas sementes variadas. Diariamente vão visitar o canteiro, observar a eclosão das sementes, e, de volta à classe, redigem as suas observações, que, depois de julgadas e escolhidas pela classe, são coletadas num álbum, que não passa de uma folha de papel espesso, dobrada à feição de santonã. O mesmo processo sofrem os desenhos, para terem entrada no álbum. Destarte não só se habituam a criança a observar, senão também se lhe proporciona motivo para redigir e desenhar, cultiva-se-lhe o espírito crítico, o senso de justiça, o reconhecimento do merecimento alheio, dão-se-lhe, afinal, algumas pequenas e utilíssimas virtudes sociais.

Em leitura, cuja aprendizagem se fez pelo método global, empregado o pré-livro de Lili, desenvolveram-se muito as crianças. É certo que não bastou, para êsse resultado, o emprêgo do método global. Nenhum método tem em si mesmo o dom de produzir bons frutos. Simples instrumento, que é, bom ou mau trabalho fará, conforme a destreza de quem o emprega. No caso em aprêço, houve preparação adequada, inteligente apresentação da história depois de uma boa motivação. Agora, estão os pirralhos sendo exercitados em leitura silenciosa. A professora lança em pequenos pedaços de papel uma ordem ou pergunta afínate a um desenho também ali colado, p. exemplo: Pinte de amarelo a saia da moça e a blusa de vermelho"; "Quantos botões tem o paletó do homem?"; "Arranje um nome para o meni-

no e outro para o cachorro". E enquanto os guris analisam, lêem, pensam e escrevem, está a professora a tomar a leitura oral dos que dela necessitam.

Não se desperdiça o tempo, e, quanto possível, é dado a cada um o trabalho que lhe convém.

Nesta mesma classe existe um taboleiro de areia, onde, de quando em quando, a paisagem se renova. Há pouco, estudavam-se as cidades circunvizinhas e seus meios de comunicação. Surgiu a idéia de representar a estrada de ferro que serve à localidade. E, a partir da divisa do Estado, representaram: a) o tunel da Mantiqueira, pelo que se entra no município de Passa Quatro; b) a linha férrea, com trilhos de madeira, sobre dormentes, até S. Francisco; c) as cidades servidas pela estrada, assinaladas com bandeiras em que se lhes inscreveram os nomes; b) o Rio Verde, no seu curso desde a nascente até S. Lourenço.

Assim, o *ensino*, feito palavrosamente pela professora, foi sendo substituído pela *aprendizagem* feita pelos alunos, que imaginam indagam, realizam, e avançam nos estudos, sem com eles se preocuparem, porque só têm em vista o seu próprio objetivo, do qual as matérias são simples ministras. E' excusado dizer que o problema disciplinar não existe em classes que assim trabalham".

(Organização de Zilá Frota. — Informações de Abel Fagundes).

ESCOLA NORMAL OFICIAL DE JANUÁRIA

Metodologia

Segundo opinião de uma professora da Escola Normal Oficial de Januária há, no programa oficial de metodologia, um mínimo de matéria a que se deve atender e não se pôde restringir mais, porque não se pôde dispensar os conhecimentos nela contidos.

Os alunos das escolas normais de 1.º grau, em boas condições de desenvolvimento, conseguem, durante os nove

meses letivos, identificar-se com a matéria, adquirindo os principais conhecimentos que lhes são indispensáveis. Entretanto, não possuindo princípios básicos nas outras disciplinas, encontram grandes dificuldades nos assuntos relativos à metodologia. Dessas dificuldades, uma está na falta de interpretação da leitura, outra no hábito de fazer as provas mensais memorizadas, outra ainda em não saber procurar informações. Diante de tais obstáculos, somente os bons alunos poderão apresentar resultados satisfatórios.

Apesar, porém, das dificuldades os alunos se interessam geralmente pela matéria, sendo este o motivo pelo qual se torna fácil executar o programa.

Dosando a matéria, a citada professora divide o programa em nove partes, uma para cada mês letivo, abrangendo o máximo e determinando o mínimo que poderá ser dado por mês, atendendo aos resultados já obtidos nas experiências dos anos anteriores. Executada uma das partes, ela organiza a prova mensal, fazendo com que as questões propostas se relacionem com os pontos estudados no mês.

A prova, elaborada em forma de teste pedagógico, possui técnicas de correção e avaliação previamente organizadas.

Exemplos do relato acima:

MÍNIMO DO MÊS DE MAIO

Jogos. Personalidade do professor. Situações no ginstério. Administração escolar. Organização da classe. Material didático. Programa. Horário. Recreio.

QUESTÕES DA PROVA MENSAL DE MAIO

1. A palavra "ensino" sofreu alguma transformação através das novas correntes pedagógicas? Como? (Resposta "boa", 1½ ponto, "completa", 1 ponto).
2. Qual a relação existente entre as leis da aprendizagem e a formação de hábitos? (Resposta "boa", 1½ ponto, "completa" 1 ponto).

3. Como a professora se justifica contra a reclamação dos pais, adotando os jogos educativos no trabalho escolar? (Resposta "aceitável", 1/4 de ponto "boa", 1/2 ponto, "completa", 1 ponto).

4. Que medidas adotarão os professores para afastar dos jogos as desvantagens que estas poderão trazer ao trabalho escolar? (Resposta "boa", 1/2 ponto, "completa", 1 ponto).

5. A personalidade do professor exerce alguma influência na formação moral dos alunos? Qual (Resposta "aceitável", 1/4 de ponto, "boa", 1/2 ponto, "completa", 1 ponto).

6. Que medidas pode adotar o professor para fazer um bom trabalho de classificação? (Resposta "boa" 1/2 ponto, "completa", 1 ponto).

7. Num grupo escolar foram matriculados 250 crianças no 1.º ano, sendo 112 novatas e as restantes repetentes. A quais princípios deveria atender o diretor para um bom trabalho na classificação desses alunos? (Resposta "aceitável", 1/4 de ponto, "boa", 1/2 ponto, "completa", 1 ponto).

8. A professora A, preocupada com os exames e querendo instruir o mais possível os seus alunos, procura finalizar o programa. A professora B, tendo em vista basear o seu trabalho na psicologia infantil, procura ensinar o que os alunos querem. Analisar a atitude assumida por uma e outra, perante o programa. (Resposta "aceitável", 1/4 de ponto, "boa" 1/2 ponto, "completa" 1 ponto).

9. Que compreensão deve o professor ter do programa e do horário? (Resposta "boa", 1/2 ponto, completa", 1 ponto).

10. Que acham da atitude da professora durante o recreio, não dando atenção às crianças, visto se julgar desobrigada disto, por não ser hora de trabalho? (Resposta "boa", 1/2 ponto, "completa", 1 ponto).

Total dos pontos: 10, equivalente à nota 10.

Conforme se verifica, a professora considera as respostas prováveis dos alunos, mas procede ao julga-

mento, orientando-se sempre pelas melhores respostas encontradas. Outra medida que considera de grande vantagem é o comentário das respostas, entre professor e alunos, depois das provas de maneira que estes façam a apreciação das melhores respostas e aceitem a valorização que lhes foi dada, de acordo com os resultados de seus trabalhos.

A prova de novembro, além das questões atinentes ao programa do mês, consta também de uma revisão da matéria, abordando os principais assuntos ventilados durante o ano.

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — Informações de Maria Amélia Saraiva).

GRUPO ESCOLAR "BERNARDO MONTEIRO", DA CAPITAL

O programa através de clube agrícola

Os clubes agrícolas estão merecendo atenção especial deste Departamento, que está empenhado em ampará-los e lhes prestar assistência, não visando apenas a finalidade que envolvem em si mesmos, mas que, pedagogicamente orientados, constituem auxiliares da escola dos mais adequados ao nosso meio e levam a criança a se preparar para a vida de adulto, sem deixar de viver ao mesmo tempo a sua vida de criança.

Com êles, assim organizados, o ensino deixa de estar confinado entre as quatro paredes da sala de aula para se transportar a um ambiente de realização, em que o aluno atua, movimenta-se naturalmente, resolve problemas verdadeiros, desenvolve-se em todos os sentidos, tendo ocasião de aplicar os seus conhecimentos em situações reais da vida. Trabalha o aluno não por obrigação mas movido pelo desejo de trabalhar; verifica diariamente os resultados obtidos e a possibilidade de ampliá-los; faz planos para obter melhores resultados; concerta-os em palestras com os colegas e com a professora; em uma palavra entusiasma-se pela tarefa que se impôs.

E a professora tira partido dêsse interesse, porque as atividades do clube levam o aluno a compreender a finalidade das matérias dos programas, cujo estudo é uma necessidade por êle mesmo sentida.

Motiva estas linhas uma visita feita ao clube agrícola do grupo escolar "Bernardo Monteiro", da Capital, que é uma instituição cheia de experiências e que está em condições de preencher inteiramente os seus objetivos, tal o espírito que anima a quantos a ela se dedicam.

Como costuma fazer ao findar o ano, o estabelecimento deu já o balanço do que conseguiu realizar no corrente ano, apresentado espécimes para o museu, álbuns, coleções, documentação fotográfica de suas atividades, desenhos e cadernos de exercícios, em que se verifica o desenvolvimento dos programas, através dessas atividades.

Merecem destaque, dentre o material examinado em exposição: ferramentas feitas pelos alunos, mostruários de sementes, carrinhos de madeira, vasos de argila para plantas, cartazes, cestas para verduras e muitos outros objetos de utilidade nos trabalhos agrícolas. Há trabalhos femininos em grande número, bordados em toalhas, etc., cujos desenhos foram sugeridos pelas atividades do clube. Há confeções diversas feitas nas aulas de trabalhos manuais.

Não foram despresadas, percebe-se ainda, ricas oportunidades que se ofereceram, para aulas de linguagem, de aritmética, de geometria, de ciências naturais e de geografia.

(Organização de Fernando Magalhães. — *Informações colhidas no clube agrícola*).

ESCOLAS REUNIDAS "AUGUSTO DE LIMA", DA CAPITAL

História e Geografia

As crianças apreciam imensamente o estudo da geografia e história, quando o educador tem habilidade em pre-

dispô-las para o trabalho, estimulando o seu desejo e incitando a sua curiosidade na descoberta do "porque" e do "como" dos fatos. O ensino assim feito torna-se fácil e interessante. Sendo bem dirigido o estudo, os livros podem ser largamente utilizados pela classe, indo em auxílio do professor na sua tarefa educativa. A informação é procurada no momento oportuno, não por si própria mas para a realização que se tem em vista. "Aprende-se para fazer e não apenas para saber. Como na vida, o trabalho pressupõe informação, colaboração, procura do material adequado, conquista dos obstáculos encontrados, individualidade dentro da cooperação e equilíbrio social".

Nas Escolas Reunidas "Augusto de Lima", da Capital, em 1937, numa classe de 4.º ano, um plano organizado para o estudo dos "Índios" sugeriu aproveitáveis e variadas atividades revelando os alunos qualidades até então pouco conhecidas pela professora. A ilustração de todo o estudo foi feita pelos educandos que, de acordo com suas habilidades individuais, colaboraram com a aluna encarregada de reunir e obter essa documentação, o que demonstrou o valor do trabalho coletivo. Outra aluna, consultando o irmão que trabalhava na Biblioteca Municipal, conseguiu obter informações valiosas e levou à escola oito livros sobre "Índios do Brasil".

Durante o estudo os alunos fizeram:

- a) palestras e comentários sobre o assunto;
- b) uma excursão à Feira de Amostras para conhecimento dos trabalhos executados pelos índios do rio Doce;
- c) desenhos para a confecção de um álbum;
- d) composições para a organização do álbum;
- e) um mapa do Brasil com a localização das tribus estudadas;
- f) um álbum com recortes de gravuras e notícias sobre índios;
- g) leituras recreativas e informativas.

O programa não foi esquecido. Pelo contrário. Foi inteligentemente executado. Vejamos:

Realizou-se o trabalho em torno destes pontos de his-

tória pátria: vida dos índios, costumes, religião, língua, habitação, tribus, sua localização no território brasileiro, alimentação, armas, vestuário, catequeses dos índios, governadores gerais, expedições de 1501 a 1532 e capitânias.

Correlacionada à história, a *geografia* foi estudada nas seguintes partes: rios brasileiros, Estados por eles banhados, navegação, fertilidade das terras e clima.

A *leitura silenciosa* foi grandemente exercitada, tendo os alunos consultado: Tesouro da Juventude, números 1, 2, 7 e 9. Livro de Elza, de João Lúcio. História do Brasil, de Francisco Viana. Livro de Violeta, de João Lúcio. História do Brasil, de Viriato Corrêa. Livro de Ildeu, de João Lúcio. História do Brasil, de Mário da Veiga Cabral. Costumes de nossos índios. História do Brasil, de Rocha Pombo. Através do Brasil, de O. Bilac e Bonfim. História do Brasil, da Coleção F. T. D. Estrela das Missões. Enciclopédia. Dicionário da Língua Portuguesa. Mapas do Brasil. Jornais e Revistas.

Foi a seguinte a relação dos assuntos para os exercícios de *redação* feitos pela classe: Carta a um amigo pedindo gravuras sobre índios. Interpretação da história. A festa de Tocandira ou Veperia. Caso sucedido com o padre Luiz Brito. Os jesuitas e os índios. Primeiro encontro dos selvagens do litoral com a expedição de Cabral. Indígenas do Brasil na época do descobrimento. Tupis e Tapuias. Habitação dos índios. A vida nas selvas. Alimentação, vestuário, língua e religião dos índios. Armas e instrumentos de música. O chefe e os guerreiros.

A *escrita*, bem motivada, constou das atividades resultantes dos diversos estudos.

Na ilustração dos albums confeccionados, a classe apresentou variados *desenhos*, tais como: índio, taba, flecha e arco, cocar e tanga, urna funerária, maloca, paisagem, instrumentos de música, armas, tubos para dança, flauta para índios, paus que produziam o fogo, tangapena, inúbia, etc.

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — Informações de Iris Faria Matos).

GRUPO ESCOLAR "FRANCISCO SALES", DA CAPITAL

Projeto "A casa da boneca"

O educando aprende melhor aquilo por que se interessa, pois que tão somente "o interesse é capaz de determinar atividades que sistematizem a sua conduta". Pelo interesse o educador obtém da criança, com facilidade, prontidão e entusiasmo nas atividades do aprendizado.

Visto que os interesses da criança variam de acordo com a sua idade, o ensino tem de ser feito segundo as fases da sua evolução natural.

Compete ao professor tornar a escola atraente, introduzindo, em todos os trabalhos escolares, atividades que estejam de acordo com a idade dos alunos e levando-os a sentir prazer no que se lhes ensina. Para isso, nada melhor que o ensino globalizado que pôde ser feito por meio de pequenos projetos. As crianças são excessivamente práticas e gostam não só de usar o que aprendem mas de aprender o que podem usar.

No grupo escolar "Francisco Sales", da Capital, uma professora de 1.º ano levou a efeito, em sua classe, proveitosas atividades baseadas no interesse das crianças.

Querem conhecê-las? Vejamos o que nos informa a própria professora, lendo um trecho de seu pequeno relatório:

"A "casinha da boneca" foi uma atividade que muito agradou as crianças. A oportunidade para motivá-la não se fez esperar, visto que a idade dos alunos de 1.º ano é, geralmente, ainda a da predileção pelos brinquedos, acentuadamente pelo da boneca. As meninas se entregam à costura de pedacinhos do vestuário da boneca até mesmo na escola. Baseiando-me nisso, com habilidade sugeri a idéia do projeto, levando a classe a querer e a pensar que era seu o pensamento de confeccionar uma "casa para boneca". É impossível descrever o entretenimento e o prazer com que as mãozinhas cuidadosas costuravam as minúsculas peças de

roupas, os atalhados, os tapetes, as almofadas, as toalhinhas, etc.

A professora de *trabalhos manuais* motivou, com esse projeto suas aulas, durante muitos meses, atendendo, cuidadosa e solícita, tôdas as crianças, no que poderiam fazer. A construção da casa obedeceu os requisitos necessários, a começar pela aprovação da planta, o que foi feito pela classe. Os pequenos obreiros de nada se esqueceram. Fizeram tudo: as peças principais de um mobiliário, bem como vassouras, espanadores, porta-toalhas, colheres de páu, etc.

Além de trazer vantagens pelo lado manual, desenvolvendo e coordenando a ação motora, treinando as crianças na costura, bordado, modelagem e cartonagem, esse projeto obrigou-as a prestar atenção às minúcias, a medir e a calcular, exercitando-as em *aritmética e geometria*.

Correlacionei ao de trabalhos manuais o ensino de *noções de cousas*, fazendo com que a classe estudasse o material de construção, o mobiliário, o arranjo da casa, os tecidos e o vestuário. Em *ciências naturais* visei o ensino dos animais domésticos e, em *higiene*, à higiene individual e a da habitação.

Finalizando o trabalho, organizamos um *auditório* sobre as atividades levadas a efeito na classe, bem como uma *exposição* dos trabalhos realizados.

Enquanto se executava o projeto notava-se, em todos os trabalhos, o esforço, a paciência, a atenção, a ordem, o interesse e a sociabilidade dos alunos, dentro do verdadeiro espírito de liberdade".

(Organização de Maria Suzel de Padua. — Informações de Alba de Lima).

ESCOLA INFANTIL "BUENO BRANDAO", DA CAPITAL

Exposição de trabalhos

A criança é um ser ativo por natureza, a ponto de não distinguir o trabalho do brinquedo, quando esse responde aos interesses e necessidades do seu organismo.

No conhecimento d'isto, a escola de hoje vem aproveitando essa tendência e procurando dirigi-la inteligentemente, para que se desenvolvam de modo harmônico as faculdades do educando.

Dentre as atividades que mais satisfazem a criança e mais concorrem para o seu desenvolvimento, o trabalho manual ocupa lugar proeminente, sendo desnecessário encarecer seu alto valor educativo. Cumpre, no entanto, saber infiltrá-lo de espírito criador e torná-lo ação real, animada e guiada pela inteligência.

E' o que se verifica, visitando-se a exposição de trabalhos da Escola Infantil "Bueno Brandão", da Capital. Interessantes exemplares em recortes, desenhos, albums, modelagem, brinquedos, etc., executados nas três séries do curso, enchem três amplos salões. Ao lado d'estes, outros se destacam como resultantes de excursões, estudos e "projetos" realizados durante o ano, sob moderna técnica pedagógica, tais como, "Loja de Brinquedos", Noite de Natal, Cidade, Boteca, Vida dos nossos selvícolas, Biblioteca, Museu, e outros, além da criação de animais vivos: coelhos, galinhas, patos, pintos e canários, que muito concorreram para o desenvolvimento dos alunos.

O que mais chama a atenção nesse interessante mostruário é a simplicidade do material empregado, de quasi nenhum custo. Papelão, caixinhas de sabonete, de fósforos, de manteiga, cascas de ovos, penas de galinha, retalhos de fazenda e tocos de madeira, foram aproveitados com inteligência para ornamentação, confecção de elegantes e singelas mobílias de quarto, sala de jantar e de visita, para boteca, prateleiras, trens de ferro, caminhões, etc.

A exposição de trabalhos da Escola Infantil "Bueno Brandão" é um atestado vivo de como se educa e se desenvolve, nesse estabelecimento, a criança em idade pre-escolar, preparando-a eficientemente para vencer as dificuldades do curso primário.

(Organização de Anita Fonseca. — Informações colhidas na exposição).

GRUPO ESCOLAR "FLAVIO DOS SANTOS", DA CAPITAL

Trabalho por meio de jôgo

Na classe em que é adotado o ensino funcional, as crianças sentem que a escola é delas, tanto quanto a sua casa ou o recreio. E movidas pelo interesse trabalham alegremente. A disciplina é dinâmica. Os educandos se agitam, agrupam-se para trabalhar, sentam-se e levantam-se quando necessário. O mestre é o guia, o amigo que é consultado com naturalidade ou atendido com prazer.

Não há oposição entre o brinquedo ou jôgo e o trabalho, quando se compreende o mecanismo da ação interessada. O jôgo é um trabalho realizado com satisfação.

Leiamos o relato abaixo sobre um jôgo de língua pátria organizado com a letra do *Hino Nacional* e levado a efeito pelos alunos de uma classe de 4.º ano do grupo escolar "Flávio dos Santos", da Capital, no auditório comemorativo da instalação do clube de leitura da classe:

"Interessados na organização do programa para o auditório de instalação do clube de leitura, duas alunas trouxeram de casa retratos e biografias de Osório Duque Estrada e Francisco Manuel da Silva, recortados do "Minas Gerais" e de uma revista carioca, para falarem em aula sobre os mesmos. Lidas e comentadas as biografias, na aula de *língua pátria*, a classe fez um resumo das mesmas, bem como o histórico do nosso Hino Nacional, constituindo esse trabalho boas composições.

Escolhidas as melhores, um aluno leu-as para os colegas ouvirem, procedendo-se, em seguida, à escolha da melhor, que foi entregue a outro aluno para com ela organizar sua palestra.

Duas alunas quiseram recitar os versos do Hino Nacional, após a realização da palestra acima referida. Observando má dicção em algumas palavras, anotei-as no quadro-negro. Como exercício para casa, escolhemos palavras como estas: plácidas, heróico, retumbante, fúlgidos, vívido, impá-

vido, florão, lábaro, flâmulo, símbolo, etc., para que fôsem tirados seus respectivos sinônimos e antônimos. Na aula de *leitura* os alunos serviram-se do dicionário para tirarem os significados das palavras desconhecidas. De posse do vocabulário, a classe desejou organizar o jôgo relativo a esse exercício.

Dividimos os alunos em dois partidos, que tomaram os nomes de "verde" e "amarelo". As palavras do Hino Nacional foram escritas em pedacinhos de papel, bem como os nomes dos alunos que iriam tomar parte no jôgo. Eram sorteados, respectivamente, a palavra e o nome do aluno. O juiz, por sua vez, iniciava a partida e anotava no quadro-negro o resultado. A competição trouxe um grande entusiasmo à classe, vencendo o partido verde por 14 X 7. Os alunos desejaram, então, incluir o jôgo, como número, no programa. Assim foi o mesmo executado:

1 — Um aluno discorreu sobre o Hino Nacional, atores da letra e música.

2 — Um grupo de alunas declamou os versos do Hino Nacional.

3 — Foram escritos em uma fôlha de papel os nomes dos alunos dos 2 partidos.

4 — Foram escritas aos pares e numeradas, em outra fôlha de papel, as palavras do Hino Nacional.

5 — Papéis, cortados em quadrados, foram numerados, dobrados e colocados em uma sacola, para serem sorteados.

6 — Os alunos, dispostos em fileiras e em frente ao quadro-negro, saíam aos pares, um de cada partido, quando o juiz dava o sinal de partida. Tiravam, na sacola, um dos papéis, e diziam ao juiz os números do mesmo. O juiz consultava a lista e ditava a palavra, conforme o sorteio.

7 — Os alunos escreviam no quadro-negro o sinônimo e o antônimo da palavra ditada, ganhando um ponto o aluno que o fizesse com precisão e maior rapidez.

Assim foi disputada a partida. Contados os pontos, o partido vencedor ganhou, além das palmas, um saquinho de balas e bombons, com as cores "verde e amarelo".

Tôda a classe aprendeu brincando os antônimos e sinônimos de tôdas as palavras, o que favoreceu os exercícios posteriores de composição e enriqueceu o seu vocabulário.

As palavras que não tinham antônimos foram explicadas, no momento do jogo, pelo jogador, e tiveram sinal determinado na coluna dos antônimos”.

(*Organização de Maria Suzel de Padua. — Informações de Ester Seabra.*)

INSTITUTO PESTALOZZI, DA CAPITAL

Material didático

“Muitas vezes, é o patológico que nos ensina a compreender o normal. Pela evolução de um deficiente mental, por exemplo, podemos chegar a conhecer melhor as diferentes fases da organização e sistematização das condutas do pensamento. O anormal esclarece a ciência e facilita o entendimento dos princípios de educação. Podemos aplicar às crianças normais os resultados das observações sobre retardados e deficientes”.

Entregando a Minas Gerais a sua primeira turma de diplomados, no presente ano, quis o Instituto Pestalozzi, da Capital, fazer uma exposição do material didático colecionado e confeccionado no estabelecimento pelas professoras e alunos.

Desde ontem, acina-se exposta à curiosidade dos educadores mineiros uma grande parte dos trabalhos realizados nos quatro anos de funcionamento do educandário, tais como cartazes, jogos, álbuns, etc., material êsse que serviu para a execução do programa primário, do 1.º ao 4.º ano do curso.

Há, no Instituto Pestalozzi, uma grande preocupação de objetivar as menores cousas ensinadas. As docentes daquela casa de educação, ocorrem, constantemente, perguntas

como estas: “Quais os meios e processos que temos empregado para instruir e educar os nossos alunos? Nossas crianças terão progredido realmente? Como e porque realizaram elas tais progressos?”.

O material exposto, que vem dando os melhores resultados no ensino das crianças deficientes, poderá produzir muitos benefícios, quando usados no ensino das crianças bem dotadas.

Os educadores que têm em sua sala de aula um material ilustrativo resultante de estudos que tiveram motivações reais, material êsse que realce e focalize os pontos essenciais da matéria dada em classe, não podem esquecer facilmente as partes estudadas do programa.

Para melhor demonstrar as atividades levadas a efeito em cada disciplina, o Instituto distribui assim o seu material didático:

Sala de geografia e história — O material começa focalizando o estudo da escola, passa ao quarteirão e estende-se ao bairro, à cidade, ao Estado, ao país, à América e às demais partes do mundo, para a geografia. Em história pátria, o estudo é iniciado com o fundador de Belo Horizonte, passa à história de Minas, estende-se à do Brasil e termina com as biografias dos grandes vultos nacionais.

Sala de ortopedia — Encontra-se aí todo o estudo das crianças matriculadas no Instituto, desde o seu primeiro dia de aula até o momento atual. Esse estudo pormenoriza a parte física, mental, social, escolar, etc., de cada aluno. O material sugere meios para a educação da memória, atenção, observação, tacto, etc.

Sala de língua pátria — Refere-se aos métodos de leitura adotados nas diversas classes, bem como aos diferentes tipos de leitura, concretização do ensino das partes gramaticais, construção de sentenças, etc., o material em aprêço. Álbuns das composições dos alunos, escalas para a divisão dos sons conforme as dificuldades e fichas para os diversos

passos da leitura inicial, completam o material de linguagem.

Sala de religião — Uma barra, contornando tóla a sala, mostra as diversas passagens da vida de Jesus, completada por um material ilustrativo dos Sacramentos e do Sacrifício da Missa.

Sala de religião — Uma barra, contornando tóda a o ensino, do 1.º ao 4.º ano do curso, começando pelos primeiros passos da aritmética (contagem dos números de 1 a 3) e terminando no ensino do sistema métrico.

Sala dos surdos-mudos — Está aí o material mais interessante da escola. Póde-se perceber o ensino feito, desde o estudo da leitura labial e início da vocalização até às partes mais complexas na aprendizagem das disciplinas do programa. Esse material cresce de valor por ser criação exclusiva do Instituto.

Oficinas — Verifica-se, pelo material existente nas oficinas, que o mesmo é feito sob encomenda, tanto em encadernação como em tecelagem, sapataria e marcenaria.

(*Organização de Maria Suzel de Pádua. — Informações colhidas na exposição.*)

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PRIMÁRIO DA CAPITAL

Promoção por meio de testes

Para comprovar o rendimento do ensino ou o progresso total alcançado pelos educandos durante o ano, podemos empregar, como *medida*, o *teste de escolaridade*.

“Medir é indispensável para poder analisar e comparar. Só os números, representando grandezas que se podem avaliar, são susceptíveis duma comparação objetiva e, por conseguinte, indiscutível”.

É verdade que as *notas escolares* também *medem* o resultado do trabalho dos alunos, têm, porém, o inconveniente de não ser objetivas. Os professores diferem muito no critério de dar notas, ora muito altas, ora muito baixas, havendo nelas “uma equação pessoal evidente”.

“A *medida* digna desse nome deve implicar uma unidade objetiva, um padrão que sirva de lei, e ao qual se devam referir as medidas dos diversos observadores”.

A Inspeção Técnica do Departamento de Educação, com o fim de submeter as crianças a uma prova única e uniformizar o critério de promoção, organizou os testes de escolaridade para os alunos dos 1.º, 2.º e 3.º anos dos estabelecimentos de ensino primário do Estado onde trabalham professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento.

Esses testes, destinados a medir o resultado do ensino, no presente ano, bem como o aproveitamento das crianças, foram elaborados com variadas questões, baseadas no programa oficial, possuindo técnicas fichas de aplicação, correção e avaliação.

Por professoras técnicas, para esse serviço designadas pelo Chefe do Departamento de Educação, foi feita a aplicação dos testes nos diversos estabelecimentos da Capital, no período de 7 a 16 de novembro.

A correção e valorização dos 34.906 testes aplicados ficaram concluídas em 13 dias, no período de 18 a 30 de novembro, trabalho esse orientado e controlado pelas assistentes da Inspeção Técnica, auxiliadas por um grupo de professoras técnicas e professoras de classe de alguns grupos na Capital.

Os alunos do 1.º ano foram submetidos a duas provas: língua pátria e aritmética; os do 2.º, a três provas: língua pátria, aritmética, ciências sociais e naturais; os do 3.º, a três provas também: língua pátria, aritmética e geometria, ciências sociais e naturais.

Foram aplicados 13.156 testes nas classes de 1.º ano, 13.167 nas de 2.º e 8.583 nas de 3.º, num total de 34.906 testes na Capital.

São os seguintes os 27 estabelecimentos do ensino primário da Capital onde foram aplicados os testes de promoção: Grupos Escolares "Barão do Rio Branco", "Afonso Pena", "João Pessoa", "Pedro II", "Henrique Diniz", "Olegário Maciel", "Cesário Alvim", "Caetano Azeredo", "Francisco Sales", "Bernardo Monteiro", "Silviano Brandão", "Lúcio dos Santos", "Melo Viana", "Barão de Macaúbas", "José Bonifácio", "Flávio dos Santos", "Sandoval Azevedo", "Alexandre Drummond", "Tomaz Brandão", "Mariano de Abreu", "Escolas Reunidas "Augusto de Lima" e "Maurício Murgel", Escolas Italianas, Classes anexas à Escola de Aperfeiçoamento, Escola Anchieta, Escola da Vila Celeste Império e Instituto "João Pinheiro".

Eis o número de provas aplicadas, conforme a distribuição nas classes dos três anos do Curso Primário:

Língua pátria, 1.º ano, 6.578 testes.
 Aritmética, 1.º ano, 6.578 testes.
 Língua pátria, 2.º ano, 4.389 testes.
 Aritmética, 2.º ano, 4.389 testes.
 Ciências sociais e naturais, 2.º ano, 4.389 testes.
 Língua pátria, 3.º ano, 2.861 testes.
 Aritmética e Geometria, 3.º ano, 2.861 testes.
 Ciências sociais e naturais, 3.º ano, 2.861 testes".
 Total — 34.906 testes.

A promoção foi feita segundo o critério abaixo transcrita, estabelecido pelo Departamento de Educação, de acordo com os resultados obtidos:

Alunos do 1.º ano promovidos ao 2.º

1 — Os julgados com possibilidade de promoção pela professora e que alcançaram, nos testes, um mínimo de 40 pontos em cada matéria (língua pátria e aritmética).

2 — Os julgados com possibilidade de promoção pela professora e que alcançaram, nos testes, um mínimo de 35 pontos em uma das matérias acima, mas que conseguiram pelo menos 80 pontos no conjunto das mesmas.

Alunos do 2.º ano promovido ao 3.º:

Os julgados com possibilidade de promoção pela professora e que alcançaram, nos testes, um mínimo de 30 pontos em uma das matérias (língua pátria ou aritmética), 20 pontos em ciências sociais e naturais e 90 pontos no total dos três testes.

Alunos do 3.º ano promovidos ao 4.º:

Os julgados com possibilidade de promoção pela professora e que alcançaram, nos testes, um mínimo de 30 pontos em uma das matérias (língua pátria ou aritmética), 20 pontos em ciências sociais e naturais e 90 pontos no total dos três testes.

Cursos divergentes:

1 — Os alunos julgados com possibilidade de promoção pela professora e que não alcançaram, nos testes, o mínimo de pontos exigidos para a promoção, deverão, no próximo ano, por ocasião da abertura das aulas, ser submetidos a um novo teste.

2 — Os alunos que não alcançaram com a professora a média para a promoção, mas que conseguiram, nos testes, o mínimo de pontos exigidos em cada matéria e no total ficarão dependendo da prova a ser realizada no próximo ano.

NOTA — Os alunos que, julgados com possibilidade de promoção pela professora, não compareceram aos testes por motivo de moléstia ficarão também dependendo desta prova.

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — Informações extraídas do serviço de testes).

GRUPO ESCOLAR "AURÉLIO PIRES", DE GOUVÊA,
MUNICÍPIO DE DIAMANTINA

Oferta de material motivando estudos

A oferta de qualquer material didático a um estabelecimento de ensino pôde motivar trabalhos valiosos. Dependendo da habilidade do professor fazer com que esse material seja bem aproveitado pelos educandos, não apenas no uso do mesmo como ornamentação de sala ou ilustração de estudos, mas também para motivação de novas e variadas atividades.

No grupo escolar "Aurélio Pires", de Gouvêa, as crianças do clube de leitura "Padre Roque da Silveira", da classe do 3.º ano, executaram um plano de trabalho sobre a vida do Primeiro Mestre do Brasil e realizaram, após os estudos, uma sessão especial em homenagem à memória do Padre José de Anchieta, ao ensêjo da inauguração da estampa do mesmo oferecida ao educandário pelo auxiliar técnico do Secretário da Educação.

Estando a classe em aula de *linguagem*, a diretora quis aproveitar a oportunidade para um trabalho de composição e recapitulação do estudo feito. Ao comunicar aos alunos que o presente já se encontrava no estabelecimento, pediu-lhes que dessem, por escrito, sua opinião sobre a atitude que poderia ter Anchieta na estampa recebida. As crianças escreveram-lhe interessantes bilhetinhos, dos quais destacam-se os trechos abaixo:

— "Segundo o meu gosto, a estampa apresentará o padre, de joelhos, ante o altar da Virgem, consagrando-lhe a sua vida e os seus primeiros anos. Que lindo deve ser o quadro !...

— Para mim, Anchieta deverá estar entre os selvagens, catequizando os índios. É essa uma bonita estampa.

— Acho que o padre estará escrevendo na areia o poema à Virgem. Este me parece ser o mais lindo de todos os quadros...

— Vamos ver qual de nós tem voz de profeta. Quase que estou vendo o padre entre as feras.

— Apesar de não ter simpatia por quadros que mostrem animais ferozes, porque mesmo em imaginação tenho um médo horrível, penso que pôde ser Anchieta entre as feras, pois era extraordinário o poder que exercia sobre elas.

— Que espetáculo encantador seria o do padre à janela, chamando as andorinhas, pombas e outros pássaros ! Estes, dóceis e obedientes, vinham ter com êle, e se deixavam acariciar, até que êles os abençoasse e lhes dissesse: "Ide-vos agora em paz e continuai a louvar a Deus..." Deve ser esta a estampa.

— Lembro-me que a nossa professora nos contou a seguinte passagem: "Um dia, estando Anchieta e atravessar uma lagoa, em uma barca, os pássaros foram fazer-lhe sombra, protegendo-o, juntamente com os companheiros, dos ardores do sol. Dou o meu voto a êste quadro..."

— Anchieta fez muitos milagres. Tigres, onças e outros animais, ferozes por natureza, tornavam-se mansos para com êle, a ponto de irem comer em sua mão. As víboras e serpentes, tão venenosas, principalmente no Brasil, deixavam-se pegar e animar, bem como castigar e ser pisadas por êle. Será esta uma bela estampa".

As crianças fizeram ainda, nas aulas de *desenho*, a ilustração dos programas para a solenidade e, nas de *escrita*, escreveram, com sua melhor letra, os números do programa, bem como as cartinhas que enviaram à Secretaria da Educação.

Os desenhos apresentavam diversas passagens da vida de Anchieta, como: "as aves formando um docel de penas sobre a barca de Anchieta", "o padre acariciando uma andorinha machucada", "Anchieta escrevendo versos na areia", "o padre abençoando as andorinhas", "Anchieta entre as onças, tigres e serpentes", "os selvagens ouvindo as palavras do padre", "Anchieta como 1.º Mestre Brasileiro", etc.

A organização do programa obedeceu aos estudos feitos em classe. Aberta a sessão pela presidente do clube, foram executados pelas crianças os seguintes números.

- 1 — Curiosidade, palestra sôbre a atitude de Anchieta na estampa, por um grupo de alunas.
- 2 — Inauguração do quadro, ao som do Hino Nacional.
- 3 — José de Anchieta, poesia, por um aluno.
- 4 — Perfil de Anchieta, leitura, por uma aluna.
- 5 — Anchieta, recitativo, por uma aluna.
- 6 — Últimos trabalhos de Anchieta no Espírito Santo e em São Vicente, exposição de uma atividade da classe, por uma aluna.
- 7 — O padre Anchieta, biografia, por um aluno.
- 8 — Uma lição de Anchieta aos índios, palestra, por um grupo de alunos.

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — Informações de Consuelo de Jesus Falci).

Grupo Escolar de Carmo da Mata, Município de Oliveira

Em tórno de uma gravura

As gravuras são um excelente meio de despertar o interesse na classe e uma fonte rica de sugestões que o professor deve aproveitar afim de dar mais vivacidade às suas aulas.

Uma conversa bem encaminhada em tórno de uma gravura provoca a linguagem das crianças e facilita a associação natural das diferentes matérias do programa.

Vejamos como, no grupo escolar de Carmo da Mata, uma professora do 1.º ano usou, com proveito para o ensino; um quadro, aliás já bastante conhecido dos alunos. E' ela própria quem informa o seguinte:

"Formando uma história à vista do quadro, onde se vêm duas crianças, os alunos resolveram dar ao menino o nome de Marcelo. Feita a decomposição dessa palavra, tomando a primeira sílaba, perguntei-lhes o que era "mar" e se já tinham visto o mar. Estávamos em aula de "leitura"

Seguiu-se animada palestra sôbre o assunto. Apresentei-lhes, então, um outro quadro da mesma coleção. Vêm-se aí o mar e duas meninas a sua beira. Levantou-se uma menina, que até então parecia indiferente ao assunto, e disse: "Eu já vi o mar em Angra dos Reis, com meu avó. Foi uma festa! Com carinho, pedi-lhe que contasse tudo o que vira e ela o fez com satisfação. Disse que vira o mar, cujas águas pareciam bravas, eram azuis e salgadas. Vira três barquinhas, estando uma parada e as outras em movimento, tocadas por homens que tinham umas "pázinhas" nas mãos. Vira também alguns navios com a bandeira brasileira, etc.

Fizemos, em seguida, o aprendizado das palavras *onda, maré, marinha, porto, marinheiro, remos, peixe, camarão, sardinha, pescada, pescador piscoso, etc.* As crianças falaram longamente em "rio" e descobriram que suas águas são doces e não são azuis. Ficaram sabendo como se chamam os lugares em que nascem, correm e desembocam os rios. Houve comentários sôbre a Boa Vista, que corta o nosso arraial, sua nascente, suas margens e foz.

Conversámos sôbre o açude que há no Campo de Sementes e sôbre o sal que as crianças conhecem e usam em suas casas.

Ao falarmos sôbre os meios de tocar as barquinhas, houve margem para uma conversa a respeito das locomotivas da R. M. V. que por aqui passam e são movidas pelo vapor d'água, como os navios. A classe fez diversos "desenhos" em que se viam o mar, o rio, barcas, navios, etc.

Em seguida, as crianças construíram uma casinha e bordaram toalhinhas e outras cousas alusivas ao assunto; nas aulas de "trabalhos" manuais. Organizaram uma "ginástica" historiada com os seguintes movimentos: andar sôbre a areia, imitar as ondas, vogar como as barquinhas, fazer-se de pes-

cador, deslizar como o navio, mostrar o farfalhar das bandeiras, etc.

Os números de ginásticas, desenho e trabalhos manuais foram depois apresentados em um auditório muito aplaudido pelos educandos.

Como se verifica, uma simples gravura motivou as aulas de leitura, linguagem, geografia, ciências naturais, desenho, trabalhos manuais e ginástica.

(Organização de Geralda Lucas da Silva. — Informações de Catarina da Silveira).

GRUPO ESCOLAR "DELFIN MOREIRA", DE SANTA RITA DO SAPUCAÍ

Uma representação educativa

"O ensino pelo brinquedo, o ensino atraente, que leva a criança a produzir, inspirada por um desejo íntimo, tal o segredo de toda a didática".

A dramatização é um brinquedo para a criança, mas é também para o professor um meio de valor incontestável no ensino primário. O educando, agindo espontaneamente, representando a personalidade de um fato qualquer e identificando-se com êle, terá que adquirir, fixar, reter os conhecimentos que lhe foram dados por meio do brinquedo, brincando esse que é um trabalho suave.

No grupo escolar "Delfim Moreira", de Santa Rita do Sapucaí, no dia 12 de outubro, os alunos levaram a feito uma dramatização sobre a data, que foi realizada de acordo com o plano seguinte:

Organização: — A professora encarregada de organizar o auditório para o dia 12, conversando com as professoras das classes do 4.º ano, soube que os alunos já estavam perfeitamente ao par do fato histórico. Procurou-se e, habilmente, sugeriu-lhes uma dramatização para um dos números do programa. Eles aceitaram a idéia com alegria, propuse-

ram que fosse sobre o "Descoberta da América", afim de comemorarem a data mais significativamente e quiseram logo destacar as cenas principais do acontecimento.

Escolha dos personagens: — Os próprios alunos, fazendo uma recapitulação do fato estudado, apresentaram os personagens mais importantes, como Colombo. D. João II. D. Fernando, Rainha Isabel, marinheiros, etc. A classe achou ser conveniente apresentar um favorito que estivesse sempre pronta a cumprir as ordens de suas magestades. Os meninos quiseram que a aluna Isabel, sua colega fizesse o papel de rainha da Espanha.

Ensaios: — Como as classes já conheciam bem os fatos, explicados em aula pelas respectivas professoras, fácil se tornou desprezar inteiramente a decoração. Os papéis foram representados naturalmente, "vividos" pelas crianças. Fez-se uma exceção para o de Colombo, cujo aluno, encarregado de o representar, teve de estudar com mais cuidado o seu papel, afim de pronunciar, com entusiasmo e sentimento, uma oração relativa ao descobrimento.

Vestimentas e material: — A professora de trabalhos manuais, de colaboração com as crianças, confeccionou os três navios "Santa Maria", "Pinta" e "Nina", bem como as vestimentas dos índios "pele vermelha". A professora de desenho orientou as classes na organização da bandeira espanhola, coroas dos reis, fichas e legendas. Os alunos fizeram ainda as vestimentas dos reis, a de Colombo e as dos marinheiros.

Dramatização: — primeira cena: — Colombo faz planos de uma viagem pelo ocidente.

Segunda cena: — Colombo apresenta a carta marítima a D. João II, de Portugal. Acha-se presente o favorito do rei.

Terceira cena: — Os reis da Espanha concordam em prestar auxílio a Colombo.

Estão em cena também os nobres da corte e os guardas. Assinatura do contrato. Despedida de Colombo. Votos de felicidade de Fernando e Isabel.

Quarta cena: — Partida de Colombo e dos marinheiros. Estes entoam uma barcarola. (Música e letra de F. Magalhães e M. Baudin).

Quinta cena: — As naus de Colombo chegam à terra descoberta. Posse solene da nova terra. Colombo, empunhando a bandeira espanhola, beija a terra e recita a oração. Colombo e os marinheiros apreciam um bailado indígena dos "peles vermelhas", que dançam ao som do tambor. (Bailado tirado do folclore internacional).

Sexta cena: — Volta à Espanha da expedição de Colombo. Como prova da terra descoberta, os navegantes levam alguns índios. A tripulação canta, ao partir, algumas estrofes apropriadas ao acontecimento.

Sétima cena: — Chegando à Espanha, Colombo recebe as homenagens que lhe prestam a rainha Isabel, o rei Fernando, os nobres da corte, etc. Acham-se em cena também os guardas, os marinheiros e os índios.

(Organização de Maria Suzel de Pádua. — Informações de Jurandir Cabral).

GRUPO ESCOLAR "DESEMBARGADOR CONTINENTINO", DE OLIVEIRA

Relatório da classe

O relatório de classe, feito de maneira a apanhar os fatos mais interessantes, constitui uma boa documentação do trabalho do professor. Vejamos como uma professora do grupo escolar "Desembargador Continentino", de Oliveira, fez o resumo de suas atividades no presente ano letivo:

"Recebi em fevereiro uma turma de 1.º ano novato, composta de 32 alunos. Em se tratando de uma classe de mais ou menos homogênea, embora tivesse de lutar com a deficiência do meio social, compreendí logo que a minha

responsabilidade era maior que a de minhas colegas que ficaram com alunos repetentes e novatos.

Na primeira semana procurei inteirar-me da capacidade da classe. auscultei-lhe as tendências e procurei conhecer as crianças sob todos os pontos de vista, isto é, físico, moral, intelectual, etc. Para isso, provoqueei algumas atividades na classe, falando sobre brinquedos, contando histórias de fundo moral, observando os apartes, os gestos e as emoções estampadas nos diversos semblantes. Entendi-me ainda com os pais, visando uma preciosa cooperação. Procurei combater os maus hábitos manifestados, tais como: novidades indesejáveis, animosidade, mentirinhas perniciosas, maledicências, complexos de superioridade e inferioridade e rixas por motivos fúteis. Aconselhei os pais a levarem os filhos ao médico, afim de predispor-lhes o melhor para o trabalho, porque muitos manifestavam estado precário de saúde. A nossa diretora forneceu-me alguns vidros de fortificante que ofereci aos alunos pobres.

A frequência manteve-se sempre superior a 70 % durante o ano. O hábito do trabalho foi o primeiro implantado na classe, como base da disciplina e garantia do êxito.

Nas aulas de leitura, eu apresentava historietas no quadro-negro contendo 3 ou 4 sentenças, bem como em folhas de cartolina. As lições eram escritas em tipo de imprensa ou letra manuscrita, sendo sempre organizadas de conformidade com o interesse da classe, muitas vezes despertado à vista de uma gravura ou originado de fatos reais. Para evitar efeito de entonação ou pronúncia, a princípio, era eu a primeira a ler. Aprendida a história, passávamos ao conhecimento de suas partes componentes, com prática de jogos interessantes que punham toda a classe em atividade. A leitura quase sempre seguia-se a escrita, com aulas motivadas e sempre cuidadosamente fiscalizada. Consistia em cópias de historietas conhecidas e em ditados de palavras destacadas das mesmas. Essas palavras eram previamente observadas em fichas. No segundo semestre dei ditado de

sentenças e histórias completas, mas organizadas com palavras conhecidas. Quando percebia dúvida na grafia de alguma palavra, expunha novamente a ficha da mesma e fazia com que todos a observassem, até fixá-la.

A aritmética foi metodicamente ensinada, sendo as lições sempre graduadas, de acôrdo com a capacidade da maioria da classe, baseadas na vida prática e nos problemas simples com dados concretos. As demais disciplinas do programa giravam em tôrno da leitura, assim como a escrita e a aritmética.

Nêsse ambiente de trabalho, alegria e confiança, verifiquei, antes de novembro, que a minha classe estava bem encaminhada. Os alunos, com exceção de seis, liam já regularmente. Dos seis, três moravam na roça, um não tinha capacidade para acompanhar a classe e dois não eram normais.

Trabalhando sempre com entusiasmo e otimismo, vi chegar o fim do ano. Meus alunos, submetidos à prova final, apresentaram resultados compensadores. A voz da consciência me dizia: "O teu dever foi cumprido. Está a salvo a tua responsabilidade".

Os alunos que não alcançaram número suficiente de pontos no teste, que exigia um mínimo de 90 no total das duas partes, para promoção, revelaram algum aproveitamento, pois liam, escreviam e faziam pequenas operações de somar e subtrair, chegando alguns a obter 63 pontos no conjunto.

Dos que foram promovidos, uns são mais fortes e outros mais fracos, como é natural, porém, têm todas as possibilidades de cursar satisfatoriamente o 2.º ano primário.

(Organização de Geralda Lucas da Silva. — *In-
formações de Julieta Flôr*).

GRUPOS ESCOLARES DO INTERIOR

Testes para promoção

Parece-nos fato extraordinário que os homens, com sua preocupação de medida e precisão, não tivessem sentido há

mais tempo a necessidade ou possibilidade de se converter em matéria ponderal, os frutos do trabalho escolar. Todavia, ultimamente, a pedagogia experimentad tem avançado neste sentido, tentando medir até mesmo caracteres psíquicos que pareciam escapar à matemática.

Incontestavelmente, a descoberta de Binet foi de grande alcance pedagógico. Pois, aplicando-se aos alunos, no início do ano, uma escala de inteligência, na base da preconizada por êste ou outros psicólogos, far-se-á, com relativa segurança, o diagnóstico das capacidades e, ao mesmo tempo, o prognóstico dos resultados escolares. O emprêgo desta medida facultará ao professor vencer, mais rapidamente, uma das etapas difíceis e indispensáveis do seu trabalho — o conhecimento do aluno, para que possa melhor ajustar o ensino às necessidades individuais.

Não basta, entretanto, diagnosticar as aptidões ou deficiências dos escolares. E' também necessário verificar o progresso que se opera em seu desenvolvimento geral, por meio de observações sistematizadas e aplicação de processos técnicos. Daí o emprêgo dos testes convenientemente padronizados que permitem comparar o aluno com êle mesmo, em épocas sucessivas, com outros alunos da mesma idade ou do mesmo ano escolar, e ainda determinar o índice de instrução que apresenta e de que necessita para galgar o degrau seguinte do curso.

Todo êste conjunto de medidas, para que seja de aplicação proveitosa, exige, sem dúvida, contróle centralizado e sistemático. E' o que se faz em nosso Estado. O serviço de classificação e promoção dos alunos está a cargo da Inspetoria Técnica do Departamento de Educação, órgão fundamental de orientação técnica do ensino. No corrente ano, nós nos grupos escolares da Capital mas também em 74 do interior do Estado, os educandos foram examinados por meio dos testes elaborados e aplicados sob a orientação dêste órgão técnico do ensino. Os resultados obtidos já estão sendo apurados registrados em quadros estatísticos e representados em gráficos que permitirão aos dirigentes da

nossa política educacional avaliar os efeitos das medidas, métodos e processos didáticos adotados, afim de que possam com mais segurança orientar exercícios futuros.

A aplicação dos testes foi feita nos grupos escolares abaixo relacionados, onde trabalham professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento: — Juiz de Fora “Fernando Lobo”, Sabará, Oliveira “Des. Continentino”, Divinópolis, Lagoa Santa, São João del’Rei “João dos Santos”, Uberaba “Brasil”, São João Evangelista, Ouro Preto, Carangola, Abre Campo, Fortaleza, Leopoldina, Entre Rios, Passa Tempo, Piranga, Cataguazes “Astolfo Dutra”, Piumhi, São João del’Rei “Maria Teresa”, Barbacena, Juiz de Fora “Estevam de Oliveira”, Pedro Leopoldo, Guarani, São José de Lagoa, Conselheiro Lafaiete, Cataguazes “Cel. Vieira”, Juiz de Fora “Duarte de Abreu”, Além Paraíba, Raul Soares, Corinto, Conceição do Rio Verde, Juiz de Fora “Centrais”, Varginha “Brasil”, Andradas, São Sebastião do Paraíso, “Cel. José Candido”, Capelinha, São Gonçalo do Pará, Santos Dumont, Santa Bárbara, Ubá, Guanhões, Itabira, Bicas, Lavras “Alvaro Botelho”, Diamantina, Teófilo Otoni, Bom Sucesso, Pará de Minas, Tupaciguara, Manhuassu’, Pomba, Paracatú, Baependi, Caldas. Muzambinho, Passos, Guaraniésia, Cachoeira, Varginha “Afonso Pena”, Maria da Fé, Itajubá “Cel. Carneiro Júnior”, Caxambú, Cambuquira, Brazópolis, Guaxupé, Santa Rita do Sapucaí, Paraisópolis, Carmo do Rio Claro, Ibiraci, Uberlândia “Bueno Brandão”, Montes Claros e São Sebastião do Paraíso.

Foram enviados 36.826 testes para os alunos de primeiro ano, 29.916 para os de segundo ano, e 18.267 para os de terceiro, num total de 85.009 para os grupos do interior, assim distribuídos: — 18.413 testes de língua pátria para o 1.º ano, 18.413 de aritmética para o 1.º ano, 9.972 de língua pátria para o 2.º ano, 9.972 de aritmética para o 2.º ano, 9.972 de ciências naturais e sociais para o 2.º ano, 6.089 de língua pátria para o 3.º ano, 6.089 de aritmética e geometria para o 3.º ano, e 6.089 de ciências sociais e naturais para 3.º ano.

A promoção foi feita de acôrdo com o seguinte “aviso”, do chefe do Departamento de Educação, publicado no órgão oficial:

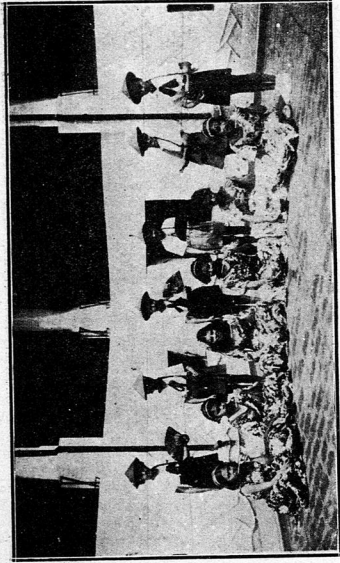
“Considerando que as médias de pontos alcançados nos testes de promoção, pelos alunos dos grupos escolares de interior, de modo geral se aproximaram bastante dos resultados obtidos na Capital, fica estabelecido para esses grupo o mesmo critério aqui adotado”.

A aplicação de testes, em Minas Gerais, até agora, está restrita aos estabelecimentos de ensino em que há professoras técnicas assistentes. Nos demais, não tendo sido possível realizar essa porva, as promoções têm obedecido ao que determina o Regulamento do Ensino Primário.

(Organização de Maria Angélica de Castro e Maria Suzel de Pádua. — Informações colhidas no serviço de testes).

PEDIMOS PERMUTA ÀS PUBLICAÇÕES CONGÊNERES DOS ESTADOS

— E DO ESTRANGEIRO —



Ballado Japonês. -- Auditório organizado pela classe de 4.^a ano Vermelho do Grupo Escolar
- Dr. João Braulio Júnior, de Lambori.

A criança aos 7 anos

(Continuação)

6.º CAPÍTULO

MEMÓRIA

É importante para o educador, saber até que ponto o seu aluno será capaz de armazenar fatos em seu intelecto, de reter os ensinamentos que lhe serão ministrados.

O psicólogo Gaupp nos diz que, se a princípio a memorização é feita ao acaso sem participação ativa, conciente, do indivíduo, aos 7 anos é mais conciente e refletida, havendo já o estorço próprio na aquisição de determinados conhecimentos. É ainda Gaupp quem diz estar aos 5 anos desenvolvida apenas a memória mecânica, vindo, depois desta idade, a memória lógica em que há consciência do que é memorizado e em que a criança começa a compreender as relações cronológicas entre suas recordações.

Vemos realmente que, aos 5 anos muitas crianças conseguem aprender mecanicamente longas poesias, cujo sentido lhes escapa, inteiramente, esquecendo-as, porém bem depressa. Mais duradouramente reterá os fatos que atingirem pela compreensão a memória lógica.

Em pesquisas sobre a "retensão de diferentes impressões", o psicólogo russo Netschieff pôde constatar esta observação, acrescentando que, não é mais palpável a fixação de termos de significação conhecida, como também a dos termos concretos se antecipa em muito à dos abstratos, no espírito infantil.

Si observamos nossos escolares no aprendizado da leitura, notaremos em pouco tempo, a grande dificuldade

encontrada pelas crianças na fixação dos termos abstratos, ou de significação desconhecida.

Quanto ao tempo em que perduram na memória as diversas impressões tem nos mostrado, a experiência, sua grande variabilidade entre os indivíduos e nas diferentes idades.

Muitas pesquisas têm sido realizadas no intuito de se medir a capacidade mneumônica da criança.

Melle. Descoedres (2) em seus estudos concluiu que, aos 7 anos, geralmente a memória tem capacidade de reter, para repetir, 17 sílabas ouvidas no momento.

Na Escala métrica de inteligência (Binet-Terman) a repetição imediata de 16 a 18 sílabas é fixada para os 6 anos de idade.

No teste Inicial aplicado em Belo Horizonte em 1938 encontramos 50% de boas respostas aos 7 anos, à memorização de uma frase de 23 sílabas .

A repetição de algarismos alternados, não podendo valer-se da memória lógica como no caso da memorização de sentenças, tem logrado possibilidade bastante inferior.

Encontramos na seriação dos testes Binet-Terman, o da memorização e repetição imediata de 5 números, aos 7 anos.

Os resultados do Teste Inicial em Belo Horizonte vieram nos mostrar que aos 7 anos somente 4 algarismos são geralmente retidos. Somente 11,9% das crianças de 7 anos repetiram fielmente a série dos 5 algarismos. Entretanto, como vimos, tratando-se da memória lógica conseguem repetir desde os 6 anos, frases de 16 a 18 sílabas. (1).

O estudo e observações relativas à memória nos fazem ver o quanto esta faculdade está ligada à afetividade e às demais faculdades.

(2) — Obra citada.

(1) — Escala Binet-Terman.

O psicólogo Euzo Bonaventura nos diz que, desde os 4 anos, a criança é capaz de conservar e reproduzir fatos e pequenos contos que a impressionaram e prenderam sua atenção. Tem-se constatado que desde os 4 anos já muitas impressões têm se gravado profundamente na memória, perdurando até a idade adulta.

Vários autores afirmam que a capacidade mneumônica de conservação cresce à medida que a criança se desenvolve mentalmente. Os pedagogos podem verificar realmente a influência dos exercícios no desenvolvimento da memória. Muitas crianças progredem rapidamente com o treino na arte de memorizar e basta-nos lembrar aqui o grande desenvolvimento mneumônico que alcançam os declamadores, chegando a reter, com rapidez, trechos longos e extravagantes.

SETIMO CAPITULO

DESENVOLVIMENTO PSICO-MOTOR

O fenômeno do movimento não é considerado somente como expressão do funcionamento geral do organismo, mas também como manifestação da vida psíquica.

Tem-se comprovado um estreito paralelismo entre os movimentos desenvolvidos pelo indivíduo e a evolução dos centros nervosos de que procedem, e, tem-se podido acompanhar de certo modo, o desenvolvimento mental da criança por suas reações motoras.

A criança recém-nascida, que possui inteiramente aptos a funcionar, somente a medula e o bulbo, tem apenas movimentos elementares inconscientes (reflexos), outros imprecisos e descoordenados, não manifestando os movimentos voluntários dependentes do desenvolvimento da cortex cerebral e mielinização das fibras motoras.

E' pouco a pouco que se vão estabelecendo relações entre os sentidos e o meio exterior e a criança vai também gradativamente se utilizando convenientemente de seus membros.

Primeiramente dirige os olhos e a boca, depois a mãozinha, em seguida as pernas e numa marcha progressiva de evolução, vai dominando todos os seus movimentos.

O professor Iago Pimentel (1) diz que somente aos três anos é que criança tem o aparelho motor completamente desenvolvido, inclusive na parte referente à linguagem, estando apta a entrar em contacto íntimo com o meio social a cuja influência irá, cada vez mais, se subordinar.

Também o neurologista russo Gourevitch, de Moscovo, comprova esta relação entre a liberdade de movimentos e o desenvolvimento orgânico dizendo: os "movimentos voluntários são caracterizados pelo concurso de diferentes funções motoras, parecendo ter, cada função, uma localização nervosa especial" (2).

É concepção geral que, aos 7 anos, a criança possui já o organismo suficientemente amadurecido, os sentidos já preparados para a aprendizagem escolar.

O professor Lourenço Filho ressalta que realmente a essa idade as crianças em geral, são capazes de ir à escola e voltar sozinha, de atender às suas necessidades fisiológicas; exprimem seus desejos, repetem o que se lhes diz e têm certo desembaraço de coordenação visual motora que lhes permite usar o lapis, fazer recortes, etc.

Observa, porém, esse autor, que nem todas as crianças possuem aos 7 anos a necessária maturação e que um exame mais minucioso viria mostrar que particularmente as coordenações visual motora e auditiva da palavra, capitais no aprendizado da leitura e escrita, não estão ainda formadas. Além disso, vê-se que a capacidade de atenção e resistência à fadiga, são ainda fragilísimas em muitas dessas crianças.

É fácil observar que aos 7 anos muitas crianças não são capazes de copiar devidamente um objeto de forma simples (seja por deficiência de observação ou por falta de co-

(1) Noções de psicologia.

(2) L'évolution et la variabilité des fonctions psychomotrices. H. Antipoff.

ordenação motora) como um losango, ou de traçar uma linha com certa regularidade e firmeza. A aplicação do Teste inicial em Belo Horizonte permitiu-nos esta verificação.

Não tendo, pois, as funções motoras básicas aparelhadas suficientemente, como poderá uma criança adquirir o mecanismo, vencer o simbolismo da leitura e escrita?

As reações do indivíduo, diz Gates (1) "são condicionadas pela aprendizagem e também por sua maturidade orgânica" — esta será pois, base para aquela.

Uma criança só poderá reagir eficientemente no ensino da leitura e escrita quando seu organismo, devidamente amadurecido, lhe permitir um certo grau de resistência, equilíbrio e coordenação.

Sem esse progresso orgânico do indivíduo, não se formarão determinadas conexões nervosas, tornando-se difícil, ou mesmo impossível, o aprendizado.

Cabe pois à escola, procurar conhecer as deficiências de cada criança, e, de acordo com essas falhas encontradas, dar a cada um, o remédio, o exercício que no momento lhe é necessário.

Por meio de uma série de testes aplicados pela professora H. Antipoff (1) a 750 crianças da Suíça, de 4 anos à idade adulta, foi feito um estudo da evolução das funções motoras e de sua relação com o desenvolvimento mental.

Os testes utilizados foram os seguintes:

- 1) Fazer o mais depressa possível, com o lapis, um pontinho em cada quadro numa folha de papel quadriculado. Cada mão em separado, durante um minuto.
- 2) Fazer com a lapis, o maior número possível de pontinhos em desordem, numa folha de papel em branco. Cada mão em separado, durante 6 segundos.
- 3) Enfiar contas, o mais depressa possível, tendo a agulha com linha na mão direita e tomando as contas, uma

(1) Psicologia para estudantes de educação.

(2) L'évolution et la variabilité des fonctions psychomotrices.

a uma com a esquerda. (Estando as contas na agulha, empurra-las até em baixo no fio). Anota-se o tempo gasto.

4) Cortar com a tesoura um papel seguindo linhas que ali estão traçadas.

20" para cada recorte.

5) Passar discos de um prancha (com furos da forma dos discos) para outra, de um a um, o mais depressa possível. Cada mão em separado. Anota-se o tempo gasto.

6) Furar com uma agulha, a cada batida do metrônomo, de baixo para cima, uma folha de papel (esticada num quadro) em 10 pequenos alvos ali traçados.

7) Apertar, com a maior força possível, um dinamômetro, com o braço estendido. Cada mão em separado.

Entre as conclusões tiradas nesse estudo, podemos citar:

1) Que a habilidade manual geral é uma aptidão boa ou má em cada indivíduo.

2) Que a deficiência mental caminha a par da deficiência motora nos retardados.

3) O rendimento de toda aptidão aumenta, em certa medida, com a idade, até atingir a maturação completa.

4) O desenvolvimento motor não consiste apenas no aumento quantitativo (ligeireza e força) mas também na modificação da qualidade dos movimentos.

5) A relação entre os resultados dos testes motores e a inteligência só foi percebida nos anormais.

6) As funções motoras variam grandemente devido ao meio, ao desenvolvimento, à aptidão, ao exercício, ao sexo.

Analisando o 1.º teste — fazer um ponto no meio de cada quadrinho — a professora H. Antipoff nota a dificuldade encontrada pelas crianças nessa realização. Muitas delas substituem o ponto por pequenos traços ou círculos. Somente a partir dos 6, 7 anos foram encontradas crianças capazes de desenhar com nitidez um ponto.

Esse exercício, diz a profesora, parece exigir certo grau de desenvolvimento neuro-muscular que não está completo até os 5, 6 anos. O perfeito acôrdo entre os 2 grupos de músculos (estensores e flexores) não tendo sido adquirido, tal movimento não poderá ser realizado precisamente. "O desenho do ponto, marca, pois um ponto no desenvolvimento motor da criança".

E' nesse trabalho lembrada a idéia de se estabelecer a idade adulta para todas as funções físicas e psíquicas — o momento em que atingem o ponto máximo de seu desenvolvimento, semelhante ao que já foi feito por Binet e Terman em relação à inteligência. (1).

De fato, quanto tempo e esforços seriam poupados se fôssem conhecidos mais precisamente as possibilidades do material humano com que se trabalha na educação. E' em demanda de tal objetivo que tantos psicólogos, têm pacienteamente realizado suas pesquisas, vindo dêsse modo oferecer aos pedagogos preciosas conclusões que poderão levá-los a uma melhor orientação do ensino.

O psicólogo Ozeretzky publicou uma "Escala métrica do desenvolvimento-motor" para crianças de 4 a 15 anos. Essa escala, que assinala mais um passo para a avaliação das possibilidades e deficiências infantís, consta de uma série de exercícios destinados a medir a coordenação estática e dinâmica, a capacidade para exercitar movimentos simultâneos e independentes, a presença ou ausência de sinergias (1).

Tendo observado, êsse autor, o número e espécies de provas que em cada idade a criança deverá vencer, permite

(1) Esses autores, depois de inúmeras pesquisas, concluíram que aos 13 e 14 anos a inteligência global está já madura, sendo que os progressos constatados após essas idades não terão causas biológicas propriamente ditas, mas serão devidos a uma cultura intelectual especial.

(1) Movimentos supérfluos que acompanham determinado movimento.

através de sua "Escala" a avaliação aproximada do grau de desenvolvimento motor em que se acha.

TESTES DA ESCALA D'OZERETZKY

Para 6 anos

- 1 — Saltar uma corda na altura de 17 cms.
- 2 — Levantar-se nas pontas dos pés.
- 2 — (bis). Curvar-se e empertigar o corpo, estando nas pontas dos pés.
- 3 — Saltar, do solo, sobre um degrau de escada de 15 cm. de altura.
- 4 — Balançar uma perna, sem curvar o tronco.
- 5 — Manter-se sobre um pé.
- 6 — Agachar-se.
- 7 — Descer correndo uma escada de 10 degraus.
- 8 — Saltar d'uma cadeira ao chão.
- 9 — Bater um prego.
- 10 — Aparar com a mão direita uma bola atirada de uma distância de 70 cms.
- 11 — Fazer girar os braços em volta dos ombros durante 10 segundos.

Para 7 anos

- 1 — Manter-se de pé sobre um só pé, os olhos fechados, durante 10 segundos.
- 2 — Agachar-se. (O mesmo teste de 6 anos).
- 3 — Bater um prego.
- 4 — Fazer ponta num lapis. (Duração máxima de 2 minutos).
- 5 — Aparar com as duas mãos uma bola lançada duma distância de 1,40.
- 6 — Aparar com a mão esquerda, uma bola lançada de uma distância de 70 cm.
- 7 — Acertar num alvo com uma bola à distância de 1,40.

- 8 — Rotação dos braços. (O mesmo teste de 6 anos).
- 9 — Fazer um nó.
- 10 — Carregar um copo d'água, cheio até o bordo, com o braço estendido a uma distância de 2,10 (Duração máxima de 20 segundos).
- 11 — Saltar com um pé e ao mesmo tempo fazer girar o braço oposto.
- 12 — Tocar a ponta do nariz com o index, os olhos fechados.

Para 8 anos

- 1 — Caminhar com uma caixa de fósforo colocada sobre o pé.
- 2 — Fazer um nó. (O mesmo teste de 7 anos).
- 3 — Fazer ponta num lapis. (" ").
- 4 — Transportar um copo d'água (" ").
- 5 — Saltar sobre um só pé e girar o braço oposto. (O mesmo de 7 anos).
- 6 — Fazer girar os 2 index, um em volta do outro.
- 7 — Acertar num alvo com uma bola, a uma distância de 1,40.
- 8 — Aparar com a mão direita uma bola atirada duma distância de 1,40.

— X X X —

Charlotte Buhler (2) estudando o desenvolvimento geral da criança no nascimento aos 6 anos, incluiu entre os seus testes os de motricidade.

Para os seis anos pede a autora:

1.º) Que a criança copie corretamente uma cercadura composta de círculos, triângulos e cruzes.

2.º) Que apanhe um objeto, devendo para conseguir, desatar um cordão.

(2) "Testes para a primeira infância".

3.º) Que faça, com traços definidos, algum desenho no papel.

Esse contróle muscular no uso do lapis é exigido na escala Binet-Terman, ligado à coordenação visual, para a criança de 4 anos apenas.

Encontramos para esta última idade o teste da cópia a lapis de um quadrado, sendo que para os 7 anos é pedida a cópia a tinta de um losango.

A habilidade em dar um laço duplo (de duas pontas) que parece ao adulto bastante simples é ali indicada entre os testes para os 7 anos. Notamos que, mesmo a esta idade, muitas das nossas crianças não conseguem vencer essa dificuldade.

O desenvolvimento motor, mostram-nos, assim, inúmeras experiências, não é, cousa arbitrária e sem significação psicológica e pedagógica, mas se prende estreitamente a todo o desenvolvimento do indivíduo.

Buscando estudar e acompanhar de perto na escola o progresso da criança, voltemos as vistas para sua psico-motricidade e encontraremos ensinamentos preciosos para melhor atendermos às suas necessidades.

8.º CAPÍTULO

DESENHO

Buscando conhecer o grau de desenvolvimento de uma criança, a psicologia tem voltado suas vistas para o desenho como manifestação de seu estado de espírito além da coordenação visual motora.

Observando-se os desenhos espontâneos de uma criança em várias idades, percebe-se que eles obedecem a uma certa evolução: — na maior ou menor habilidade em traçar linhas e formas, nota-se maior ou menor progresso no desenvolvimento mental revelado.

Tem-se constatado um estreito paralelismo entre os detalhes que a criança representa em seu desenho e a forma-

ção das idéias — entre os progressos gráficos e os verbais de uma mesma criança. (1)

Sílvio Rabelo, professor da Escola Normal de Recife, tendo feito vários estudos sobre o desenho infantil, nos diz: (2) "A linguagem e o desenho constituem o caminho mais seguro para atingir-se a estrutura do pensamento infantil, a marcha de seu raciocínio e de sua lógica."

Já M. Luquet, (3), Piaget, (4) Rouma (5) e muitos outros, têm assinalado a ligação existente entre o desenho da criança e seu desenvolvimento mental.

Vemos que, desde muito cedo, a criança começa a manifestar por rabiscos e garatujas a imagem que adquire das cousas. Vemos também que esses rabiscos vão se precisando e aperfeiçoando segundo a idade e o desenvolvimento de cada um. Constituem, êles, diz a professora Ormindia I. Marques, o fundamento primordial da escrita.

Experiências realizadas por meio do teste do desenho de um homem, de Goodenough, tem-se comprovado com nitidez as fases de evolução do desenho infantil. Representando nos primeiros anos o homem composto apenas de cabeça e pernas, a criança vai aperfeiçoando, dia a dia, esta representação. Os vários característicos da figura humana, observa Miss Goodenough, vão parecendo nos desenhos infantis pouco a pouco, cada vez mas distintos e bem proporcionados.

Desenhado a princípio o homem de frente, passará, numa fase de maior progresso, a representá-lo de perfil passando, porém, por um período de transição em que apenas alguns traços aparecerão de perfil enquanto outros figurarão ainda de frente.

-
- (1) "Testes" — C. Rocha e B. de Andrada.
 - (2) "Aplicação dos testes Decrolianos.
 - (3) Les dessins d'un enfant.
 - (4) Le jugement et le raisonnement.
 - (5) Le langage graphique de l'enfant.

Lena Padridge (1), fazendo inúmeras pesquisas sobre o desenho da figura humana por crianças, constatou esse gradativo aparecimento das várias partes do corpo humano e sua representação, cada vez mais aperfeiçoada, segundo desenvolvimento da criança. Notou ainda, que dos 6 aos 9 anos esses desenhos são uma mistura entre o perfil e a representação de frente: — estão na fase de transição para o perfil completo.

Segundo as suas pesquisas sobre desenhos infantis dos 3 aos 13 anos, a representação do corpo e de todas as suas partes principais deve estar comprovada nos *desenhos antes dos 5 anos*.

Baseada na presença ou ausência dos principais característicos da figura humana, Miss Florence Goodenough organizou entre crianças americanas uma escala para a avaliação do seu desenvolvimento, a qual transcrevemos a seguir.

PROGRAMA PARA ANÁLISE DO DESENHO, SEGUNDO O MÉTODO DE MISS FLORENCE GOODENOUGH

1. Presença da cabeça .
2. Pernas.
3. Braços.
4. Tronco.
5. Comprimento do tronco maior que sua largura.
6. Espáduas.
7. Braços e pernas ligados ao tronco.
8. Pernas ligadas ao tronco. Braços ligados ao tronco no lugar exato.
9. Pescoço.
10. Contorno do pescoço continuando o da cabeça ou do tronco.
11. Olhos.
12. Nariz.

(1) "Testes" C. Rocha e B. Andrada.

13. Bôca.
14. Bôca e nariz representados em duas dimensões; os dois lábios ligados.
15. Narinas.
16. Cabelos
17. Cabelos desenhados ultrapassando a circunferência da cabeça; não transparentes; o processo do desenho é superior a uma simples garatuja.
18. Roupas presentes.
19. Duas peças de roupa não transparente.
20. Desenho completo sem transparência, mangas e as calças indicadas.
21. Quatro ou mais peças do vestuário definitivamente indicadas.
22. Terno completo, sem incoerência.
23. Dedos da mão.
24. O número de dedos correto.
25. Dedos, em duas dimensões; comprimento maior que largura; o ângulo entre os dedos não superior a 10°.
26. Oposição do polegar.
27. Mão indicada, distinta dos dedos e do braço.
28. Articulação do braço indicados: — cotovelo, das espáduas ou de ambos.
29. Articulação da perna: —do joelho, da coxa ou de ambos.
30. Cabeça em proporção.
31. Braços em proporção.
32. Pernas em proporção.
33. Pés em proporção.
34. Braços e pernas desenhados em duas dimensões.
35. Calcanhares.
36. Coordenação motriz, primeiro grau.
37. Coordenação motriz, segundo grau.
38. Contorno da cabeça.
39. Contorno do tronco.
40. Contornos dos braços e das pernas.
41. Feições.

42. Orelhas.
 43. Orelhas situadas corretamente e com proporções.
 44. Partes dos olhos: — sobrancelhas ou cílios.
 45. Partes dos olhos pupila.
 46. Partes dos olhos proporção dos olhos.
 47. Partes dos olhos olhar dirigido para frente no desenho em perfil.
 48. Queixo e testa indicados.
 49. Projeção do queixo.
 50. Desenho do perfil sem mais de um êrço.
 51. Perfil correto.

Destacados os elementos a serem valorizados no desenho (um ponto para cada elemento) a autora estabeleceu a referida escala indicando a seguir o total médio de pontos conseguidos pelas crianças de 3 a 13 anos.

Entre as crianças norte-americanas o número médio de pontos obtidos foi o seguinte:

6 anos:	14 pontos.
7 " "	18 " "
8 " "	22 " "

Por meio desses pontos de referência poderemos avaliar o desenvolvimento mental de uma criança através de seu desenho. Conheceremos se está igual, superior ou inferior à média das crianças de sua idade.

Tendo sido o teste Goodenough aplicado em 1930 a cerca de 500 crianças de Belo Horizonte (dos 7 aos 11 anos) (1) e no Rio a mais 3.000, dos 3 aos 15 anos (2) faremos a seguir a comparação entre esses resultados e os de Miss Goodenough na Norte-América.

(1) Boletim n. 7 — O desenvolvimento mental das crianças em Belo Horizonte. — H. Antipoff.

(2) Testes — C. Rocha e B. Andrada.

	Número médio de pontos		
	7 anos	8 anos	9 anos
Belo Horizonte	16,8	19	21,3
Rio	15	17	19
Norte-América	18	22	26

Desta comparação conclue-se que os resultados das crianças belorizontinas, como também das do Rio, foram inferiores aos obtidos por Goodenough. Não queremos entretanto assegurar uma capacidade mental maior das crianças norte-americanas. Um teste apenas seria insuficiente para motivar tal asserção. Demais, não cogitamos de analisar aqui todos os proemores das condições em que se realizaram as experiências e se estabeleceram as normas indicadas. Na comparação dos resultados colhidos no Rio de Janeiro com os de Miss Goodenough foi notado, pelos autores da experiência, um fato curioso que dá origem a considerações de ordem pedagógica; é que até a idade de 5 anos as crianças cariocas revelaram-se mais desenvolvidas obtendo maior número de pontos;

aos 6 anos os resultados foram equivalentes, e a partir desta idade, época em que ingressam as crianças nas escolas, foram sensivelmente inferiores aos de Miss Goodenough.

Tal observação faz lembrar a grande atenção dada na América ao ensino do desenho, enquanto em nossas escolas essa atividade está ainda em segundo plano.

Em Belo Horizonte tal observação não pôde ser comprovada por só terem sido examinadas crianças de 7 e mais anos de idade.

Aplicação para o desenho

O Dr. Decroly estabeleceu uma série de testes no sentido de pesquisar a capacidade para o desenho (1).

(1) Testes Decrolyanos — Sílvio Rabelo.

Consistem êsses testes em fazer desenhar de memória, certos aspectos não habituais (para haver espontaneidade) de objetos conhecidos.

1.º teste — Desenho de um homem que passa na calçada e visto da janela.

2.º teste — Desenho de um balão que passa pelo alto.

3.º teste — Desenho de uma rua vista de um aeroplano.

Analisando os resultados do Dr. Decroly notou vários etapas no desenvolvimento revelado.

1.ª etapa — Desenho do aluno e do homem na rua; do aluno e do balão; do aluno e da rua.

2.ª etapa — Desenho do homem na calçada, sendo figurado de lado e de corpo inteiro; igualmente quanto ao balão e à rua.

3.ª etapa — Desenho de uma parte das pessoas e objetos, porém representados em plano vertical.

4.ª etapa — Desenho correspondente exatamente à questão, embora com defeitos nas proporções e certos pormenores.

5.ª etapa — Desenho perfeito quanto à exatidão e representação mental.

Baseado nos resultados colhidos entre as crianças belgas, o Dr. Decroly chegou, entre outras, às seguintes conclusões:

1.ª Os desenhos feitos por crianças abaixo de 8 anos e pertencentes às 2.ª, 3.ª, 4.ª etapas são indícios de alguma propensão para o desenho.

2.ª Os desenhos da 1.ª etapa em crianças de mais de 8 anos indicam inferioridade e indisposição para essa atividade.

Entretanto, o professor Sílvio Rabelo, na aplicação dos testes do Dr. Decroly a 1400 crianças pernambucanas encontrou resultados bastante inferiores aos das crianças belgas não podendo assim chegar a conclusões semelhantes.

Observou o professor Sílvio Rabelo:

a) Que com menos de 8 anos os desenhos das crianças pernambucanas eram pertencentes em sua grande maioria à 1.ª etapa parecendo haver entre êles bem poucos da 2.ª ou intermediários (indécisos). Segundo o critério do Dr. Decroly, seriam, pois casos excepcionais as crianças aptas para a atividade em questão. O professor Rabelo notou ainda serem muitos raros entre as crianças pernambucanas os desenhos pertencentes à 3.ª etapa, que só aos 10 anos aparecem os da 4.ª fase estabelecida pelo Dr. Decroly.

Essas observações nos revelam realmente um sensível atraso das nossas crianças comparadas às da Bélgica. O professor Rabelo, entretanto, a atribuiu muito logicamente essa inferioridade de resultados aos métodos de ensino. Sabemos que na Bélgica o desenho representa na escola uma atividade tão viva como a leitura e escrita, consistindo nos métodos "Decroly", lá tão usados, o terceiro passo de qualquer lição — a expressão.

Em nossas escolas infelizmente essa atividade não recebe ainda o necessário cuidado, não tendo lugar de destaque entre as demais. E' de se supôr que a importância dada lá na Bélgica à expressão gráfica, o seu exercício contínuo, acabará despertando o interesse da criança, desenvolvendo sua habilidade em desenhar, criando mesmo certas disposições que se manifestarão em aptidão.

Já Claparède estudando as aptidões considera entre as *aptidões educáveis* as que dependem de coordenação motriz, portanto, o desenho.

Concluiremos ao fim dêsse pequeno estudo: — 1.º) que o desenho, atividade de tão larga aplicação na vida prática, é não só um meio para o conhecimento da criança, mas também fonte preciosa a explorar e desenvolver.

2.º) o desenho revela observação, visão clara das coisas, enfim desenvolvimento mental.

3.º) o desenho, tão estreitamente ligado às funções mentais, deve ser utilizado o mais possível na escola como valioso instrumento de progresso.

9.º CAPITULO

INTERESSES E ASPIRAÇÕES

Os interesses na criança são "sintomas de necessidade de crescimento do espírito ou do corpo (1), por isso, variam à medida que ela se desenvolve. Os interesses são, pois, (dizemos a psicologia e a observação nos aponta) diferentes para a criança e o adulto, variam entre as diversas crianças e na mesma criança, segundo a idade, a educação, o sexo, o ambiente. A criancinha que aos 2, 3 anos se contenta em satisfazer a sua gulodice, manejar os objetos a seu alcance, mover-se livremente daqui para acolá, repetir as palavras ouvidas, etc., já aos 6, 7 anos terá muitas outras ambições e curiosidades a indicarem uma imaginação em atividade, um intelecto em evolução. Essa mesma criança terá em sua adolescência o despertar de uma personalidade, novas aspirações e preocupações.

Tem-se verificado realmente que os interesses ou as tendências, nascem nos indivíduos, uma após outras, em certa ordem que corresponde à marcha do desenvolvimento de cada um, isto é, ao aparecimento de determinadas funções ou aptidões. "Da natureza das atividades (a que se entrega a criança) se deduzirão os interesses que as tenham suscitado, e desses interesses se inferirão as necessidades em cada etapa do desenvolvimento, porquanto os objetos interessam os meninos apenas quando lhes corresponde a alguma necessidade" — Afirma-nos o professor Claparède.

Destas palavras brotadas de um espírito profundamente conhecedor da natureza humana deduziremos a importância da observação dos "interesses" para o conhecimento e educação da infância. Si essas forças propulsoras existem no indivíduo, a educação, para ser eficiente, terá de tomá-las em consideração, cultivá-las, orientá-las ou desviá-las, si preciso,

(1) Claparède — Psicologia da criança.

porém, e nunca abandoná-las como inexistentes ou superfluas.

Vários autores têm procurado estabelecer as etapas seguidas na evolução dos interesses. Conseguiram parece, salientar os interesses dominantes em cada período da vida, notando-se, entretanto, que esses períodos não têm idade fixa e que encerram outros interesses, porém fortuitos ou momentâneos, surgidos por necessidades particulares.

São três as etapas que Claparède considera na evolução dos interesses humanos:

- 1.ª Aquisição, (de experiências), experimentação
- 2.ª Organização, apreciação, elaboração.
- 3.ª Produção, (ação, irradiação da personalidade).

Cada etapa é subdividida em *períodos* que indicam uma transição na evolução.

Segundo esta divisão de Claparède, a criança aos 7 anos tende a passar do 3.º ao 4.º período na 1.ª etapa. Já atravessou a fase das puras percepções concretas do 1.º ano de vida, a da aquisição da linguagem do 2.º e 3.º anos, e passa então da fase dos "interesses gerais e despertar da inteligência" para a dos "interesses especiais e objetivos". A partir dos 7 anos, irá a criança passar dos interesses subjetivos para os objetivos, da atividade indeterminada para a especializada no sentido de que, explica o autor, antes agia somente pelo prazer de agir, de "pôr em jôgo suas funções motoras" e agora, quer já "ter uma finalidade (externa) em suas atividades, interessando-se pelos resultados de seus esforços".

Já não haverá somente a preocupação de satisfazer as tendências naturais mas as qualidades, as cousas em si já despertarão o interesse.

Si, antes, numa fazenda, o monte de café constituia apenas para a criança um motivo para brincar, já agora o café em si, as suas qualidades atrairão sua atenção.

Vê-se que cada interesse vai progredindo em certas direções bem definidas, diz ainda Claparède. Assim, o prazer de amontoar, de possuir objetos desordenadamente, irá objetivar-se no gosto pelas coleções, cada vez mais aperfeiçoadas.

Conversando com crianças de 7 anos que frequentam o 1.º ano escolar das Classes Anexas à Escola de Aperfeiçoamento vimos que algumas delas já se interessam pelas coleções: uma guarda retratos de Shirley, outra, de todos os artistas; um pequeno colecionador borboletas, outro, marcas de cigarro.

Quanto aos jogos preferidos por essas crianças, verificamos que encerram já certa atividade coordenada e dirigida. As meninas preferem o brinquedo de boneca, de "cabinha", da "maré", e os meninos gostam do "pegador" da "cabra cega", de construções com toquinhos, etc.

As realidades concretas dos primeiros anos, diz-nos Vermeylen (1) vão sendo substituídas por símbolos: as atividades puramente materiais vão cedendo lugar a outras de ordem abstratas; "uma multidão de interesses novos irrompem... relacionadas a tudo o que possa pôr em ação a ideiação, a fantasia imaginativa"... afirma Claparède. Si a princípio manifestem as crianças o ideal de se parecerem com os pais ou pessoas da família, mais tarde já querem se assemelhar a contemporâneos célebres, heróis da História ou dos livros.

Nota-se a tendência ao alargamento do campo de atividade — a realidade parece não satisfazer às necessidades da imaginação que se torna prodigiosa — Embora aos 7 anos as crianças gostem ainda de histórias reais, preferem muitas vezes as fantásticas, de fadas e gigantes. A história de "Chapeuzinho Vermelho", encerrando cenas fantásticas ao lado de

(1) Psicología del niño y del adolescente.

outras reais, é em geral apreciada por tôdas as crianças dessa idade.

Do mesmo modo, as de D. Baratinha e da Formiguinha em que os animais refletem e falam, são grandemente apreciadas.

A imaginação ligada à necessidade motora e ao instinto de imitação, parece ser a fonte das "dramatizações", atividades tão características aos 7 anos.

A criança quer se fazer de fada, gigante, selvagem, etc. podendo adquirir, dêsse modo, muitas atitudes e conhecimentos — apoderar-se-ão de uma noção mediante todos os sentidos e faculdades.

Falando do interesse como manifestação de necessidades a serem atendidas, queremos lembrar ainda a "curiosidade infantil" como expressão de interesses intelectuais e preciosa fonte de desenvolvimento. Sem ela, diz-nos ainda Claparède, "nenhum enriquecimento do espírito seria possível".

10.º CAPITULO

LEITURA

Ao início do ensino escolar, necessário se torna, ao pedagogo, examinar si a criança está em condições psico-físicas favoráveis ao aprendizado; cumpre-lhe conhecer a fragilidade ou solidez do terreno onde vai construir.

Entre os autores que têm se preocupado com esta questão de tão alto valor pedagógico, podemos citar V. Vaney, Stanley Hall, Simon.

De vários estudos até então realizados, podemos concluir, diz o professor Lourenço Filho (1), que há um problema da *maturidade* ou *crescimento* interno básico no aprendi-

(1) "Testes A. B. C."

zado e não manifestado por todos os indivíduos numa mesma época ou idade.

Empiricamente tem se chamado idade *escolar* os 7 anos, sendo fácil, entretanto, observar que algumas crianças com menos de 7 anos possuem já o desenvolvimento geral suficiente para vencer dificuldades da leitura e escrita, enquanto outras não o atingiram ainda aos 7 ou 8 anos.

Necessário se torna, pois, que cada vez mais, se procure conhecer a criança, afim de que lhe sejam ministrado ensinamentos adequados às suas possibilidades.

O aprendizado da leitura e escrita exige por parte do aprendiz, coordenação visual-motora e auditiva da palavra, certa estabilidade de atenção, certa resistência à fadiga, além de um vocabulário mais ou menos desenvolvido. Sem tais condições, a interpretação e grafia dos símbolos se tornariam impraticáveis certamente.

Os testes A. B. C. apresentados pelo professor Lourenço Filho, não se referindo às funções gerais abstratas como memória, atenção, imaginação e raciocínio, mas levando a criança a um trabalho semelhante, em sua estruturação, ao trabalho da própria leitura e escrita, favorecem o conhecimento do grau de maturidade em que se acha cada escolar.

Analisando as funções mentais que se põem em atividade ao se aprender a leitura, nos diz Dottreus, (2) percebe-se que duas funções distintas se exercitam: a *função visual* e a *função motriz* da linguagem, não se falando das atividades de ordem mais elevada, que intervêm na compreensão do sentido do texto.

A psicologia nos tem mostrado que a criança percebe o mundo exterior de modo bem diverso do adulto. Nela predomina o que Claparède e Piaget chamam o "sincretismo", isto é, a visão do conjunto, chamada por Deeryol "função globalizadora". E' uma visão geral compreensiva, observa

(2) El aprendizaje de la lectura".

Dottreus, porém, obscura e inexacta, nada tendo de comum com a percepção do complexo.

"Para uma pessoa que já penetrou o mecanismo da linguagem e escrita, a letra é mais simples que a sílaba e esta mais simples que a palavra, para o menino, porém, que vê pela primeira vez um texto escrito, a palavra e a frase formam um debuxo cuja fisionomia geral atrai muito mais que as letras, que ele nem percebe".

Também a experiência nos diz que a criança vê o todo como uma unidade, constituindo isto para ela o *simples*, enquanto para o adulto, já familiarizado com a análise, o simples é o detalhe.

Baseado nesta percepção sincrética da criança temos o *método global* para o ensino da leitura, método este, que inteligentemente aplicado, deverá produzir excelentes resultados, uma vez que, contrariamente ao *método fonético*, atende às reações do espírito infantil e acompanha as leis de seu desenvolvimento.

11.º CAPITULO

ESCRITA

Dottreus faz ver ainda, que as relações das demais categorias de percepção para com a atividade mental não diferem das da visão:—são todas as nossas percepções, a princípio, globais, especialmente as auditivas, cutâneas e motrizes. Assim sendo, a escrita, que é uma aprendizagem motriz, porém ligada às atividades do pensamento, deverá ser ensinada em harmonia com os princípios psicológicos já conhecidos:—si a criança tem dificuldade em perceber a letra isolada, tê-lá-há, do mesmo modo, em sua grafia.

Tanto quanto a leitura, está a escrita presa à necessária maturidade psico-física de que já falámos. A escrita, diz a professora Ormindá I. Marques, (1) "é aprendizagem

(1) "A escrita na escola primária".

motriz cujos sinais são complexos e exigem desenvolvimento sensório-muscular bastante elevado. E' um jogo de movimentos coordenados, de ações musculares que, sem certas condições de maturidade, não se estabelecerão normalmente num individuo".

Encontramos em nossas escolas, grande número de crianças que ali permanecem por vários anos sem, entretanto, conseguir aprender a ler ou a escrever.

Não serão esses escolares, vítimas de deficiências fisiológicas ou psicológicas perturbadoras da marcha de sua aprendizagem? Ou serão ao contrário prejudicados por métodos impróprios, que não levem em consideração as tendências e capacidades que possuem?

Em lugar de despendar talvez, um esforço deverá fatigante e muitas vezes improficuo, ou de abandonar como *incapazes* tantas e tantas crianças, o pedagogo, cõncio de sua tarefa, pesquisando as causas de fracasso e atendendo a deficiências encontradas, poderá conseguir um mais abundante fruto em seu trabalho. Sondando as capacidades de seus alunos, orientando seus métodos segundo as leis da psicologia infantil, logrará por certo eficazmente, arrancar das trevas da ignorância e analfabetismo, um maior número entre aqueles que tão confiantemente lhe são entregues.

CONCLUSÕES

Tentamos apresentar, em traços gerais, neste pequeno estudo, um perfil físico e psíquico da criança aos 7 anos de idade.

A' medida que falámos de um característico particular da criança, sugeríamos um processo escolar, uma atividade favorável, dando assim um cunho prático ao nosso trabalho.

E' aos 7 anos que a criança, deixando o período de relativa liberdade em que vivia, se encaminhará para os bancos escolares onde receberá o influxo direto do educador, dos métodos empregados, do material, enfim, de todo aquele no-

vo ambiente onde verá decorrer um período importante de seu viver.

Ser-lhe-á benéfica e salutar essa influência se atender às leis de seu desenvolvimento, se acompanhar, estimulando e orientado o desabrochar de suas forças íntimas, aprimorando e fortalecendo as boas tendências em seus princípios, enquanto são afastadas ou substituídas as más inclinações.

Mas, que representa a criança aos sete anos?

Um ser já modelado em certos princípios, pouco modificável, de algum modo apto a conseguir por seu esforço a expansão completa de sua individualidade, ou ao contrário, um ser que necessita ainda amparo, cultivo, direção sob todos os pontos de vista, tenro e amoldável como a "cera-mole" pronto a tudo receber e a integrar-se a todas as influências exteriores?

No seu aspecto físico vimos que a criança é ainda um ser em franca evolução. Ser frágil, com seu organismo que cresce, necessitando como a planta delicada, cuidados especiais. Todo excesso no trabalho, nos exercícios, toda falha na alimentação, na hygiene, na manifestação natural das forças que estão imanescentes — viriam perturbar a formação de um ser sadio, em seu pleno desabrochamento.

No ponto de vista psíquico não são menores as necessidades da criança. Muito ao contrário, mais desvelada, ativa, eficiente é a assistência que exige o seu desenvolvimento intelectual e moral. Para que serviria o individuo robusto e vigoroso em seu físico, porém bronco no intelecto, covarde e mesquinho de coração?

E' aos 7 anos que a atividade do intelecto se intensifica. Uma curiosidade infatigável atesta a avidez de conhecer, reclama para o crescimento das forças intelectuais, recém-surtidas, esclarecimentos ponderados, proporcionados a uma compreensão limitada.

Grande é a responsabilidade do educador em face da curiosidade infantil!

Esse interrogar ininterrupto é como "porta aberta" à penetração de luzes e direção ao espírito. Orientar e estimu-

lar criteriosamente as perguntas da criança é promover o seu natural desenvolvimento. Paralisada a curiosidade pelo menosprezo ou pelo temor, será estancada a mais preciosa fonte do saber, serão atrofiadas as forças que queriam, que tinham o direito de se expandir, crescer, alargar-se.

Por outro lado, se satisfeita erroneamente, ou mal dirigida essa avidez de tudo conhecer e saber, tornar-se-á pernicioso instrumento que desviará do caminho da verdade e do bem um espirito, deformando uma consciência.

O intelecto da criança é ainda rudimentar, não está preparado a receber e assimilar todos os conhecimentos. A percepção, as concepções infantis são ainda deficientes e somente pouco a pouco, gradativamente, irão se esclarecendo e progredindo.

Cabe ao educador "descer ao nível da criança", compreendê-la, pesquisar as suas possibilidades e inclinações, adaptar o seu ensino à mentalidade infantil, estreita, obscura, grotesca, e, progressivamente ir alargando-a esclarecendo-a, elevando-a.

Os interesses infantis são necessidades inadiáveis: — são alguns incontestáveis, e surgem sob vários aspectos, em determinados períodos da vida.

São eles fontes de energia interior, de concentração, de esforços duradouros: — Necessário se torna atender a esses interesses, satisfazê-los dirigi-los. E' baseado no interesse que o ensino será eficiente, frutuoso, promovendo a verdadeira aprendizagem — aquela que, modificando o interior, se reflete na conduta do individuo.

Numa palavra diremos que a criança, aos sete anos, está ainda numa fase de profunda dependência das influências exteriores, e que segundo os cuidados que receber, os princípios que lhe forem pouco a pouco implantados no espirito será modelada a sua personalidade em formação.

A' escola, ao educador cabe trabalhar infatigavelmente, com o melhor de suas energias para que todas as boas

sementes, lançadas por mão divinas nas alminhas que guiarão com seu ensino, germinem, cresçam, frutifiquem em toda sua plenitude. Que não se percam por uma educação mal orientada nenhuma das forças íntimas, talhadas a contribuir à formação do homem integral, do cidadão equilibrado, apto a exercer com eficiência as finalidades a que é destinado.

BIOGRAFIA DA 2.ª PARTE

- 1 — Melle. Descoedres — Le developpement de l'enfant de deux a sept ans.
- 2 — Melle. Descoedre — Forme, couleur ou nombre. Arch. de Psych. Genebra 1914.
- 3 — Piaget — Le langage et la pensée chez l'enfant.
- 4 — Piaget — Le jugement et le raisonnement chez l'enfant.
- 5 — M. Luquet — Les dessins d'un enfant.
- 6 — Claparède — Psicologia da criança.
- 7 — Vermeylen — Psicologia del niño y del adolescente.
- 8 — Iago Pimentel — Noções de psicologia.
- 9 — Gates — Psicologia para estudantes de educação.
- 10 — Lourenço Filho — Testes A. B. C.
- 11 — Dottreus — El aprendizaje de la lectura.
- 12 — O. Marques — A escrita na escola primária.
- 13 — E. Bonaventura — De la infancia a la adolescência.
- 14 — C. Rocha e B. Andrada — Testes.
- 15 — Silvio Rabelo — Aplicação dos testes Decrolianos.
- 16 Silvio Rabelo — Psicologia da infância.
- 17 — Monchamp et Moritz — Les etapes mentales de l'observation des images.
- 18 — Segers — La perception visual.
- 19 — C. Waddle — Child Psychology.
- 20 — Jouckeere — Pedagogie expérimentale.
- 21 — Rouma — Le langage graphique de l'enfant.

22 — Binet — Perceptions d'enfant — Revue Physiologique — Paris, 12 de 1890.

23 — Binet et Simon — Le développement de l'intelligence chez les enfants. Paris 1908.

24 — Binet-Terman — Escala de inteligência.

25 — Mme. Antipoff — L'évolution et la variabilité des fonctions psychomotrices.

26 — Mme. Antipoff — O desenvolvimento mental das crianças de B. H.

Sociedade Pestalozzi

Consultorio Médico-Pedagógico

*Para crianças retardadas, nervosas,
com perturbações da linguagem,
surdas-mudas, com defeitos de ca-
rater, anomalias de crescimento, etc.*

As segundas e quartas-feiras de 8 ás 11 horas

Rua Ouro Preto, 629

Belo Horizonte

Gratuito para crianças pobres

Origem: Doação

Preço: _____